ISSN: 1645-4790

5
junho 2004

missão espiritana

revista das circunscrições espiritanas lusófonas

Fontes espiritanas • A Missão Espiritana hoje • História e Figuras Espiritanas • Espiritualidade • Testemunhos da missão • Biblioteca Espiritana

BV2300
.H65
M5
no. 5
Jun.
2004
Spiritan
Coll.

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ficha Técnica

Título:
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das circunscrições espiritanas lusófonas

Director e Sub-Directores:
P. José Manuel Sabença (Superior Provincial de Portugal);
P. Barnabé Sakulenga (Superior Provincial de Angola);
P. Gilberto van Tel (Superior Provincial de Brasil);
P. Manuel Martins N. Ferreira (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Conceição Sousa (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

Conselho de Redacção:
Nuno Rodrigues (Cabo Verde); Torres Neiva, Fátima Monteiro, Rosa Braga (Portugal), Jerónimo Cahinga (Angola); Pedro Fernandes (Moçambique); Haroldo Evaristo Alves (Brasil)

Comité de Redacção:
Alfredo Teixeira; José Manuel Sabença; António Santos Moreira; Mário Faria Silva; Fátima Gama; António Joaquim Galvão

Proprietário:
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Direcção, Administração, Assinaturas:
Rua de Santo Amaro à Estrela, 51
1249-029 Lisboa
Tel.: 213 933 000 - Fax: 213 933 019
missaoespiritana@espiritanos.org

Assinatura 2004: Portugal 12€, Outros Países 15€
Edição Avulso: 7€

Design gráfico e capa:
Victor Silva

Composição, paginação e impressão:
Gráfica Povoense, Lda.

ISSN: 1645-4790

Depósito Legal: 181539/02

Tiragem: 600 exs.

BV 2300
.H65
M5
no. 5
Jan. 2004
Spr.
Coll.
021345841

sumário

- Editorial 3

- Fontes Espiritanas:
  Os Espiritanos na América Latina
  – por ANTÓNIO FARIAS 5

- Missão Espiritana Hoje:
  Missão das Espiritanas no Brasil
  – por MARIA APARECIDA MEIRELES CARDIAIS 25
  O Evangelho na Cidade
  - por LUÍS PEDRO ADEGANHA 31
  Inícios da Missão Espiritana na Bolívia
  - por ADALBERTO FERIZINI 37

- História e Figuras Espiritanas:
  Missão Espiritana no contexto Eclesial da América Latina
  – por PEDRO IWASHITA 45
  Missão Espiritana no Paraguai
  - por ALBINO VITOR M. OLIVEIRA 53

- Espiritualidade:
  Espiritualidade Latino-Americana para o nosso tempo.
  Uma lição para o resto do Mundo?
  - por DAVID REGAN 61

- Testemunhos da Missão:
  Experiência e perspectiva Laical da Missão Espiritana na Bolívia
  - por MARIA JESUS DE SOUZA 69
  Solidariedade interna e internacionalidade
  - por GUILLERMO GIL-TORRES 73

- Biblioteca Espiritana:
  Reflexão sobre o Carisma Espiritano de 1703 a 1839
  - por Henry J. Koren 77
  A Religião na América Latina
  - por ALFREDO TEIXEIRA 89

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library

Congregation of the Holy Spirit
USA Eastern Province

editorial

Com mais uma edição da Revista Missão Espiritana de conteúdo missionário e missiologia das Circunscrições Espiritanas Lusófonas pretendemos dar relevância ao pensamento espiritano na América-Latina.

Partimos de uma abordagem audaz - questão perene no seio da Família Espiritana e, sem dúvida, uma das aspirações mais decisivas nestes 301 anos de vida e humanidade da Congregação – espiritualidade e missão espiritanas.

Com o Pe. António Farias procuramos (re)viver, justificar e apoiar a presença e missão espiritanas no Brasil, no Paraguai, no México e na Bolívia. O Pe. David Regan convida-nos a reflectirmos sobre um processo de libertação, enquanto sinal originário de espiritualidade de um mundo vivido em ambiente de pobreza e que bem pode servir de lição para o resto do Mundo.

O Pe. Pedro Iwashita reportando-se à conferência do episcopado latino-americano de Medellín aponta para um processo de convergência e divergência da originalidade e formação da vida religiosa latino-americana a partir da conjugação de uma postura de abertura ao Evangelho e da responsabilidade evangelizadora da Igreja no Mundo de Hoje.

A união de esforços e virtualidades humanas, especialmente relacionadas com os desprezados, produz uma clara apreciação da missão espiritana. Consciente de alguns cuidados necessários, o Pe. Adalberto Ferezini recontextualiza a exclusão social, a pobreza, o encontro de povos e culturas que pugnam pela sua identidade e história sedentos de evangelização mas, que facilmente, comporta e assume os perigos de uma religiosidade popular. A mesma preferência pela espiritualidade e missão espiritanas nos apresenta a leiga María Jesús no compromisso ou aprendizagem de crescimento em consciência, fé e amor de uma partilha e vida espiritana.

A Ir. Maria Aparecida surpreende-nos, pela positiva, com uma Mística que permite um serviço de entrega aos outros e uma formação pastoral enriquecida pela grande diversidade cultural brasileira. Também no Paraguai a interculturalidade pede ao missionário um estudo, um aprofundar, um estar com eles, como sendo um deles nos lugares para onde a Igreja dificilmente encontra obreiros num trabalho de evangelização em equipa internacional, mas sempre unidos pelo mesmo Espírito e missão como nos diz o Pe. Vítor.

Num contexto de vidas contrariadas ou de contradições, o Pe. Luís Pedro espelha o espaço nordestino brasileiro. O «ouro negro» - extracção da borracha moveu milhares de pessoas para este paraíso de potencialidades e contrastes. São os contrastes humanos e geográficos que dificultam o trabalho de Igreja. Uma das sugestões possíveis apontadas para minimizar os

contrastes, bem poderia ser uma nova lógica de convivência e integração das pessoas.

Estabelecendo uma ligação entre o ideal de uma paz interior e a necessidade urgente e sempre presente de uma missão junto dos mais pobres e abandonados, o Pe. Koren constrói o carisma espiritano do Pe. Poullart des Places a partir dos estudos de S. Bento, de S. Francisco de Assis, de S. Inácio e da força com que o Espírito Santo tem guiado a Congregação ao longo dos anos.

É junto dos mais necessitados que se procura mostrar até que ponto o projecto missionário espiritano para a América-Latina transmite um ideal de amor e paz, de construção de Igreja profundamente dinamizadora de uma sociedade mais humana e mais fraterna.

Os diferentes artigos, cujo ponto de vista é irmanado no mesmo carisma, permitem-nos perceber o modo como a Igreja na América-Latina retomou a herança de um Império Colonizador assumindo ou não fortes responsabilidades político-sociais.

A grande questão que paira nos diferentes artigos é a de saber o que é que acontecerá no futuro! A falta de respeito pelas culturas autóctones, que o Venerável Padre Libermann condenava, relativizou-se devido à parcialidade ou indiferença das posições modernas ocidentais, hipotecando os desafios que hoje somos chamados a enfrentar e a viver na relação com os demais num contexto intercultural de paciência e acolhimento como podemos verificar pelo testemunho de Guilhermo Gil-Torres.

Merece, ainda acolhimento e reflexão a autoctonização latino-americana de sensibilidade pentecostal, como nos alerta Alfredo Teixeira, procurando um equilíbrio a partir de um exame histórico-cultural, social e moral das suas necessidades e dos seus fins.

O Espírito Santo do Pentecostes está presente e actuante no que é Igreja.

António Joaquim Galvão,
Leigo associado espiritano,
Professor na Escola Superior de Educação de Fafe,
Mestre em Filosofia do Conhecimento e Epistemologia

os espiritanos na américa latina

Os contornos do assunto em questão necessitam de algumas explicações. Assim, neste artigo trataremos da presença e missão espiritanas no Brasil, no Paraguay, no México e na Bolívia, o que configura a América Latina a nível da Congregação do Espírito Santo. (...)
Prever o futuro é sempre difícil. Mas podemos supor que progressivamente os diferentes grupos espiritanos existentes no Sul do Brasil se vão integrando na Província. Devido às distâncias e às suas realidades missionárias bem específicas, Amazónia (Tefé) e Alto Juruá, continuarão como grupos espiritanos internacionais autónomos. No Paraguay e no México os grupos internacionais espiritanos continuarão, talvez contando paulatinamente com alguns membros provenientes desses países. Dependendo do investimento posto na pastoral vocacional, do testemunho missionário espiritano e da colaboração do conjunto da Congregação (África), acreditamos que os grupos espiritanos na América Latina crescerão lenta e progressivamente.

1. Introdução

Os contornos do assunto em questão necessitam de algumas explicações. O título "Os Espiritanos na América Latina" tem a sua delimitação, pois alguns países nos quais os Espiritanos trabalham desde há muitos anos estão excluídos do âmbito deste artigo. Referimo-nos à Trindade e Tobago (língua inglesa) e aos departamentos territoriais franceses das Caraíbas (Guiana, Guadalupe, Martinica) e igualmente a Porto Rico. Por exemplo em alguns destes territórios, como a Guiana Francesa, os discípulos de Cláudio Poullart des Places (1º fundador dos Espiritanos) trabalham desde a 2ª metade do século XVIII. Igualmente no Peru os Espiritanos tiveram duas curtas passagens, de que faço referência. Também neste ano

* António Farias, missionário espiritano, foi missionário no Brasil, animador missionário e responsável da formação em Portugal, membro do Conselho Geral da Congregação desde 1998.

(2004) os Espiritanos iniciaram uma missão na República Dominicana. Assim, neste artigo trataremos da presença e missão espiritanas no Brasil, no Paraguay, no México e na Bolívia, o que configura a América Latina a nível da Congregação do Espírito Santo.

2. Os Espiritanos na Região Amazónica - Brasil[1]

Desejo do Venerável Pe. Libermann

Já em 1844, o Pe. Francisco Libermann[2] tinha planos de enviar missionários para o Brasil, mas, como lhe era habitual, espera pelo momento oportuno, pela hora de Deus. Pensava iniciar a missão no Brasil, a partir de uma fundação espiritana em Espanha, pois dizia: *"estabelecendo-nos em Espanha, facilmente adquiriremos os costumes espanhóis e portugueses que são os do Brasil; e com mais facilidade conseguiremos talvez entrar nesse país, pois já conhecemos a língua. Vivem ali três milhões de escravos negros"* (ND VII, 265). A oferta de uma casa no Rio de Janeiro feita por um rico imigrante francês em 1845 para fundar uma obra da Congregação não se realizou (ND VII, 428-429).

"Vivem ali três milhões de escravos negros"

No tempo do Pe. Inácio Schwindenhammer (1852-1881), sucessor do Pe. Libermann, nos anos 1860, por várias vezes foram ventilados planos para assumir um projecto missionário no Brasil, como testemunha a correspondência mantida entre o Pe. Duparquet e o Superior Geral. O Pe. Duparquet sentiu-se ainda mais estimulado pela retomada de contacto com Dom António Macedo da Costa, recém-nomeado Bispo de Belém do Pará, antigo aluno do Seminário Francês em Roma.

2.1. Belém do Pará - a porta de entrada dos Espiritanos no Brasil

No período colonial, os colégios jesuítas foram os centros mais importantes de formação sacerdotal. Após a reforma pombalina poucos seminários puderam continuar por falta de professores. O remédio para os males da Igreja no Brasil passava pela renovação dos seminários. Perante esta realidade, os bispos fizeram um apelo veemente à colaboração de ordens religiosas da Europa. Dom António Macedo, Bispo de Belém, grande pensador e homem de visão ampla, em Roma na "visita ad limina" contactou o Superior Geral dos Espiritanos, Pe. Ambrósio Emonet, exprimindo-lhe o desejo de "confiar ao Instituto do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria a direcção do seminário menor da diocese" (BG 13, 617ss). Ao seu

---

[1] Na parte histórica utilizamos os seguintes trabalhos: Wenning, Henrique, Cssp - Os Espiritanos no Brasil 1885-1950 e 100 Anos de Presença Espiritana em Tefé, de vários autores, em especial o Pe. Gruyters António, Cssp.

[2] O Pe. Francisco Libermann é considerado como o 2º fundador dos Espiritanos; nos anos 1840, com alguns colegas, fundou a Congregação do Imaculado Coração de Maria, a qual em 1848 se fundiu com a Congregação do Espírito Santo, que havia sido fundada em 1703 por Cláudio Poullart des Places; então o Pe. Libermann tornou-se o Superior Geral da nova Congregação (1848-1852). O Pe. Francisco Libermann foi declarado Venerável em 1903.

segundo pedido, com a recomendação do Papa, o Conselho Geral da Congregação achou seu dever aceitar a direcção do seminário menor de N. Sra. do Carmo de Belém, vendo aí "uma fonte preciosa que nos é dada pela Divina Providência" (BG 13, 620).

O primeiro grupo de sete Espiritanos chegou a Belém do Pará no dia 30 de Novembro de 1885 para cuidar do seminário de N. Sra. do Carmo. Os Espiritanos, entregaram-se corajosamente à reparação e à organização do seminário e a dedicar os seus momentos livres ao trabalho apostólico. A animação e a vivacidade da cidade de Belém depressa encantaram os Espiritanos, que se sentiram ainda mais em casa quando uma negra idosa disse: "*conheço bem estes missionários. Vi-os na África; são os Padres dos Negros*". (BG 13, 1134). Graças a esta reputação, a bela Igreja do Carmo depressa se encheu de fiéis aos domingos, sobretudo de negros. Também com frequência os Espiritanos acompanhavam o Bispo nas suas visitas pastorais, apercebendo-se da situação de abandono em que se encontrava toda esta região. Apesar das dificuldades, inerentes a qualquer nova fundação missionária, a primeira fase da obra espiritana no Pará foi boa. A comunidade do Carmo mostrava-se animada e isso devia-se ao bom relacionamento entre Dom António Macedo e a Congregação do Espírito Santo. O Bispo mostrava-se satisfeito com a formação dada pelos Espiritanos, mas estes reconheciam experimentar dificuldades em corresponder aos ideais da formação eclesiástica desejada, pois o Bispo preferia que o seminário fosse simplesmente um seminário e não seminário-colégio, que admitia alunos externos. No entanto, o Bispo, reconhecendo a dificuldade de continuar a obra como simples seminário, por falta de vocações, permitiu aceitar alunos externos para os anos primários (BG 15, 94).

"A animação e a vivacidade da cidade de Belém depressa encantaram os Espiritanos"

O Brasil, nos finais do século XIX, passava por um período de ebulição política, que interferia no campo religioso[3]. O primeiro golpe que perturbou os Espiritanos foi a proclamação da República em 1889. O novo governo republicano promulgou grande número de decretos, entre os quais a chamada "grande naturalização" de 1889, convidando os estrangeiros a naturalizarem-se brasileiros. Decretou também a lei da Separação Igreja - Estado e falava-se que se estava a preparar a expulsão dos Jesuítas, das ordens religiosas e mesmo a exclusão do ensino religioso nas escolas públicas. Apesar das dificuldades e da supressão dos subsídios por parte do governo, o seminário-colégio caminhava bem e ninguém previa o desfecho que aconteceu.

"O primeiro golpe que perturbou os Espiritanos foi a proclamação da República em 1889"

Alguns factos irão determinar a saída dos Espiritanos de Belém: a nomeação de Dom António Macedo para Bispo da Bahia e a chegada de um novo Bispo para Belém, Dom Jerónimo Tomé. No início tudo corria bem e os Espiritanos pareciam firmes em Belém. Mas depressa começaram a surgir pequenos desacordos e apareceu também a concorrência de outros colégios construídos na cidade. A situação em Belém complicou-se: com a morte de

[3] A história da Igreja do Brasil no século XIX é marcada pela "Contra-reforma Católica", que procurou aplicar a reforma do concílio de Trento no país. Ligada à Reforma Católica está a "Questão Religiosa" pela qual a Igreja tentou acabar ou limitar a influência da maçonaria na sociedade e a sua participação nas confrarias católicas.

Dom António Macedo, Dom Jerónimo foi nomeado Bispo da Bahia e em 1894 foi nomeado bispo de Belém Dom António Brandão.

Ao novo Bispo não agradou a situação do seminário do Carmo, onde dentre 140 alunos internos, apenas 5 eram seminaristas. Passou a mensagem que Dom António Brandão queria ir a Roma procurar padres para o ajudarem no seminário. O desacordo entre os Espiritanos e o Bispo de Belém centrava-se na questão do seminário-colégio e o superior tinha-se recusado apresentar as contas do seminário sem a permissão de seus superiores. Também em Paris a mudança de Superior Geral (demissão de Ambrósio Emonet e eleição de Mons. Alexandre Le Roy) não ajudou a tomar atempadamente as medidas mais adequadas. Por uma carta do cónego Dupuy, pároco de Tefé, parece que a administração imoral e escandalosa da diocese foi o polo do conflito, pois fala da falência de um banco e de transformar a secretaria diocesana em comércio. O Pe. Eigenmann (fundador da província de Portugal) foi nomeado visitador extraordinário para regularizar os problemas. Após a visita, o Conselho Geral por impossibilidade de continuar a obra do seminário do Carmo decide suprimir a comunidade espiritana de Belém a 8/9/1897 (BG, 1897, 813-814)[4]. Entretanto, algo de novo estava a surgir - os Espiritanos irão para Manaus e Tefé.

"O desacordo entre os Espiritanos e o Bispo de Belém centrava-se na questão do seminário-colégio"

2.2. Os Espiritanos em Manaus e em Tefé

Em 1893, o Padre Xavier Libermann, sobrinho do Venerável Pe. Francisco Libermann, foi nomeado visitador das obras espiritanas na América Latina. Depois de visitar Lima (Peru), onde os Espiritanos tinham aberto um colégio em 1891, na longa viagem do Peru para Belém, passando pelo Rio de Janeiro, encontrou-se com Dom José da Costa Aguiar, recém-nomeado primeiro bispo de Manaus em 1892. Este aproveitou a oportunidade para falar das grandes necessidades da nova diocese, pediu a ajuda da Congregação e convidou o Pe. Xavier para a sua tomada de posse em Manaus. Então, o Pe. Xavier teve oportunidade de conhecer o cónego Dupuy, sacerdote secular francês, que era vigário da paróquia de Sta. Teresa em Tefé, que influenciará na vinda dos Espiritanos para Tefé. A cidade de Manaus tinha apenas 2 padres para 50 000 habitantes, e no interior havia só 5 ou 6 padres. Vejamos um trecho de um relatório de Tefé de 1899: "aqui vivem os mais abandonados; há apenas sete ou oito padres. As tribos índias, exploradas pelo comércio, com maus-tratos e escravidão fogem para as florestas. As casas são incendiadas, mulheres e filhas roubadas, experimentam sofrimentos e até a morte; do lado delas também há vinganças sangrentas. Os índios do Amazonas, a maioria selvagem, merecem, portanto, a nossa compaixão, sendo vítimas dos «civilizados». São considerados, como os negros de África, uma raça inferior, incapaz de uma vida social e de princípios da religião. Os milagres dos missionários, em outros países, provam o contrário. Só os mis-

"aqui vivem os mais abandonados"

[4] Nos anos 1960 os Espiritanos holandeses assumiram duas paróquias em Belém (Pará). Depois de ter deixado Belém por alguns anos, em 1990 o espiritano holandês Pe. João Derickx assumiu a paróquia de N. Sra. da Paz no bairro Benguí.

sionários dedicados são capazes de conduzi-los à salvação e à liberdade" (BG 19, 531-532).

Na hora da despedida do Bispo, o Pe. Xavier prometeu esforçar-se por buscar missionários na Europa. Dom Aguiar, por sua parte, lançava gritos de socorro para a Europa e também para a Casa Geral dos Espiritanos em Paris. Em 1896 o Bispo de Manaus veio à Europa à procura de missionários e no mesmo ano o Conselho Geral informa Dom Aguiar, ainda na Europa, que lhe serão enviados alguns padres, sobretudo para a missão entre os índios, mediante algumas condições: ter um ponto de apoio permanente em Manaus, depender directamente da Obra da Propagação da Fé, as despesas de viagem por conta da diocese e poder dispor dos recursos auferidos pelo ministério. Dom Aguiar, cheio de esperanças, foi de Roma a Paris e conseguiu que o Conselho Geral lhe desse o Pe. Xavier Libermann como superior do novo projecto. Em 1897, a Congregação resolveu fechar o colégio em Lima (Peru) e também o seminário do Carmo em Belém e alguns espiritanos serão integrados na nova missão. No dia de Pentecostes de 1897, os Pes. Friederich e Parissier, tomam posse da Igreja de São Sebastião em Manaus, que funcionará como "procuradoria" e ponto de apoio da missão do interior (BG 19, 536). Os outros com o Pe. Xavier Libermann dirigem-se para o interior.

"No dia de Pentecostes de 1897, os Pes. Friederich e Parissier, tomam posse da Igreja de São Sebastião em Manaus, que funcionará como "procuradoria" e ponto de apoio da missão do interior"

No auge da expansão colonialista das potências europeias, finais do séc. XIX e começos do séc. XX, a Cúria Romana incentivava um projecto missionário centralizador, que no Brasil visava enquadrar o tradicional catolicismo luso-brasileiro dentro do modelo eclesial tridentino. Na Europa havia uma grande oferta de religiosos (as), fruto de muitas congregações recém fundadas, desejosas de evangelizarem povos pagãos e de desenvolverem no meio deles as obras de educação e de promoção social. Daí surgir o plano de dividir toda a região amazónica em prelazias e prefeituras apostólicas, e cada congregação religiosa era encarregada de determinada região, para desenvolver nela os trabalhos que desejasse, mas sem ingerência episcopal, prestando contas directamente a Roma.

2.3. Fundação da Missão da Boca de Tefé

No dia 10/6/1897, o Pe. Xavier Libermann com o Pe. Louis Berthon e Irmãos Tito Kuster e Donaciano Hoffmann sobem o rio Solimões até Tefé. O cónego Dupuy oferece-lhes hospitalidade, as autoridades municipais os acolhem com muita simpatia e indicam-lhes como possível lugar de instalação uma barreira elevada a 7 - 8 Km de Tefé. O município doou um grande terreno, cuja escrituração data de 27/7/1897, tida como a data da fundação da Missão de Tefé.

Os espiritanos não perderam tempo e imediatamente meteram mãos à obra e aos 10/9/1897 uma pequena construção provisória estava terminada. O velho Pe. Xavier Libermann não a desprezou e achava-se melhor lá que na cidade de Tefé, em casa de outros. A "Escola Agrícola e Industrial da Boca de Tefé", que alfabetizou e formou muitos profissionais, foi inaugurada a 02/02/1898. Para visitar os índios até aos cantos mais afastados, um dona-

tivo recebido por Mons. Le Roy, foi orientado para a compra de um barco a vapor para a nova missão no Amazonas.

Os inícios foram promissores. Os Espiritanos não se pouparam a esforços e lançaram-se ao trabalho: dinamizar e orientar a escola da Boca de Tefé e visitar as populações. Os Pes. Parissier, Constantino Tastevin e Augusto Cabrolié fizeram longas viagens missionárias nos diferentes rios da região. Os dois primeiros deixaram-nos muitos e importantes trabalhos científicos sobre os índios: estudaram as línguas indígenas, publicaram livros e artigos nas melhores revistas científicas da época, como a "Anthropos". A lista das suas publicações é impressionante; por ex. o Pe. Tastevin escreveu 3 livros e cerca de 40 artigos científicos sobre a região da Amazónia, ainda hoje apreciados.

"o Pe. Tastevin escreveu 3 livros e cerca de 40 artigos científicos sobre a região da Amazónia, ainda hoje apreciados"

Mas, as dificuldades depressa apareceram: falta de dinheiro e falta de espaços para trabalhar. Alguns políticos, pertencentes à maçonaria, opunham-se aos institutos educacionais da Igreja e desta forma as verbas prometidas não chegavam. Como alimentar e educar cerca de 80 rapazes (órfãos) sem os recursos necessários? O Pe. Augusto Cabrolié não aceitou a ideia de despedir os alunos e então, padres, irmãos e alunos tiveram que plantar, pescar, trabalhar para manter a Escola em funcionamento. Foram anos heróicos, conta o Pe. Manuel Alencar, aluno da Missão neste período (BG 22, 179-184). Entretanto, as dificuldades surgidas em Manaus (São Sebastião), iriam acabar com a comunidade espiritana: o superior da comunidade, o Pe. Parissier, não acatou a ordem do Bispo de colocar o altar de São Francisco à disposição de um padre franciscano, porque sentia a ameaça da expulsão dos espiritanos; de alguma maneira estes haviam-se tornado influentes na cidade. A desavença cresceu de tom e o Pe. Parissier acusou o Bispo de não respeitar o acordo feito com a Congregação e chegou mesmo a hastear a bandeira francesa na Igreja. Finalmente, com muita humildade deixou a Igreja e lançou-se em expedições pelos rios da Amazónia.

Sobrou apenas a comunidade da Boca da Missão de Tefé. Mas o trabalho missionário pelos rios estava impedido por falta de jurisdição da cúria diocesana de Manaus. A jurisdição era concedida de modo limitado e para algumas desobrigas[5]. Havia apenas um pouco de trabalho na ajuda ao pároco de Tefé, o cónego Dupuy. Faltava-lhes campo de trabalho apostólico. Tal situação afectou a moral do grupo, que buscou projectos alternativos: o Pe. Parissier recebeu a oferta de fundar uma missão em Mato Grosso. A existência de tais planos inquietou muito o cónego Dupuy, que em 1904 foi a França e falou com Mons. Le Roy sobre a situação da Amazónia. Este pediu-lhe para fazer um relatório, o qual foi apresentado em Roma. Ficou resolvido dividir a grande diocese de Manaus em prefeituras apostólicas. Alarmado por tais notícias o Bispo de Manaus, Dom Aguiar, partiu para Roma para impedir o desmembra-

[5] Desobrigas são as viagens feitas pelos missionários às comunidades ribeirinhas. Num esquema em que a salvação das almas dependia da recepção dos sacramentos e a distribuição destes dependia dos padres, desenvolveu-se o sistema das desobrigas, em que os resultados do trabalho missionário eram medidos pela quantidade de baptismos, casamentos, confissões e comunhões. Por falta de padres, só se podia fazer o mínimo do que era necessário. Daí o nome desobriga.

mento de sua diocese e defender a sua integridade. Mas a 5/6/1905, ao chegar a Lisboa morreu do coração.

2.4. Na Escola Agrícola de Paricatuba

O bom-nome da obra de Tefé e as boas relações dos espiritanos com as autoridades de Manaus inspiraram ao novo governador a ideia de confiar aos espiritanos a direcção de uma escola industrial e agrícola, criada pelo governo do Amazonas em Paricatuba. Com a autorização da diocese de Manaus, a obra foi aceite pelo Conselho Geral. A comunidade espiritana de Sto. António em Paricatuba iniciou a 1/1/1906; aí trabalharam 8 espiritanos entre os quais o Pe. Miguel Barrat (professor de música), que será o futuro prefeito apostólico de Tefé. Mas com a chegada de um novo governador do Estado as coisas mudaram e a obra foi apresentada como dispendiosa e sem resultados. Diante de tal situação, os Espiritanos apresentaram a sua demissão e deixaram a escola aos 22/7/1908. Perante as dificuldades surgidas em Manaus e em Tefé, esta obra funcionou como um "intermezzo".

"Com a autorização da diocese de Manaus, a obra foi aceite pelo Conselho Geral"

2.5. Os Espiritanos com vasto campo de acção

O novo Bispo de Manaus, Dom Frederico Costa, ex-aluno do seminário do Carmo de Belém e amigo dos Espiritanos, logo concedeu ampla jurisdição aos padres da Missão de Tefé e insistia com Roma para ser criada a Prefeitura Apostólica de Tefé. Pensava-se em dividir a diocese de Manaus em três ou quatro prelazias, a de Tefé seria confiada aos Espiritanos. Entretanto o visitador, Pe. Xavier Shurrer, regressou a Paris em Julho 1907 com um contrato pelo qual o novo Bispo de Manaus confiava "em perpetuidade" a paróquia de Tefé à Congregação, cujos limites coincidiam com os da prefeitura projectada, o que dava aos Espiritanos um vasto campo de apostolado. O Bispo aposentou o cónego Dupuy com 68 anos, pároco de Tefé durante 25 anos, que regressou a França e nomeou pároco o Pe. Donnadieu, o primeiro espiritano pároco de Tefé. Em 1908 o Bispo visitou Tefé e a Missão, ficou satisfeito com o movimento e nomeou o Pe. Parissier como vigário de Fonte Boa, ampliando assim o campo de acção dos Espiritanos.

"o novo Bispo de Manaus confiava "em perpetuidade" a paróquia de Tefé à Congregação"

2.6. A Prefeitura apostólica de Tefé

Finalmente a 23/5/1910 foram criadas várias prefeituras apostólicas, sendo a de Tefé confiada à Congregação do Espírito Santo. O decreto de nomeação de Dom Miguel Barrat como o novo Prefeito apostólico foi emitido em Roma a 16/8/1910.

O primeiro período da sua administração (1910-1920) foi marcado pela organização da Prelazia e foram anos de muito trabalho missionário: desenvolvimento da escola da Missão, construção e inauguração do seminário e do "palácio episcopal", ordenação do primeiro aluno da escola da Missão, o Pe. Alencar, e foram feitas muitas visitas missionárias. Em 1912 o Bispo de

Manaus confia aos Espiritanos a região do Alto Juruá, que pertencia à diocese de Manaus, o que aumenta o seu campo de trabalho. A acção dos Espiritanos estendeu-se até Coari. Todo este enorme trabalho foi prejudicado pela crise da borracha, e sobretudo pela primeira guerra mundial (1914-1918). A Prefeitura começou, novamente, a lutar com falta de pessoal e de recursos financeiros.

"Todo este enorme trabalho foi prejudicado pela crise da borracha, e sobretudo pela primeira guerra mundial (1914-1918)"

Em 1919, após a guerra o Capítulo Geral da Congregação decidiu entregar à província espiritana da Alemanha a Prefeitura de Tefé. Em troca os espiritanos franceses encarregar-se-iam das missões das quais os alemães foram expulsos na África. Tal decisão apanhou Mons. Barrat no auge das suas actividades e dos seus planos. Pensou que poderia negociar, pois bastaria separar o Alto Juruá e o Acre, que pertenciam à diocese de Manaus, e entregá-los aos alemães. Mas o Capítulo Geral, sob pressão da Congregação para a Propaganda da Fé, havia decidido o contrário.

2.7. Chegada dos Espiritanos Alemães

Depois de 1919 sem a vinda de novos espiritanos franceses, a Prefeitura Apostólica entrou numa lenta anemia. Depois do Capítulo Geral de 1926, o provincial da Alemanha, achando que tudo estava em ordem, mandou que alguns espiritanos alemães preparassem a viagem para o Brasil. A 9/4/1927 chegaram três padres e dois irmãos alemães a Tefé, que começaram imediatamente a trabalhar. Quando Mons. Barrat chegou de uma desobriga, encontrou-os e assustou-se com os factos consumados. De imediato chamou o Pe. Donnadieu do Cruzeiro do Sul e despachou os dois padres alemães para o Acre (o terceiro faleceu em 1928). O bispo viajou para a Europa para discutir o futuro da Prefeitura Apostólica com as autoridades da Congregação em Paris e com Roma. Recebeu a garantia que ele continuaria em Tefé e que os alemães assumiriam a nova Prelazia do Alto Juruá.

"Mons. Barrat" "cavaleiro solitário"

O nacionalismo europeu e o jogo pelo poder atrapalhava o desenvolvimento da missão espiritana na Amazónia. Mons. Barrat, chamado pelo Pe. Tastevin, um "cavaleiro solitário", sempre audacioso e tenaz nas suas iniciativas, não desistia e continuava fazendo longas desobrigas pelos rios. Em 1925 trouxe as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria para Tefé e vários padres, franceses ou de outra nacionalidade. Nos anos 1935 e 1937, após a inauguração de nova catedral de Tefé e das suas bodas de ouro sacerdotais, pensou aposentar-se. Mas logo transbordou novamente de energia e continuou a sua missão.

2.8. Prelazia "nullius" do Alto Juruá

A prelazia do Alto Juruá foi criada em 21/11/1931 e Mons. Barrat foi nomeado seu administrador durante quatro anos. Só em 1935 o Pe. Henrique Ritter, da província da Alemanha, foi nomeado prelado "nullius" do Alto Juruá. A prelazia recebeu muitos espiritanos alemães, as obras desenvolveram-se e havia esperanças de um futuro promissor. Além das desobrigas pelos rios, sobrava tempo para o social: cuidar dos leprosos, fundar um jornal o "Católico" e uma banda de música. Em 1938 começou o seminário menor; dois seminaristas foram estudar para Portugal e foram ordenados em 1945. Em 1938 a Prelazia instalou em Manaus uma procuradoria e assumiu

a paróquia de S. Raimundo, que em 1948 passou para a responsabilidade dos Espiritanos de Tefé. Em 1937 as Irmãs Dominicanas abriram no Cruzeiro do Sul um orfanato e um dispensário. Tudo parecia ir muito bem, mas a segunda guerra mundial atrapalhou toda esta grande actividade. Os padres alemães foram privados da necessária liberdade para se movimentarem e exercerem o seu ministério. Em 1942, Mons. Henrique Ritter, depois de ter voltado esgotado de uma desobriga de oito meses, viajou directamente para Manaus, falecendo durante o Congresso Eucarístico. Foi nomeado vigário capitular e administrador apostólico o Pe. Henrique Klein.

"Em 1938 começou o seminário menor; dois seminaristas foram estudar para Portugal e foram ordenados em 1945"

Em 1947 Mons. José Hascher foi nomeado novo prelado do Alto Juruá. Novos reforços chegaram e as grandes preocupações do novo Bispo foram as escolas para a formação de professores e de agentes de pastoral para atender o povo do interior e a formação do clero local. Dom José resigna e em 1966 Dom Henrique Ruth é nomeado novo Bispo de Cruzeiro do Sul (Alto Juruá). Em 1979 Dom Luís Herbst é nomeado bispo auxiliar. O trabalho na pastoral vocacional e na formação sacerdotal começou a dar os seus frutos e surgem os primeiros padres diocesanos. Em 1998 Dom Mosé Pontello foi nomeado bispo auxiliar de Cruzeiro do Sul, assumindo a diocese no ano 2000.

2.9. Os Espiritanos Holandeses na Prelazia de Tefé

Em 1942 na Prefeitura Apostólica de Tefé havia apenas 6 sacerdotes e já idosos. A situação era insustentável. Os municípios enviaram abaixo-assinados ao núncio apostólico, pedindo assistência religiosa. A Prelazia do Alto Juruá, apiedou-se e em 1943 mandou dois padres para Tefé. Com 80 anos, Mons. Barrat ainda fazia desobrigas no rio Juruá. Tal como com os Alemães, o "cavaleiro solitário" tinha dificuldade em passar a Prefeitura para outras mãos. Todavia, em momentos de aparente fraqueza, os frutos apareciam: em 1947 três jovens foram ordenados sacerdotes espiritanos e outros três ex-alunos do seminário de Tefé tornaram-se padres diocesanos. Mons. Barrat, idoso e cansado deixa definitivamente Tefé em Maio de 1947.

Em 1946 o Pe. Joaquim de Lange, da província da Holanda, já com doze anos de vida missionária em Angola, é nomeado Prefeito Apostólico de Tefé. No mesmo ano 10 jovens padres holandeses chegam a Tefé. A seu pedido em 1951 o estatuto de Prefeitura Apostólica de Tefé mudou para Prelazia. Por isso Mons. Joaquim foi sagrado Bispo. Dom Joaquim dispondo de padres jovens começou a subdividir a Prelazia em novas paróquias, afim de melhorar a assistência pastoral às populações. A obra da Missão da Boca de Tefé conheceu uma nova vida e um novo dinamismo. Dom Joaquim orientou a sua acção no sentido da evangelização e da promoção humana e social. Assim em 1948 inaugurou a "Escola Normal Rural" em Tefé, que sob a responsabilidade das Irmãs Franciscanas formou professores e catequistas para o interior. No início dos anos 60 inaugurou a Radio Educação Rural de Tefé, que com a assistência do MEB (Movimento de Educação de Base) espalhou as escolas radiofónicas pelo interior no trabalho da alfabetização. Na linha da consciencialização apoiou a criação de sindicados rurais e a associação dos pequenos produtores rurais. Preocupado com a saúde, construiu o hospital "São

"Pe. Joaquim de Lange" "é nomeado Prefeito Apostólico de Tefé"

Miguel" em Tefé e promoveu a assistência sanitária no interior. A Prelazia de Tefé entrou plenamente no espírito de renovação do Concílio Vaticano II, fez opção pelas "Cebs"* e pela formação de agentes pastorais leigos, tarefas assumidas e dinamizadas pela Coordenação da Pastoral. O novo Bispo de Tefé, a partir de 1980, Dom Mário Clemente Neto, incrementou uma melhor coordenação da pastoral, a formação e a diversificação dos agentes de pastoral sobretudo para o interior. O grupo espiritano inicialmente totalmente holandês aos poucos foi-se diversificando e tornou-se um grupo internacional. A partir dos anos 90 constrói-se um centro vocacional, faz-se a animação vocacional na esperança de padres diocesanos. Dom Mário resignou e Dom Sérgio Castriani assumiu como novo Bispo de Tefé no ano 2000. Os Espiritanos já não são os únicos padres que trabalham na prelazia, pois os padres da Sagrada Família assumem um sector da mesma.

2.10. Presença e Missão Espiritanas no Sul do Brasil

Dos alunos que passaram pelo seminário de Tefé foram ordenados 6 espiritanos. Este seminário acolhia jovens provenientes das duas prelazias: Tefé e Alto Juruá. Depois dos estudos secundários, a formação continuava em Portugal: noviciado, filosofia e teologia. Tornava-se necessário abrir um seminário maior no Brasil, pois o número já o justificava, e surgiu também a ideia de recrutar e formar seminaristas no sul do Brasil, e não apenas na Amazónia, como faziam, e com sucesso, outras Congregações, para depois trabalharem na região amazónica. Tal ideia cresceu na cabeça dos dois bispos - Dom Joaquim de Lange e Dom José Hascher - que conseguiram uma casa em Teresópolis, num "sítio" chamado "Seio de Abraão", pertencente ao mosteiro de São Bento do Rio. Assim começou a 24/9/1948 o primeiro seminário maior espiritano com 4 seminaristas e um irmão, todos vindos da Amazónia, acompanhados por quatro espiritanos. Parece que nenhum deles continuou. A busca de vocações no sul para trabalhar na Amazónia, região missionária por excelência, foi a razão da vinda dos espiritanos para o sul do Brasil.

2.11. Distrito Brasil Central

Por ocasião da fundação do seminário em Teresópolis, alguns espiritanos holandeses chegaram à região de Minas Gerais para a pastoral das vocações, o trabalho paroquial e para angariar dinheiro para as casas de formação. A primeira paróquia foi a Matosinhos (MG), mas muitas outras se seguiram. O Capítulo Geral de 1950 havia dado a orientação de que os Holandeses fundassem um Distrito no centro do Brasil e os Alemães no Sul. Em 1953 os Espiritanos holandeses iniciaram um seminário menor em Itaúna, posteriormente transformado no colégio Sant'Ana, ainda em funcionamento com a presença de 1 espiritano. Em 1966 o seminário maior de Teresópolis foi transferido para Divinópolis (Minas Gerais) tendo a casa de Teresópolis funcionado a partir de 1961 como noviciado. O período pós conciliar, menos propício ao amadurecimento vocacional, já se fazia sentir uma queda de vo-

* Cebs - Comunidades eclesiais de base.

cações e os estudantes não perseveravam. Por isso, o seminário maior de Divinópolis fechou em 1969. Alguns frutos, no entanto, surgiram, entre os quais os actuais bispos, Dom Mário Clemente Neto e Dom Mosé Pontello. Num olhar retrospectivo podemos dizer que talvez tenha faltado alguma perseverança no trabalho da animação das vocações e na formação.

Os Espiritanos holandeses tiveram uma grande presença e uma extraordinária acção pastoral no Centro do País, região confiada ao distrito holandês, criado oficialmente em 1963. Fundaram várias paróquias nas dioceses de Belo Horizonte, Sete Lagoas, Divinópolis, Governador Valadares, Goiânia, Brasília (Ceilândia), Anápolis, Rio de Janeiro e em geral paróquias dotadas de boas estruturas. Além do trabalho pastoral, estavam sempre atentos aos problemas sociais e educacionais. Em muitas paróquias foram construídas creches, escolas e os 04 colégios fundados e mantidos por eles durante um bom período, falam da sua preocupação com a educação: Itaúna (ainda funciona como fundação), Brasília (oferecido à CNBB e onde funciona o acolhimento e a preparação dos missionários ad gentes), Dom Bosco em Belo Horizonte (oferecido à diocese e actual seminário maior) e Curvelo (vendido). Foram anos de muita dedicação, presença e proximidade do povo pobre. Os Bispos e os cristãos falam com apreço da presença e acção dos Espiritanos nesta região. É realmente uma história que merece ser contada. Actualmente, o grupo envelhecido e pequeno deseja, por razões vocacionais e para dar continuidade ao grande trabalho espiritano, que a Congregação continue presente em duas ou três paróquias nesta região do Brasil, onde a Província do Brasil tem uma casa de formação (Belo Horizonte). Claro que tal permanência depende do envolvimento dos outros grupos espiritanos no Brasil e da colaboração de toda a Congregação.

"Os Espiritanos holandeses tiveram uma grande presença e uma extraordinária acção pastoral no Centro do País"

2.12. Distrito Brasil Sul

Pelos mesmos motivos, os Espiritanos alemães vieram para os estados do sul do Brasil. Em 1953 começaram em Emilianópolis (SP) um seminário menor; em 1958 começaram um outro em Salete, em Santa Catarina. Aos poucos várias paróquias foram confiadas aos Espiritanos, sobretudo nas proximidades do seminário de Salete (Sta. Catarina), mas também no estado de S. Paulo e no Paraná. O grupo alemão foi constituído distrito, Brasil - Sul, em 1964. Em 1970 o distrito aceitou a paróquia de Vila Mangalot, em S. Paulo e no ano seguinte, ao lado da Igreja Paroquial, foi aberto o Seminário Maior Espiritano - o Instituto Poullart des Places - que substituiria o de Teresópolis e de Divinópolis, e cujo primeiro director foi o Pe. Gregório Lutz. Em 1971 abriu no Morro de Salete o Noviciado para os Irmãos.

Da presença e acção dos Espiritanos alemães importa sublinhar a sua perseverança no trabalho das vocações e dos seminários: o seminário de Salete prolongou-se até 1987, e o seminário de Mangalot continua, agora, assumido pela Província do Brasil. No aspecto pastoral, do muito trabalho que o grupo desenvolveu, importa sublinhar a paróquia para os doentes de Hansen em Curitiba e o facto de que o Pe. Gregório Lutz foi durante muito tempo responsável pelo Departamento Nacional de Liturgia da Conferência Episcopal do Brasil.

2.13. Distrito Brasil Sudoeste

Este distrito começou com a chegada de seis confrades irlandeses nos fins de 1963, como resposta ao apelo que o Papa João XXIII lançou à Igreja da Irlanda para não descurar a evangelização da América Latina. Outros membros se juntaram. Entre os anos 1964 - 1967, trabalharam em paróquias abandonadas no interior dos estados de São Paulo e de Goiás e assumiram a responsabilidade pelo seminário de Emilianópolis em 1967, cedido pelos alemães, que seria depois transferido para Adamantina, SP, e que viria a fechar em 1972.

Os Espiritanos Irlandeses chegaram ao Brasil num período particularmente apaixonante: o Vaticano II estava em plena sessão e as suas decisões estavam a ser aplicadas no Brasil; a chamada revolução de Março 1964 conduziu a uma ditadura militar repressiva que durou até 1985; os escritos de Paulo Freire sobre a psicologia de massas e a consciencialização tiveram um impacto profundo no pensamento da Igreja, especialmente no que se refere ao estabelecimento das Comunidades Eclesiais de Base (Cebs) e à formação de dirigentes leigos; em 1966, a Conferência Nacional dos Bispos aprovou a plano pastoral para o país; a Conferência de Medellin adaptou o Vaticano II para a realidade latino-americana; Dom Hélder da Câmara emergia como líder nacional; os teólogos latino-americanos começavam a encontrar esperança para o continente na teologia da libertação.

"a Conferência de Medellin adaptou o Vaticano II para a realidade latino-americana; Dom Hélder da Câmara emergia como líder nacional"

Em 1971, no primeiro Capítulo, o grupo tomou a sério todos estes contextos, e tal acontecimento marcou o futuro do distrito. Nesse mesmo Capítulo intervieram como convidadas pessoas, que na época marcavam a pastoral na América Latina: Pes. José Marins e José Comblin. Assim nos anos sequentes os Espiritanos Irlandeses tomaram a opção pela pastoral nas periferias das grandes cidades: São Paulo, Baixada Fluminense (Rio de Janeiro) e Recife e fizeram a opção por: um estilo participativo de liderança no grupo, opção pelas comunidades de base e pelos pobres, por uma visão libertadora da Igreja e do seu papel na sociedade, pela importância e consequente formação dos leigos na Igreja e pela necessidade permanente de especialização dos próprios confrades. De entre muitos trabalhos, sublinhamos o facto de dois confrades, Pes. Jorge Boran e David Regan, terem feito parte dos grupos de reflexão teológica e pastoral da Conferência dos Bispos do Brasil.

2.14. Distrito Brasil Sudeste

Na ocasião dos acontecimentos bélicos de 1975 em Angola, um grupo de Espiritanos Portugueses "demandaram" a terras do Brasil. No entanto desde 1972 já havia contactos em vista a uma possível implantação como resposta a pedidos vindos de vários Bispos do país, nomeadamente de Jales. Os acontecimentos em Angola, mais que causa foram a ocasião que terá precipitado os acontecimentos. Porque já havia vários distritos espiritanos autónomos na Brasil, O Conselho Geral da Congregação decidiu criar em 1979 aquele que foi o mais novo distrito espiritano no Brasil, situado nos estados do Rio de Janeiro e S. Paulo, e o seu primeiro superior foi o Pe. Fernandes Correia.

Além dos espiritanos vindos de Angola, jovens espiritanos, em situação de primeira nomeação, foram nomeados para o distrito. O grupo cresceu e mais de 30 espiritanos de Portugal trabalharam no interior de S. Paulo (Jales) e na Baixada Fluminense (Nova Iguaçu, Itaguaí, Duque de Caxias, Niterói), dioceses onde desenvolveram um trabalho pastoral muito apreciado. O facto de alguns membros mais jovens terem sido chamados pela Província de Portugal para os diferentes serviços da mesma, outros terem optado por trabalhar na região amazónica, outros terem falecido, resultou uma diminuição do grupo, que finalmente em 2002, com os 8 membros que restavam, se integrou na Província Espiritana do Brasil.

"O grupo cresceu e mais de 30 espiritanos de Portugal trabalharam no interior de S. Paulo (Jales) e na Baixada Fluminense"

3. Província Espiritana do Brasil

Os Espiritanos, nos diferentes lugares onde trabalharam, sempre tiveram a preocupação vocacional. A ideia de fundar uma província espiritana no Brasil desde há anos que estava nos seus propósitos. No nascimento e no desenvolvimento da Província Espiritana Brasileira encontramos três períodos:

- O primeiro período nos anos 1940, foram os primeiros frutos do seminário de Tefé; nesse tempo os candidatos eram enviados para Portugal para o Noviciado, Filosofia e Teologia;
- O segundo período aconteceu nos anos 70, e é fruto dos seminários de Itaúna e Divinópolis, em Minas Gerais; são desse período os Bispos, Dom Mário Neto e Dom Mosé Pontello.
- O terceiro período coincide com a fundação do seminário de Mangalot, nos anos 80 e seguintes de que faz parte Dom Sérgio Castriani.

A criação da Província do Brasil aconteceu a 2 de Fevereiro de 1990 e o seu primeiro Provincial foi Dom Mosé Pontello. Com a criação da Província do Brasil foi extinto o distrito Brasil/Sul e os seus membros integrados na nova circunscrição. A nova Província, com o apoio dos outros grupos espiritanos, procurou assumir a formação dos seus membros nas diversas fases: noviciado, filosofia (Mangalot /SP) e teologia (Jardim Planalto /SP). Com a ajuda do grupo espiritano do Alto Juruá, a província assumiu também a casa de formação espiritana no Cruzeiro do Sul (Acre). No plano apostólico, além da integração dos membros nos projectos missionários da Congregação, a província como afirmação da sua própria identidade, procurou ter os seus próprios projectos missionários: Juazeiro na Bahia (sertão) e Vilhena na Rondónia e assumiu algumas paróquias deixadas por outros distritos, sobretudo em Minas Gerais.

"A criação da Província do Brasil aconteceu a 2 de Fevereiro de 1990"

4. Presença e Missão Espiritanas no Paraguay e México

4.1. Espiritanos no Paraguay

Foi da Trindade que vieram os primeiros Espiritanos para a missão no Paraguay. Os seis espiritanos aceitaram o ministério na capital, Assunción, em Lima e numa paróquia rural a 350 Kms no norte do país. O país vivia há muitos anos sob a ditadura militar do General Stroessner. Além do tra-

balho pastoral, os primeiros espiritanos ajudaram na educação, nos serviços médicos e no desenvolvimento de cooperativas. Mas em 1975 surgiram graves dificuldades, pois "alguns confrades que trabalhavam com os pobres nas comunidades de base foram acusados de actividades subversivas. O governo interveio com autoridade e em 1976 havia apenas dois espiritanos no Paraguay". Porque a província da Trindade não podia continuar sozinha esta missão, o Conselho Geral na Administração do Pe. Frans Timmermans, em 1976, decidiu, formar uma equipa internacional. Várias províncias responderam: França, Portugal, Espanha, Canadá e Suíça.

"A partir dos anos 80 os Espiritanos trabalham em duas regiões: no "Campo"

"e na capital"

A partir dos anos 80 os Espiritanos trabalham em duas regiões: no "Campo", na diocese de San Pedro Apóstolo, em várias paróquias (Choré, Lima, Resquin), que juntas totalizam cerca de 260 comunidades rurais, na sua maioria constituídas por pequenos agricultores, muitos lutando ainda pela propriedade da terra; e na capital, Assunción, onde ao longo da nossa presença já tivemos várias paróquias; actualmente temos apenas a paróquia onde se situa o Noviciado Espiritano para a América Latina. O trabalho pastoral no chamado "Campo" é rodeado de alguma insegurança, por causa da presença dos traficantes de droga.

Nos últimos anos a formação tem sido uma das prioridades do grupo. Já nos anos 80 tinha havido alguns esforços, mas sem resultados. As casas de formação são: a filosofia (postulantado) em Assunción (Fernando de la Mora) e o Noviciado para toda a América Latina também em Assunción (San Lorenzo). Os jovens candidatos vêm em geral das paróquias espiritanas. O grupo do Paraguay conta com alguns espiritanos paraguaios, um dos quais trabalha na Tanzânia num campo de refugiados.

4.2. Espiritanos no México

Foi em 1971 que três Espiritanos começaram o seu ministério no México. Vinham do Perú, onde tinham trabalhado nos arredores de Arequipa, trabalho que havia sido solicitado pela Santa Sé. Dificuldades com as autoridades forçaram o abandono desse trabalho. Chegados ao México, buscavam um trabalho entre os pobres. Os três Espiritanos foram encaminhados para a diocese de Ciudad Valles, como sendo "a diocese mais pobre, com menos clero e com uma população muito abandonada". O Bispo recebeu-os de braços abertos e convidou-os a trabalhar entre os Índios Huastecas nas paróquias de Santo Antonio e em Tanlajás. Ao verem os índios carregando os seus produtos e caminhando cabisbaixos, os três espiritanos exclamaram: "São estas as pessoas que buscamos".

No início os Espiritanos provinham das províncias da América do Norte; depois o grupo acolheu espiritanos vindos de outras origens e hoje é um dos grupos mais internacionais da Congregação. Também os seus campos de trabalho se alargaram: além das paróquias na região huasteca (Tanlajás, El Pujal, Coxcatlán e Santo António), em 1990 os Espiritanos assumiram uma paróquia em Tampico (golfo do México) - onde tivemos a casa de formação - e em 2003 assumiram duas paróquias indígenas na diocese de Tuxpan, a 300 Kms a sul de Tampico.

Nos últimos anos a formação tornou-se uma das prioridades do grupo. Na paróquia de El Pujal, junto à casa paroquial, uma casa acolhe 3 ou 4 jovens, vindos das paróquias espiritanas, que terminam a escola secundária. A casa de formação para a filosofia foi recentemente transferida de Tampico para a Cidade do México, em busca de melhor nível académico. O noviciado faz-se no Paraguay com todos os candidatos dos países da América Latina. A Congregação tem a alegria de contar já com alguns membros mexicanos, alguns dos quais já partiram em Missão: Paraguay, Moçambique, Espanha.

"A Congregação tem a alegria de contar já com alguns membros mexicanos"

5. "Flashes" da Missão Espiritana na América Latina

O nosso desejo é evocar alguns "traços" principais da presença e missão espiritanas ao longo de mais de 100 anos nos países da América Latina. Querer ser completo ou exaustivo seria pretensioso; queremos tão somente fazer "memória" daquilo que sobressai desta presença centenária; igualmente queremos recordar todos os espiritanos de várias origens que se dedicaram e doaram suas vidas ao serviço do povo e da Igreja. Nos primeiros 50 anos (Amazónia) foram os Espiritanos franceses (alguns portugueses), que asseguraram essa presença. Depois outros se seguiram: Alemães, holandeses, irlandeses, portugueses, brasileiros, Porto-riquenhos. Nos outros países da América Latina a diversidade dessa presença é ainda maior; além dos já mencionados temos ainda originários: Trindade, Estados Unidos, Espanha, Canada, Polónia, Sierra Leoa, Nigéria e México.

O que de imediato desperta a atenção é o conceito amplo de evangelização que manifesta o trabalho dos Espiritanos. Desde os primórdios da sua presença e missão parecem conscientes de que o homem é o primeiro e fundamental caminho da Igreja (João Paulo II) e de que a promoção humana e social, o desenvolvimento integral, o compromisso com as condições de vida das populações e o compromisso com os problemas de justiça e paz fazem parte da realidade complexa da evangelização (Paulo VI, Evangelii Nuntiandi). A grande meta era testemunhar o amor de Deus revelado em Jesus, ajudar na construção do Reino de Deus entre os homens. Vejamos alguns desses "traços":

5.1. Testemunho missionário de qualidade

As condições geográficas, humanas e sociais das regiões amazónicas são bem diferentes da Europa, e possivelmente mais difíceis: calor e humidade, distâncias que se medem por dias de viagem, mosquitos e insectos que infernizam a vida de quem se aventura a entrar na floresta, transportes lentos e penosos (barco), meios de comunicação deficientes e modos de subsistência limitados. Se nos nossos dias essas dificuldades ainda são uma realidade, que diríamos há 100 anos atrás?

Com respeito e gratidão lembramos a presença e a missão dos Espiritanos nas prelazias de Tefé e do Alto Juruá. Foi uma história de fidelidade a Deus e ao povo sofrido da Amazónia, história de perseverança ao serviço do Evangelho e tantas vezes desempenhada com dedicação e amor até ao sacrifício

"Com respeito e gratidão lembramos a presença e a missão dos Espiritanos nas prelazias de Tefé e do Alto Juruá"

da própria vida. O cemitério da Missão Boca de Tefé (como outros em África) testemunha que, em geral, os missionários faleciam jovens. As viagens feitas pelo Pe Tastevin (e outros) no rio Juruá duravam 5 ou 6 meses com barcos a remos. Esta uma história de serviço a um povo abandonado, explorado nas margens dos rios e no interior da floresta amazónica, merece ser lembrada e contada. Foi muitas vezes um serviço escondido, aparentemente sem grandes frutos, fazendo o que era possível fazer e ajudando o povo a guardar a fé. Só Deus sabe os frutos que a semente lançada deu ou dará.

5.2. Missão ao serviço dos povos indígenas e dos pobres

"A opção pelos índios está presente desde o início da vinda dos Espiritanos para a Amazónia"

A opção pelos índios está presente desde o início da vinda dos Espiritanos para a Amazónia, pois a paróquia em Manaus, foi aceite como ponto de apoio e de referência da missão entre os Índios. Os Pes. Tastevin e Parissier estudaram as línguas e as tradições dos índios. Infelizmente, no Brasil os índios já tinham sido, em parte, dizimados e destruídos. Em Tefé e no Alto Juruá os Espiritanos chamaram e apoiaram organizações como o CIMI, para defender os direitos das populações indígenas: a demarcação das suas terras e a sobrevivência das suas culturas. A mesma atitude está presente na missão espiritana no México, tanto na região huasteca como na nova diocese de Tuxpan, onde os Espiritanos continuam a optar pelas comunidades indígenas.

Além das comunidades indígenas, os estratos sociais que tiveram a preferência dos Espiritanos foram: as populações nas periferias das grandes cidades de São Paulo, da Baixada Fluminense (Rio de Janeiro), de Belo Horizonte, de Ceilândia (Brasília), os negros de Belém do Pará, os camponeses do Paraguay, do México e do Brasil que lutam pela propriedade da terra, como o Movimento dos sem terra.

5.3. Missão, promoção humana e social

Ao lado do trabalho pastoral propriamente dito - formar comunidades cristãs e sustentá-las com a Palavra de Deus e os sacramentos - havia sempre o trabalho social nas suas diversas frentes. Os Espiritanos envolveram-se em várias áreas:

- Profissional e agrícola, como logo de início, em Tefé onde se formaram bons profissionais: professores, mecânicos, pedreiros, carpinteiros e muitas outras profissões.
- Na educação com a criação de escolas, colégios e muitos jardins de infância, em Minas Gerais, em Tefé, no Alto Juruá. Escolas de alfabetização, como a Radio Educação Rural de Tefé. Nos nossos dias são frequentes os cursos de informática como em São Paulo e Belém.
- Na saúde, o hospital da cidade em Tefé e a assistência sanitária no interior da Prelazia, as clínicas que atendem os pobres no Alto Juruá; a assistência aos hansenianos em Manaus e em Curitiba. A maioria destes "projectos" beneficiaram os mais pobres e tal serviço foi possível com ajudas financeiras vindas dos países de origem dos Espiritanos.

"A maioria destes "projectos" beneficiaram os mais pobres"

5.4. O compromisso com a justiça e a paz

O apoio às organizações populares, a criação dos sindicatos dos trabalhadores rurais em Tefé e no Alto Juruá e em outras regiões, a ajuda e o apoio aos lavradores sem terra no estados de São Paulo, no Paraguay e no México, a criação de cooperativas de criadores de gado em Tefé, a união das populações na preservação da natureza, do peixe e dos lagos na região amazónica, a solidariedade com os operários nas grandes cidades como em São Paulo, a formação de grupos de defesa dos direitos humanos - foram alguns espaços que envolveram os espiritanos nos países da América Latina. Por causa destes compromissos alguns Espiritanos passaram por dificuldades: pelo seu compromisso com a causa e a cultura indígena foi recusado o visto de permanência no México ao Pe. Mietek da província da Polónia; no Brasil e no Paraguay vários espiritanos foram acusados de subversivos e "persona non grata".

5.5. Serviço das Igrejas locais

As Igrejas das dioceses de Tefé e do Alto Juruá são em grande parte obra dos Espiritanos. E com que sacrifícios! Começaram praticamente do nada. Durante muitos anos as prelazias e os distritos espiritanos se identificaram, pois as prioridades e as preocupações de uma eram as prioridades e preocupações da outra. Mas não foi apenas na região amazónica que isso aconteceu, pois a presença e a acção dos Espiritanos fez-se sentir fortemente em muitas regiões de Minas Gerais (Sete Lagoas, Gov. Valadares, Divinópolis) de São Paulo (Jales, Lins, Marília) na Baixada Fluminense (Rio de Janeiro), em Santa Catarina (Rio do Sul). No México na diocese de Ciudad Valles os Espiritanos assumiram uma grande parte da pastoral das comunidades indígenas; o mesmo aconteceu no Paraguay na diocese de São Pedro Apóstolo. Numas regiões mais que outras, os Espiritanos comprometeram-se com as prioridades pastorais das igrejas locais: formação das comunidades eclesiais, apoio às organizações populares, formação para os diversos ministérios na Igreja.

"E com que sacrifícios!"

Por onde passaram, os Espiritanos deixaram boas estruturas físicas para o desenvolvimento da acção pastoral e do culto: igrejas e capelas amplas e bem construídas, centros paroquiais e espaços físicos para as mais variadas actividades: eclesiais, formação cívica, encontro e convívio.

5.6. Formação de leigos

A formação cristã do povo em geral, e dos leigos (líderes) em particular, foi uma das opções tomadas em várias regiões e por vários grupos espiritanos. Na prelazia de Tefé foi longo e perseverante o investimento na formação e na diversificação dos serviços e ministérios, na criação dos conselhos pastorais a todos os níveis (prelazia, paroquia e comunidades). Muitos cursos e encontros foram promovidos e organizados com esse fim. Em menor escala o mesmo aconteceu também no Alto Juruá. Para alguns grupos, como o do distrito Brasil/Sudoeste (e outros), essa foi uma das prioridades do seu tra-

"A formação cristã do povo em geral, e dos leigos (líderes) em particular, foi uma das opções tomadas"

balho apostólico. No México na paróquia de Tanlajás foi construído um centro de formação para os animadores das comunidades (catequistas e outros serviços) das comunidades indígenas. Também no Paraguay grande parte do trabalho pastoral passa pelo esforço de reunir o povo em comunidades cristãs e formar os seus líderes. E a lista desses ministérios é enorme: pastoral da juventude, favelas, prisões, catequese, direcção espiritual, justiça e paz, liturgia, educação, cidadania, pastoral da terra, pastoral do menor e pastoral da mulher marginalizada. Muitos espiritanos estiveram e estão envolvidos nesta grande diversidade de ministérios.

5.7. Vocações e Formação do Clero

"A formação do clero sempre esteve nos horizontes dos Espiritanos"

A formação do clero sempre esteve nos horizontes dos Espiritanos. O motivo que levou os Espiritanos para o Sul do Brasil fora a busca de vocações para a missão na Amazónia. Esta preocupação notamo-la de modo especial no Alto Juruá, que mesmo em tempos de crise vocacional não desistiu e hoje a diocese de Cruzeiro do Sul conta com um pequeno número de clero diocesano (8), e o grupo espiritano mantém o seminário espiritano, que acolhe jovens após o curso secundário. De muitas paróquias espiritanas surgiram padres diocesanos; alguns espiritanos organizaram grupos vocacionais, como em Anápolis (GO), que deu bons frutos, para os Espiritanos e outras congregações. Para os grupos espiritanos do México, do Paraguay e da Província do Brasil a pastoral vocacional e a formação de novos espiritanos estão entre as suas prioridades.

6. Presente e Futuro dos Espiritanos na América Latina

Vivem e trabalham na América Latina, segundo as últimas estatísticas oficiais, 150 Espiritanos, assim distribuídos: Alto Juruá - 15; Amazónia - 13; Bolívia - 2; Brasil Província - 40; Brasil Central -18; Brasil Sudoeste - 24; México - 16; Paraguay - 19. São brasileiros, alemães, irlandeses, portugueses, franceses, polacos, americanos, canadenses, espanhóis, mexicanos, paraguaios, 1 cabo-verdiano, 1 ganense, 1 angolano, 1 nigeriano. Trata-se de um grupo internacional e bastante heterogéneo. De origem latino-americano temos 30 brasileiros, 7 mexicanos e 4 paraguaios. Entre os não brasileiros, muitos têm já bastante idade. Nos próximos anos é de prever que o número diminua. Diante destes dados, perguntamos: qual será o futuro dos Espiritanos na América Latina? O que é que se está fazer para construir o futuro? Quais os caminhos de colaboração entre os diferentes grupos? Vejamos um pouco desta caminhada.

6.1. Regionalização

Em finais dos anos 70, os 6 grupos espiritanos do Brasil e o do Paraguay começaram a encontrar-se de modo regular. Por essa ocasião, a nível da Congregação, começou-se a falar da "região", como estrutura que favorecia e encorajaria a cooperação, a colaboração, a solidariedade e a interna-

cionalidade e procuraria conjugar os esforços em vista a um apoio mútuo. A necessidade de tal estrutura faz-se sentir ainda hoje na medida em que os grupos se tornam mais pequenos e frágeis.

Em 1978 pela primeira vez aconteceu o chamado "Encontrão" reunindo todos os Espiritanos do Brasil e Paraguay. O Sup. Geral, Pe. Frans Timmermans, esteve presente e animou esse encontro. A partir desse ano, cada três anos acontece um encontro semelhante. Pela mesma ocasião, os superiores dos respectivos grupos começaram a reunir-se anualmente, passando depois a reunir-se duas vezes por ano. Aos poucos os diferentes grupos espiritanos começaram a conhecer-se mutuamente, a partilhar as suas preocupações e a colaborar entre si, na formação e em projectos apostólicos concretos.

Em 1978 pela primeira vez aconteceu o chamado "Encontrão"

6.2. Projectos comuns

O tema do "Encontrão" do ano 2000, que contou com a presença do Sup. Geral, Pe. Pierre Schouver, foi "um rosto espiritano latino-americano". Embora a Congregação esteja na América Latina há mais de 100 anos, são relativamente poucos os Espiritanos originários desta região e por isso o rosto latino-americano é fraco. Temos mesmo a impressão que a riqueza e a vitalidade da Igreja da América Latina ainda não entrou e ainda não enriqueceu a nossa Congregação; isso significa também que o dinamismo e a qualidade da fé da Igreja desta região ainda não penetraram no conjunto da nossa Congregação. A leitura de tal situação despertou nos participantes o desejo de cooperar ainda mais em projectos comuns, tendo em vista uma integração maior. Eis os projectos comuns:

- Celebração do Ano Espiritano - sem dúvida a celebração dos centenários da Congregação uniu os diferentes grupos espiritanos da região. Várias actividades foram programadas para responder aos dois objectivos propostos pela Congregação: renovação espiritual dos membros e divulgação de nossa espiritualidade. De entre as diversas actividades, sublinhamos: 1º Congresso de jovens ligados aos Espiritanos e a sua preparação através de subsídios; o encontro dos espiritanos para estudo e partilha de nossa espiritualidade; durante o ano espiritano surgiram vários grupos de leigos interessados em conhecer e partilhar a nossa espiritualidade e missão.

"Celebração do Ano Espiritano"

- Formação espiritana comum na América Latina - Os jovens candidatos vindos do Brasil, Paraguay e México passam a ter uma parte da sua formação em comum para melhor se prepararem para viverem e trabalharem em comunidades internacionais e interculturais. O Noviciado a partir de 2002 é no Paraguay (Assunción) e a Teologia no Brasil (São Paulo). Assim os jovens aprendem 2 línguas e abrem-se à riqueza da diversidade cultural. Em princípio, o 1º ciclo de estudos será no próprio país.

"Formação espiritana comum na América Latina"

- Pastoral das vocações - Na América Latina alguns jovens apresentam-se para ser espiritanos, mas é urgente organizar a pastoral vocacional: sensibilizar, criar ambiente vocacional nas paróquias, despertar, acompanhar e encaminhar os jovens "vocacionados". Entre os meios cita-

"Pastoral das vocações"

mos: criar "grupos vocacionais paroquiais", oferecer subsídios de reflexão vocacional e libertar (nomear) um espiritano que se dedique a tempo pleno a essa actividade, evidentemente com a colaboração de uma equipa de apoio e interesse de todos os espiritanos.

7. Missão Espiritana na Bolívia

Entre os projectos comuns, a missão na Bolívia uniu de modo especial os Espiritanos. Tudo começou no "Encontrão" de 2000. Por detrás está a vontade de alargar a presença espiritana a outros países da América Latina, que tal missão unisse os diferentes grupos e que fosse uma missão ad gentes mais próxima e não tão distante. Depois das sondagens feitas junto do CELAM, e de recolher o máximo de informações e de algumas visitas "in loco", escolheu-se a Bolívia, como um dos países mais pobres da região e a necessitar de missionários. Nos começos de Março 2003, ainda no ano espiritano, os espiritanos assumiram a paróquia de N. Sra. de los Lotes na diocese de Sta. Cruz de la Sierra. A equipa missionária espiritana é constituída por Pes. Adalberto Ferrezini (Brasil), Marcelino Cruz (México) e a leiga associada, Maria de Jesus (Brasil).

8. Visão global de nossa presença

A diminuição crescente dos espiritanos na América Latina, sobretudo no Brasil, exige dar passos firmes para preparar e enfrentar o futuro e não ser apanhado pelos acontecimentos. Por um lado, os grupos nacionais (distritos), por falta de novos reforços das suas províncias de origem, diminuem e envelhecem. Por outro lado, a orientação actual da Congregação vai no sentido de trabalhar de maneira mais unida, se possível em comunidades internacionais e interculturais. Tal situação exige que, para além da colaboração existente, abracemos uma visão comum da nossa presença no Brasil e na América Latina e talvez que um grupo abdique de alguns dos "seus" trabalhos e dos "seus" compromissos; por exemplo deixar esta ou aquela paróquia para conjuntamente investirmos numa paróquia espiritana, que ofereça boas perspectivas vocacionais ou que corresponda melhor ao nosso carisma ou que possibilite a nossa presença numa região importante do país. Claro que tais passos exigem algum despojamento e sentido comum da nossa presença nesses países.

"Prever o futuro é sempre difícil"

"acreditamos que os grupos espiritanos na América Latina crescerão lenta e progressivamente."

Prever o futuro é sempre difícil. Mas podemos supor que progressivamente os diferentes grupos espiritanos existentes no Sul do Brasil se vão integrando na Província. Devido às distâncias e às suas realidades missionárias bem específicas, Amazónia (Tefé) e Alto Juruá, continuarão como grupos espiritanos internacionais autónomos. No Paraguay e no México os grupos internacionais espiritanos continuarão, talvez contando paulatinamente com alguns membros provenientes desses países. Dependendo do investimento posto na pastoral vocacional, do testemunho missionário espiritano e da colaboração do conjunto da Congregação (África), acreditamos que os grupos espiritanos na América Latina crescerão lenta e progressivamente.

Maria Aparecida Meireles Cardiais*

missão das espiritanas no brasil

A Igreja do Brasil como toda a da América Latina, apesar das suas grandes dificuldades tanto humanas, como pastorais e económicas é uma Igreja viva, com celebrações encarnadas na vida do povo e com leigos actuantes, que buscam uma Pastoral de conjunto, através de um plano Pastoral definido.
É uma Igreja que se preocupa com o aspecto vocacional dos seus membros. As Irmãs do Espírito Santo, no momento, têm 5 jovens em formação (duas postulantes e três noviças).
Os desafios e os apelos da Igreja no Brasil são imensos. Num país tão marcado pela desigualdade social, a Igreja tem que ser profética no testemunho da partilha e da solidariedade. Da sua pobreza e simplicidade as Irmãs doam o que têm e Deus, na sua misericórdia, realiza grandes maravilhas por meio delas e do povo.

"Vi muito bem a miséria de meu povo ouvi o seu clamor e desci para libertá-lo da opressão". (Êxodo 3)

1. Introdução

As Irmãs Missionárias do Espírito Santo, presentes no Brasil desde 1976, encarnam o seu carisma de ir aos mais pobres, onde ninguém quer ir, neste país, por meio da sua actuação na periferia de três estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. As Irmãs sentem na vida a verdade da frase evangélica «A Messe é grande e os operários são poucos». Mas, não há como não responder às necessidades deste país tão vasto e cheio de contradições. Para se compreender com mais profundidade a missão das Irmãs, convém primeiramente delinear a realidade eclesial vivida pelas Espiritanas para em seguida descrever e partilhar essa missão.

A Igreja do Brasil como toda a da América Latina, apesar das suas grandes dificuldades tanto humanas, como pastorais e económicas é uma Igreja viva, com celebrações encarnadas na vida do povo e com leigos actuantes, que buscam uma Pastoral de conjunto, através de um plano Pastoral

* Maria Aparecida Meireles Cardiais, irmã missionária do Espírito Santo brasileira e trabalhando no Brasil.

definido. É uma Igreja que tenta organizar e fortalecer a acção do presbitério por meio de Encontros Nacionais dos Padres e possui uma Conferência Nacional dos Bispos forte que se preocupa com o social e a consciência cristã da realidade. Exemplos disto são as Campanhas da fraternidade (movimento nacional da Igreja surgido em 1964 com repercussão em todos os segmentos sociais) que no tempo da Quaresma, reflectem sobre um assunto relevante da realidade brasileira e do mundo, como um convite à conversão e ao crescimento da fé. Este ano (2004), a Campanha da fraternidade enfoca a questão da água, fonte de vida, que cada vez mais se torna escassa face ao desperdício, à poluição das nascentes e rios, da corrupção política (que em certas circunstâncias favorece apenas alguns fazendeiros) e será o grande tesouro do futuro. É uma Igreja que se preocupa com o aspecto vocacional dos seus membros. Realizou-se, por exemplo, o Congresso Vocacional subordinado ao tema "Baptismo, fonte de todas as Vocações" e o lema "Avancem para águas mais profundas".

"É uma igreja marcada pela diversidade de realidades, de culturas"

É uma igreja marcada pela diversidade de realidades, de culturas, cujo principal desafio é ser uma voz que denuncie o desrespeito pela dignidade humana ameaçada pela violência e miséria, o desemprego, a má distribuição da renda (ainda uma das piores do mundo), conforme dados da ONU. Uma pequena minoria de poderosos tem muito e uma legião de desfavorecidos não tem nada.

É neste contexto de contradições que surgem os principais desafios da Igreja:

- Criação de uma Pastoral de Conjunto;
- Formação Presbiteral e o fortalecimento do Diaconato Permanente;
- Desenvolvimento dos Ministérios leigos na perspectiva de uma Igreja toda Ministerial;
- Revigoramento na vivência dos Sacramentos;
- Trabalho missionário de evangelização em áreas mais distantes como a Amazónia;
- Diálogo Inter-religioso, num momento em que as seitas e outras religiões crescem;
- Secularização da realidade que pede à Igreja respostas proféticas e criativas aos problemas actuais dos efeitos nefastos da Globalização;
- Actuação profética no mundo da política denunciando as injustiças e corrupções;
- Ser sinal de caridade com incentivo à partilha e ao Dízimo Consciente, acolhendo os excluídos.

"os esforços das Espiritanas estão concentrados no trabalho com as crianças carentes da periferia"

É na Igreja sucintamente descrita acima que as Irmãs tentam revelar a face de um Deus que é Misericórdia e Amor

2. A Missão

No Estado de São Paulo, os esforços das Espiritanas estão concentrados no trabalho com as crianças carentes da periferia do Bairro de Vila Mirante, Pirituba, onde as irmãs têm uma creche. Actualmente são atendidas 118 cri-

anças, na faixa-etária de 11 meses e 2 a 5 anos. São crianças sofredoras que enfrentam os dramas familiares do nosso tempo como alcoolismo, desemprego, drogas, violência doméstica, abandono, separação dos pais, envolvimento com a criminalidade, ausência de um local decente para viver. São crianças que trazem em si as marcas e as consequências nefastas desta situação por meio de problemas de comportamento, de desenvolvimento cognitivo e afectivo. A missão das Irmãs com estas crianças mais do que transmitir-lhes conteúdos é oferecer-lhes um espaço favorável à vida, à esperança, ao amor e à cidadania, mostrando-lhes que viver vale a pena, apesar do descaso de algumas autoridades para com a Educação Infantil. As Irmãs têm um pequeno Convénio com a Prefeitura de São Paulo que mal dá para pagar aos funcionários e requer uma enorme burocracia. É um trabalho dispendioso. É sempre uma luta para se obterem os recursos necessários. A providência de Deus revela-se a cada dia. São responsáveis por este trabalho as Irmãs Maria Aparecida e Esmeralda Assunção. Todo o cansaço e preocupação com a subsistência é recompensado pelo sorriso e pelo desenvolvimento das crianças que nos fazem experimentar o que Jesus disse: "sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes" (Mt.25,40).

"Todo o cansaço e preocupação com a subsistência é recompensado pelo sorriso e pelo desenvolvimento das crianças"

Mas em São Paulo, além da creche há outras actividades que não deixam de ser menos relevantes:

- O atendimento, na medida do possível, aos moradores de rua e a presença na pastoral em Vila Mangalot. (É em Vila mangalot que se situa a casa principal das Espiritanas no Brasil, lugar de acolhimento das irmãs que chegam e que se preparam para partir. A provincial actualmente é a Ir. Isabel Marques de Lima Pereira).
- Atendimento semanal das famílias carentes através da distribuição de frutas, verduras e legumes recebidas por doação de um «sacolão» (Mercado) com o objectivo de complementar a alimentação das famílias de poucos recursos (baixa-renda), evitar a fome, a desnutrição das crianças. Este trabalho tem revelado que as pessoas têm fome não só de comida, mas de Deus, de esperança, de uma presença amiga que ajude a sair da miséria.
- Formação de jovens missionárias em Vila Zatt, pois é verdade que ainda hoje o Senhor continua a suscitar missionários religiosos no meio do seu povo. A Formadora destas jovens é a Ir. Leide Fernandes. No momento estão 5 jovens em formação (duas postulantes e três noviças). A realidade na formação da vida religiosa no Brasil é desafiadora. Com a pós-modernidade e o neoliberalismo criou-se um ambiente que não ajuda muito no discernimento vocacional e na maturidade afectiva. São poucos os jovens que ainda se aventuram a entrar na Vida Religiosa. Além disso, a Vida Religiosa ainda não conseguiu traduzir em testemunho e em linguagem própria para os jovens das cidades a grande novidade do evangelho de modo entusiasmante e convincente. É necessária paciência e acolhimento a estas jovens e investir bastante na formação humana e espiritual das mesmas. É urgente uma Pastoral Vo-

"É necessária paciência e acolhimento a estas jovens"

cacional viva e actuante que acolha as jovens, que as encaminhe na busca da vontade do Pai e que Deus seja para esta juventude a fonte para saciarem a sua sede. Neste sentido, as Espiritanas no Brasil tentam organizar a Pastoral Vocacional. As Irmãs Francisca e Maria Aparecida têm participado em Cursos para Animadores Vocacionais inseridos na Pastoral Vocacional da Diocese. Alguns encontros vocacionais foram realizados. Algumas jovens têm contactado as Irmãs. Há uma esperança para o futuro. Cresce a consciência que cada Irmã é também na sua missão responsável pela Pastoral Vocacional seja com sua participação efectiva ou oração ao Senhor da Messe para que envie operários para a sua Messe.

"Em plena baixa fluminense, periferia, conhecida mundialmente pela violência, as Irmãs são mensageiras de paz e acompanham as várias comunidades da Paróquia São Miguel"

No Rio de Janeiro, o trabalho das Irmãs é de suma importância. Em plena baixa fluminense, periferia, conhecida mundialmente pela violência, as Irmãs são mensageiras de paz e acompanham as várias comunidades da Paróquia São Miguel Arcanjo em Miguel Couto. As Irmãs investem muito na animação pastoral, na formação de lideranças, sendo sempre uma presença discreta e fraterna nas comunidades. Ultimamente, vendo a realidade da mortalidade infantil, com a ajuda da Ir. Ana Maciel implementou-se e organizou-se a Pastoral da criança, uma necessidade que enfim pode ser atendida. Actividade simples, exigente, que salva a vida de muitas crianças.

Além disso, no Rio de Janeiro as Irmãs estão a acompanhar e a ajudar dois padres missionários estrangeiros que recentemente assumiram a paróquia. As Irmãs com zelo fraternal ajudam os padres a adaptarem-se à realidade brasileira, a inculturarem-se de modo a exercerem o seu ministério com dedicação e comunhão com toda a Igreja. Concretamente, as Irmãs funcionam como um elo de ligação entre o povo e os padres. Ajudam na reflexão da realidade pastoral, eclesial e social. As Irmãs não estão à frente, não estão em evidência mas a presença solidária faz-se sentir na confiança e no carinho que o povo deposita nelas. Hoje, mais importante do que fazer muitas coisas é preciso ser. Mais importante do que fazer caridade é ser caridoso. Mais importante do que falar, é ser palavra encarnada de Deus.

Em Minas Gerais, na cidade de Conselheiro Pena, em Governador Valadares, as Irmãs Missionárias do Espírito Santo estão profundamente inseridas na Pastoral, na formação de lideranças e no trabalho missionário nas comunidades rurais Inclusive a Ir. Glória Maciel, junto com o Padre Sebastião estão envolvidos na formação de uma equipe missionária que vá aos locais mais distantes da cidade, à roça, ao sertão para levar a Palavra de Deus, que não pára e abre caminhos.

Nesta cidade, a actividade forte das Irmãs é o acompanhamento humano e espiritual em 4 escolas públicas da região. As Irmãs atendem nas próprias escolas alunos com problemas comportamentais e de aprendizagem, previamente indicados pela Direcção e pela Coordenação Pedagógica dessas escolas. Além de ouvir, dialogar, orientar, e encaminhar os alunos que precisam, elas também visitam as famílias desses alunos. As Irmãs assessoram também

os professores. De forma directa e indirecta centenas de pessoas são beneficiadas. É o Reino de Deus a acontecer num lugar distante, na realidade rural, diferente de São Paulo, que é um grande Centro Urbano. A Mística que anima esta acção é a certeza de que "o Espírito do senhor repousa sobre mim, me ungiu e me enviou para proclamar a Boa-Nova e estabelecer o ano da graça do Senhor".

Como se vê os desafios e os apelos da Igreja no Brasil são imensos. Num país tão marcado pela desigualdade social, a Igreja tem que ser profética no testemunho da partilha e da solidariedade. As Irmãs Missionárias do Espírito Santo como membros desta Igreja não podem ser diferentes. Da sua pobreza e simplicidade doam o que têm e Deus, na sua misericórdia, realiza grandes maravilhas por meio das Irmãs e do povo apesar das dificuldades. Do sim silencioso e discreto, repleto de amor a vida renasce, pois "não há amor maior do que doar a vida pelo irmão". Assim, cada cristão, cada religiosa, cada espiritana é chamada a ser fonte de água viva para o seu próximo, a estar intimamente ligada a Deus pedindo-Lhe a água do amor, da fidelidade e da esperança.

"Num país tão marcado pela desigualdade social, a Igreja tem que ser profética no testemunho da partilha e da solidariedade"

Luis Pedro Adeganha*

o evangelho na cidade

É necessário fazer uma rápida viagem através da história do estado de Rondônia e sobre a história da cidade de Vilhena para descobrirmos uma cidade cheia de potencialidades e contradições.
Os católicos são uma minoria. Isto é tanto mais curioso quando se sabe que o Brasil é um dos "países mais católicos" do mundo. Uma das razões é o facto de na cidade conviverem pessoas oriundas de todas as partes do Brasil que trouxeram com elas a sua própria "cultura religiosa".
Em 1990 os espiritanos chegaram a Vilhena e foram percebendo a importância de se colocarem na trajectória da história e decidirem embarcar na aventura de estar ao lado dos "novos descobridores do norte brasileiro" e de serem, no seu meio, presença de Deus e fonte de esperança. Se dentro da cidade a mobilidade e a proximidade facilita o trabalho, na área rural (roça) as comunidades encontram-se distantes umas das outras por causa do mau estado de conservação das estradas de terra. A Igreja tem que apontar para uma outra lógica de integração e de convivência entre as pessoas.
Vilhena é uma cidade cheia de potencialidades. As pessoas, na sua maioria são pessoas generosas e com um grande sentido de acolhimento.

1. Introdução

Há pouco mais de um ano e meio viajava para o Brasil, para a cidade de Vilhena, no estado de Rondônia. Hoje faço uma pequena leitura da realidade onde vivo, reflectindo um pouco sobre as implicações de evangelizar na cidade, num contexto marcado por uma grande variedade de «culturas nacionais» que se aglomeraram nesta região. Para isso, será

* Luís Pedro Adeganha, missionário espiritano, mestrado em Resolução de conflitos na Universidade de Duquesne, EUA, exerce o seu apostolado na cidade de Vilhena, Rondónia, Brasil.

necessário, no entanto, fazermos juntos uma rápida viagem através da história do estado de Rondônia e sobre a história da cidade de Vilhena. Uma cidade cheia de potencialidades e contradições.

2. Conhecendo um pouco da historia do estado de Rondônia

Para nos localizarmos geograficamente, o estado de Rondônia integra a parte norte do Brasil: faz fronteira com a Bolívia e pertence à grande região amazónica. Está entre os estados mais recentes da história social brasileira. No final do século passado, muitos migrantes nordestinos, sobretudo do estado do Ceará, aqui chegaram para a extracção da borracha. Com a chegada da crise do sector alguns retornaram aos seus estados de origem, outros fixaram-se por aqui. A grande ocupação do estado de Rondônia, e também do estado de Mato Grosso, aconteceu sobretudo a partir do fim da década de sessenta com os grandes projectos governamentais de exploração e ocupação do norte. Esta foi, também, a saída encontrada para superar a crise dos estados do sul, sobretudo do estado do Paraná, que substituíram as culturas com muita mão-de-obra (café, algodão), pela pecuária (criação de gado) e pelas culturas mecanizadas (soja e trigo). Isto significou o desemprego para milhares de famílias. A situação de desemprego rural no sul e a forte ideologia do governo militar, que tinha medo de perder a Amazônia - "integrar para não entregar", provocaram a migração violenta e desorganizada, ocupação predadora destas terras do norte e das suas riquezas.

"A grande ocupação do estado de Rondônia"

"aconteceu sobretudo a partir do fim da década de sessenta"

"integrar para não entregar"

O que é que me leva a afirmar que esta migração foi desorganizada e predadora?

Primeiro, quando visitamos cidades como Porto Velho (capital do estado), Ji-Parana, Cacoal e Vilhena, as mais importantes do estado, damo-nos conta da grande desorganização em que se encontram, sem qualquer tipo de planeamento de carácter habitacional e ambiental.

Segundo, se é verdade que o estado de Rondônia integra a chamada região amazónica, também é verdade que quase não é possível ver traços característicos da Amazónia por estes lados. As árvores e os animais que lhe são particulares (autóctones) praticamente desapareceram. É realmente muito difícil ver uma árvore de grande porte na região. Foram praticamente todas "dizimadas" pelas madeireiras. O único elemento da natureza que felizmente ainda temos em abundância são os "nossos" rios. Em muitos deles ainda é possível ter a alegria de fazer uma pescaria abundante mas...a ameaça da poluição, fruto da negligência de algumas indústrias instaladas na região e fruto da falta de tratamento da água usada nos centros urbanos que não param de crescer de uma forma desorganizada, já começou a bater à nossa porta. Temos disso um triste exemplo mesmo no centro da cidade de Vilhena.

"O único elemento da natureza que felizmente ainda temos em abundância são os "nossos" rios"

3. Conhecendo um pouco da história da cidade de Vilhena

Segundo os dados estatísticos que acabam de ser publicados, a cidade de

Vilhena tem uma população aproximada de 70 mil habitantes. Isto poderia não ser muito significativo se a cidade já fosse de "idade avançada". O fato é que Vilhena está a cumprir o seu 26 aniversario de fundação. A cidade cresceu muito nos últimos tempos, não só pelo número de pessoas que ao longo dos anos foram chegando de todas as partes do país, principalmente do sul, mas também por um assustador, quase previsível movimento de fuga das áreas rurais para as áreas urbanas. Quais as consequências? A periferia da cidade inchou demasiado e surgiram portanto novos bairros ao estilo das "favela" das grandes metrópoles. Bairros marcados por uma característica comum que se chama pobreza que é visível tanto na precariedade das habitações como no alto indício de violência, que já se instalou em alguns deles e que tende a "institucionalizar-se" a cada dia que passa. As oportunidades de trabalho na cidade escasseiam porque por um lado a actividade comercial está saturada e, por outro, a agricultura está praticamente toda mecanizada, o que reduz drasticamente a necessidade de mão-de-obra. Tudo isto traz consigo uma onda de violência (nomeadamente assaltos a residências) que, segundo as estatísticas, estão um pouco acima do normal para uma cidade do interior brasileiro.

Se dermos um passeio pela cidade de Vilhena há ainda um outro facto que não escapa mesmo ao olhar mais desatento - Vilhena tem um número recorde de Igrejas Protestantes/Pentecostais/Evangélicas. Os católicos são uma minoria. Isto é tanto mais curioso quanto se sabe que o Brasil é um dos "países mais católicos" do mundo. Porquê uma presença tão grande de outras igrejas nesta região? Poderiam ser apontados vários aspectos que nos ajudassem a entender este fenómeno. Uma das primeiras razões pode ter a ver com o facto de Rondônia ter sido projectada para ser o "paraíso protestante", ou seja, alguns políticos da época esforçaram-se para que este fosse um estado "modelo" de implantação protestante/evangélico. Uma segunda razão é o facto de na cidade conviverem pessoas oriundas de todas as partes do Brasil e trouxeram com elas a sua própria "cultura religiosa". Como as pessoas que aqui se encontram, são na sua esmagadora maioria pessoas oriundas de outras partes do país, a religiosidade foi, e continua a ser, o único elemento de identificação/identidade para muitas pessoas. Por último, a escassez crónica de missionários católicos que quisessem vir para esta região do país. Esta escassez de agentes missionários continua ainda hoje a afligir esta Igreja que se debate todos os dias com falta de gente e com as grandes distâncias que é necessário enfrentar para tentar chegar a todas as partes onde se encontram famílias católicas.

"Os católicos são uma minoria"

"Esta escassez de agentes missionários continua ainda hoje a afligir esta Igreja"

4. Conhecendo um pouco da história dos espiritanos no município de Vilhena

Em 1990 os espiritanos chegaram a Vilhena. Já lá vão 14 anos de trabalho e dedicação a esta Igreja, certamente muitas alegrias e não menos frustrações e dificuldades aconteceram ao longo destes anos. Com o andar dos tempos, os espiritanos foram percebendo a importância de se colocarem na

trajectória da história e decidiram embarcar nesta aventura de estar ao lado dos "novos descobridores do norte brasileiro" e de ser, no seu meio, presença de Deus e fonte de esperança. Não sei muito bem como foi o início desta caminhada e desta história espiritana, mas gostaria de partilhar aquilo que tem sido a minha experiência de ano e meio nesta cidade de Vilhena, desafios e dificuldades de evangelizar na cidade.

Faz apenas um ano e meio que cheguei a esta grande paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora mas sou aquele que se encontra aqui já há mais tempo. Por aqui, já podemos ver como tem sido extremamente grande a mobilidade dos confrades espiritanos nos últimos tempos. A falta de confrades e a falta de planeamento interno da província tem levado a que tudo isto aconteça. Com isto as comunidades sentem-se enfraquecidas e qualquer plano de acção pastoral a médio e longo prazo não tem qualquer viabilidade. Neste momento são 20 as comunidades existentes no perímetro urbano e 32 na área rural. Se dentro da cidade a mobilidade e a proximidade facilita o trabalho, na área rural (roça) as comunidades encontram-se distantes umas das outras e, por causa do mau estado de conservação das estradas de terra, é, muitas vezes, difícil chegar até lá. Para ter uma noção das distâncias, a comunidade mais distante a partir da cidade fica a 215 km e estamos apenas a 320 km da sede da diocese a que pertencemos - Ji-Paraná!

"Para ter uma noção das distâncias, a comunidade mais distante a partir da cidade fica a 215 km"

Campo de trabalho não falta, falta sim gente para trabalhar. Desde que Pe. Selço chegou a Vilhena tem desenvolvido um trabalho continuado na área rural. No entanto, eu vou-me centrar nas possibilidades e desafios de evangelizar na cidade pois tem sido aqui que tenho ocupado a quase totalidade do meu tempo.

5. Evangelizar na/a cidade

Evangelizar a cidade, sabemo-lo, não é tarefa fácil em nenhuma parte do mundo. Ela exige conhecer muito bem a realidade urbana, saber dialogar com ela tendo sempre muito presente os princípios evangélicos pelos quais a Igreja se faz presente na vida das pessoas. A cidade de Vilhena tem as características próprias de qualquer centro urbano. Isto significa exactamente o quê? Significa que são muitas as pessoas que vivem um isolamento (individualismo) muito grande, extremamente preocupadas com o seu "êxito" económico, sem que isso reflicta um crescimento de responsabilidade comunitária. As pessoas que aqui chegaram vieram à procura de riquezas, de melhoria de condições de vida por isso, a preocupação pelo religioso e pela "coisa comum" (comunidade) foi relegada para segundo plano senão mesmo, votado ao esquecimento. Cresceu então um "individualismo urbano" em que cada pessoa se julga absolutamente dona de suas decisões sem referência a exigências éticas, religiosas e comunitárias. A presença da Igreja torna-se urgente neste ambiente mas esta presença tem necessariamente que ser uma presença amiga, presença de encontro fraterno e acolhimento do diferente para a partir daqui ir avançando para propostas cada vez mais profundas de compromisso com a comunidade cristã e, necessariamente, de compromisso

"A presença da Igreja torna-se urgente neste ambiente"

com a sociedade envolvente. Este princípio de acolhimento pode ser visto como uma regra geral importante no convívio pessoal por parte dos agentes de pastoral para com aqueles com quem trabalhamos, isto porque, a cidade tende a excluir muito mais do que a acolher. Assim sendo, a Igreja, uma vez mais, tem que apontar para uma outra lógica de integração e de convivência entre as pessoas.

"a Igreja" "tem que apontar para uma outra lógica de integração e de convivência entre as pessoas"

Um exemplo disso é o convívio com muita gente da classe média-alta aqui da cidade. É uma convivência nem sempre pacífica mas, não deixa de ser uma convivência extremamente importante. Porquê? Porque, neste esforço de conhecer e amar a pessoa na sua diferença, apontando sempre para a necessidade de conversão em alguns aspectos da vida, tem levado algumas pessoas a reverem as suas posições, muitas vezes caracterizadas por um fechamento sobre si mesmas que não lhes permitem enxergar a realidade e voltarem-se mais para a comunidade. Não são raros os casos em que as pessoas ao sentirem que a Igreja os acolhe e os valoriza, mas ao mesmo tempo desafia e compromete, eles voltam a aproximar-se das nossas comunidades cristãs e a comprometerem-se socialmente.

Um outro exemplo tem a ver com a presença da Igreja numa cidade que continua a crescer de forma desorganizada, fruto da migração e êxodo rural que faz crescer um generalizado ambiente de pobreza, consequência do desemprego e do alto custo de vida. Este crescimento desorganizado está a provocar a violência, a prostituição, as drogas, os adolescentes de rua, a gravidez precoce e a ausência dos jovens nas escolas e universidades. Aqui, uma vez mais, a presença de uma Igreja acolhedora e amiga, reflexo de um Deus que ama a todos sem excepção, é extremamente importante. A presença nas escolas, principalmente nas escolas da periferia, a presença nas associações de saúde, educação, de bairro é mais do que urgente em ambientes urbanos como os de Vilhena. Claro que a Igreja em Vilhena tenta estar presente em todas estas situações pois estamos conscientes de que a missão da Igreja tem necessariamente que passar por aqui. No entanto, tudo é muito limitado por falta de pessoas que possam ser essa presença da Igreja nestes locais. Os padres e irmãs que aqui trabalhamos, somos poucos para tão grandiosa tarefa. Esta presença é, no entanto, tanto mais urgente quando a Igreja já não é, muitas vezes, vista como referência do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo com toda a sua força libertadora e transformadora.

Como mencionava anteriormente, os agentes da pastoral que trabalhamos em Vilhena somos poucos para tão grande e exigente realidade. Deste modo ficamos muitas vezes presos a uma realidade muito restrita, um círculo de gente e de actividades que não atingem a população no seu todo. Poderia dar apenas dois exemplos do que estou a falar. Num esforço de procurar chegar a mais pessoas, montámos um estúdio de gravação de programas para serem depois comercializados nas rádios locais da cidade. No entanto, por falta de pessoas que possam dar continuidade a este projecto, o investimento feito está subaproveitado. Outro exemplo está directamente relacionado com a pastoral da juventude. Vilhena é uma cidade essencialmente jovem e de jovens à procura de algo diferente daquilo que a cidade

"Vilhena é uma cidade essencialmente jovem e de jovens à procura de algo diferente daquilo que a cidade e a sociedade em geral oferece"

e a sociedade em geral oferece. Mas uma vez mais, por falta de uma pessoa que acompanhe todo este potencial juvenil de forma mais próxima, os nossos jovens caminham praticamente sozinhos e de uma forma bastante deficitária. O mesmo se pode dizer em relação à pastoral vocacional. São alguns os jovens que manifestam o desejo de conhecer melhor a vida religiosa, mas muitas vezes ficam apenas por ai, por falta de quem os acompanhe. Uns acabam esquecendo esse desejo que uma vez sentiram, outros procuram outras congregações religiosas que têm uma presença muito mais numerosa nesta região.

De uma forma geral, para se fazer o caminho de uma pastoral urbana eficiente e eficaz, é necessário cultivar um estilo linguístico que possa ser entendido neste contexto urbano. Quanto importante, por isso, é investirmos na linguagem em função de uma capacitação comunicacional de qualidade, a fim de que possamos promover um diálogo com a cultura moderna e uma cultura que tenda a ser cada vez mais uma cultura urbana. Isto é tão preocupante como o são os agentes missionários e os líderes leigos das comunidades, na sua grande maioria, continuam a vir das áreas rurais. A linguagem utilizada por muitos desses líderes das comunidades diz muito pouco, por exemplo, aos jovens que nasceram e sempre viveram aqui na cidade.

"Vilhena é uma cidade cheia de potencialidades."

Em resumo, Vilhena é uma cidade cheia de potencialidades. As pessoas, na sua maioria são pessoas generosas e com um grande sentido de acolhimento. São pessoas sedentas de algo que elas não encontram no dia a dia das suas vidas - da mensagem evangélica. Gente que se sente muito longe das suas raízes familiares, porque longe dos locais onde nasceram mas, gente que está a perder muito o sentido religioso na vida por falta de missionários consagrados e leigos que queiram dedicar as suas vidas ao serviço do Evangelho. Porque a cidade oferece sempre muitas mais alternativas que o campo, são muitos também os que se cansam das actividades escolares, desportivas, culturais de tal forma que é muito difícil encontrarem um espaço para se dedicarem à Igreja e ao serviço da comunidade. A aposta na evangelização nas cidades tem que ser cada vez mais reflectida e rezada para que a Igreja, nomeadamente a Igreja de Rondônia, possa florescer como sinal da presença de Deus nas lutas, alegrias e tristeza de seu povo.

"A aposta na evangelização nas cidades tem que ser cada vez mais reflectida e rezada"

inícios da missão espiritana na bolívia

O objectivo do artigo é apresentar as primeiras impressões da nossa missão espiritana em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. Para uma melhor compreensão, primeiro apresentam-se, em poucas linhas, alguns dados estatísticos. Depois fala-se da realidade actual da Igreja de Santa Cruz, tendo como referência o documento do II Sinodo Arquidiocesano, concluído em Setembro de 2001.

1. Dados Estatísticos

Bolívia faz parte dos países que compõem a América do Sul. Está localizado bem ao centro, cercado por Perú, Chile, Argentina, Paraguay e Brasil. É o segundo país em extensão territorial, depois do Brasil. Sua população é estimada em 8,5 milhões de habitantes. Mais da metade é indígena, isto é, 61,5%. Portanto tem uma identidade multicultural e multi-étnica. A língua oficial é o espanhol, mas cerca de 20% só falam a língua de origem: Quechua ou Aymara. Apresenta uma estrutura de população jovem; os menores de 18 anos representam 47,7% e a população, acima 65 anos, representa apenas 4%. Economicamente 70% das famílias são pobres.

2. Exclusão social

A Bolívia tornou-se Estado independente no ano 1825. Desde sua fundação como Estado que o poder esteve nas mãos duma elite. O primeiro grupo a assumir o poder foi os denominados "criollos", originários da mistura de espanhol com os povos nativos. A sua linha de acção foi a continuidade do modelo de dominação colonial (1825-1879). Mais tarde, o Estado oligarca (1880-1952) praticou uma exclusão social legal e uma democracia que não considerou cidadãos a maioria da população. A Re-

* Adalberto Ferezini, missionário espiritano, da Província do Brasil, um dos membros da primeira comunidade espiritana na Bolívia

volução de 1952, enquanto projecto tinha como objectivo incluir os setores populares no Estado, mas, na verdade, os acontecimentos serviram para consolidar no poder um novo grupo de elite - militar-empresarial. O Estado militar-empresarial, baseado na doutrina de Segurança Nacional subordinado aos alinhamentos norteamericanos (1971-1982), expressou os interesses transnacionais e a sua prática de repressão e desintegração dos setores sociais excluídos. O modelo Nacionalista Revolucionário tentou um último retorno no ano 1982, mas a crise económica e de representatividade política era irreversível. A imposição do Estado Neoliberal vigente desde agosto de 1985, significou a consolidação da exclusão social. Na verdade, o Estado Boliviano tem uma estrutura política e económica que marginaliza os setores sociais excluídos do poder e submete-se a políticas de dominação internacional.

"Uma outra marca forte de exclusão social é visível nos grupos étnicos"

Uma outra marca forte de exclusão social é visível nos grupos étnicos. Esta situação também tem sua origem no Estado colonial. Os habitantes eram divididos segundo sua "raça". Imagine-se isto: um Estado que nasceu roconhecendo como cidadãos somente os descendentes do espanhol. O Estado, em 1952, quis incorporar os "camponeses", obrigando-os a adoptarem os modelos culturais "criollos-occidentales", negando e desprezando a própria cultura.

"O reconhecimento de identidade multicultural e multi-étnica na Bolívia é muito recente"

O reconhecimento de identidade multicultural e multi-étnica na Bolívia é muito recente. Mesmo assim são escassos os sinais de uma ação pública para dar materialidade a esse reconhecimento. Um exemplo claro é a falta de uma política educacional que coloque em prática um sistema de educação bilingue e uma política agrária séria que seja capaz de reconhecer as terras comunitárias como propriedade legítimas dos povos nativos. Enquanto estas e outras necessidades não forem levadas a sério pelos órgãos competentes, a exclusão e a pobreza dos povos indíginas continuará.

Creio mesmo que esta situação chegou ao extremo da sua tolerância. A presença dos actores sociais nos últimos acontecimentos do país vai demonstrando que eles têm capacidade política. Deixaram claro que as suas capacidades vão mais além do seu folclore. São capazes de se organizar politicamente para participar nas decisões políticas e económicas do país.

3. Mapa da Pobreza

"A pobreza afecta um terço da população"

A pobreza afecta um terço da população, isto é, dois em cada três bolivianos são pobres. Até 1992, a população boliviana agrupou-se em três grupos sociais distribuídos em percentagem por: indigentes 37%, pobres 34% e os mais favorecidos 29% da população. Os dados referem-se à dimensão urbana e rural. Se analisarmos a área rural a situação passa a alarmante. A percentagem de pobreza dispara para 95%. Em conclusão podemos afirmar que 95% dos camponeses bolivianos são pobres.

Dados sociais publicados recentemente mostram que na zona urbana quase 70% da população vive amontoada em precárias casas sem nenhuma condição higiénica. A situação é mais assutadora porque 66,5% destas casas

tem apenas uma divisão onde vive toda a família. 65% dessas pessoas têm graves deficiências educativas e 53% não têm acesso a nenhum centro de saúde. Na área rural, os dados apontam que 93% dos camponeses não têm acesso a água potável, a serviços sanitários, a energia elétrica. e a maioria da população rural produz alimentos só para seu próprio comsumo. Em suma, a renda anual da maior parte dos cidadanos bolivianos não supera os 630 dólares.

O mapa da pobreza é mais visível nas seguintes actividades: agricultura, pequeno comércio, construção, serviços, manufacturado e transporte. Mas a maior incidência de indigentes provém do setor agropecuário não assalariado.

Segundo os especialistas, a zona rural é o setor onde se apresentam as maiores dificuldades de superação da pobreza. Os pobres do campo são pobres não somente em referência aos níveis de ingresso ou consumo de calorías, mas também, em termos de propriedades, de acesso aos recursos necessários para a produção e ausência de plena cidadania. Na verdade, estes cidadãos estão excluídos dos escassos benefícios de uma economia de livre mercado, inaugurado há 16 anos no país. A brecha entre os ricos e os pobres é cada vez maior e não há sinais de redução.

"Tudo isso faz com que Bolívia seja o país mais pobre da América do Sul"

Tudo isso faz com que Bolívia seja o país mais pobre da América do Sul. Para alguns especialistas o erro está na elaboração do programa de desenvolvimento económico adoptado pelos antigos governos. A base de sustentação económica do país apenas estava concentrada no setor da exportação. Primero foi a exportação de minérios e depois a de gás natural. Este esquema gerou um estilo de desenvolvimento que não exigia destribuir recursos para alimentar o mercado de consumo interno. Isto favoreceu a construção de infraestrutura vial e o baixo desempenho da agricultura.

4. Igreja particular de Santa Cruz

A população de Santa Cruz tem uma fisionomia particular de outras partes do país. Ela é fruto do encontro de povos e culturas que ainda conservam a sua própria identidade e a sua história. Dela fazem parte (cinco) grupos originários que viviam nas regiões baixas, o grupo dos que vieram de outras partes altas do país e o grupo dos estrangeiros. Toda esta realidade é uma riqueza, mas também é um grande desafio para a Igreja.

Sabemos que evangelizar é a tarefa fundamental da Igreja. Em sua contribuição, nas bases da Igreja de Santa Cruz, é notória a deficiência neste campo. O trabalho de alguns agentes de pastoral ainda se resume a uma fria administração dos sacramentos. Muitas homilias não chegam ao coração do povo, não assumem a vida nem as preocupações dos seus destinatários. As famílias, que são o lugar privilegiado da educação na fé e nos valores evangélicos, também estão a perder força nesta nobre tarefa. Em alguns colégios católiocos o ensino religioso é precário. Algunas estruturas da Igreja, presa na sua antiga concepção, perdem a actualidade e fecham-se ao diálogo e à participação comunitária.

"Muitas homilias não chegam ao coração do povo"

Por outro lado, dentro dos limites da Arquidiocese, há muita gente que não está devidamente evangelizada. É visível a falta de uma presença eclesial e de uma ação dedicada de sacerdotes, de religiosas e de leigos comprometidos em vários setores da população. Grupos inteiros da cidade e do campo não são atendidos e esperam a Palavra do Senhor para iluminar as suas vidas. Por esta razão, muitas pessoas vão em busca de outras denominações religiosas, para satisfazer a sua inquietude religiosa, onde com frequência são enganadas, seduzidas ou manipuladas.

"Muitos ofuscam o verdadeiro sentido das festas e devoções populares com o excesso de venda de bebidas alcoólicas e objetos devocionais"

Em muitas das nossas celebrações nota-se ainda a apatia de algumas pessoas que assistem, mas não participam. Outras deixam-se levar pela emoção externa. Algumas exigem o sacramento não pela importância religiosa, mas pelo social e por necessidades de ter os documentos legalizados. Muitos ofuscam o verdadeiro sentido das festas e devoções populares com o excesso de venda de bebidas alcoólicas e objetos devocionais. Além disso, a maioria do povo tem pouco conhecimento do conteúdo bíblico e pastoral da liturgia eucarística.

Em algumas paróquias ainda se mantém um esquema centralizado, onde o sacerdote é quem decide tudo, os leigos apenas exercem o papel de ajudantes. Para muitas pessoas, o padre considera a paróquia como uma propriedade privada. Esta realidade é permitida porque os leigos não se sentem preparados para cumprir o seu papel junto do seu pároco. Eles têm consciência de que necessitam de uma formação adequada para compreender e responder a estes desafios. O mais grave é que não faltam aqueles que ainda têm dificuldades para aceitar que não há contradição entre hierarquia e carisma. Além disso, grande parte das tarefas eclesiais depende da ajuda económica externa. O sentido de pertencer à Igreja e a corresponsabilidade afectiva e efectiva de cada cristão está longe de ser uma realidade.

"Em muitas comunidades há ausência de serviços sociais"

Em muitas comunidades há ausência de serviços sociais. A maioria da população fica sem uma solução adequada e digna para as suas necessidades básicas. As comunidades não estão bem organizadas e os órgãos públicos existentes não cumprem com as suas obrigações. Os líderes cristãos são insuficientes e alguns não contam com o apoio da sua comunidade. Além disso, em muitos casos, confia-se muito na ajuda externa, não se apoiam programas e nem se geram recursos próprios. Há obras que por excessivo custo económica dificilmente serão assumidas pela Igreja.

5. Evangelização

Iguais a todos os países de América do Sul, os primeiros evangelizadores também chegaram aqui no mesmo navio juntos com os primeiros colonizadores. Os povos indíginas eram o alvo da evangelização. Algumas regiões ainda preservam as marcas dessa missão realizada pelos missionários da Companhia de Jesus. Nos antigos templos e obras sacras são visíveis a mistura de duas culturas distintas. Hoje tudo é parte da história e patrimonio da cultural do povo boliviano. São lugares indispensáveis no roteiro dos turistas que visitam o país.

Como qualquer evangelização da época, aqui ensinaram muitas coisas boas e também destruíram coisas importantes das suas culturas. A prova é que hoje mais de 80% da população se declara católica. A cifra pode até impressionar, mas apenas 20% frequentam esporadicamente as igrejas. Diante dessa realidade é urgente pôr em prática o pedido do Papa - uma nova evangelização para a América Latina.

"Diante dessa realidade é urgente pôr em prática o pedido do Papa - uma nova evangelização para a América Latina"

Não podemos negar a fé deste povo. Mas creio que sem cometer os mesmos erros do passado, é necessário «purificar» mais o sentido do ser católico. Não estou a afirmar que a maneira de muitos manifestarem a sua fé está errada. Mais do que isso quero dizer que é preciso esclarecer melhor o que é essencial para viver a sua fé em Jesus. Tão pouco quero afirmar que a verdade absoluta está na Igreja católica. Respeito a pessoa e a sua crença, mesmo discordando de alguns aspectos do objeto da sua fé. O difícil é admitir que uma pessoa possa acreditar em dois valores opostos ao mesmo tempo, como absolutos. A presença de pessoas que vivem a sua fé assim dentro da Igreja Católica põe em risco a credibilidade da mesma. São pessoas vulneráveis. Surge um grande dilema: que fazer ou não fazer? Não me passa pela ideia expulsá-las. Sinto e vejo um campo onde temos que trabalhar muito para que tenham uma fé mais viva em Jesus Salvador e Libertador. Que esta fé os faça confiarem mais em si mesmos. E pouco a pouco os faça perceberem que a vontade de Cristo é que todo o crente seja ele mesmo, protagonista da sua própria libertação e história. Temos que parar de vender uma falsa imagem de que a Igreja Católica é forte e poderosa. Esta percepção de cristãos contribuiu para esta má imagem.

É certo que isto que escrevo não é nenhuma novidade nem o meu objectivo. O meu objectivo é apenas apresentar a realidade do «Projecto Bolívia». Isto mostra que nossa missão aqui é distinta de uma missão num país do continente asiático, por exemplo. Nunca trabalhei numa missão de primeira evangelização. Mesmo assim imagino que uma reevangelização é tão ou mais difícil que uma primeira evangelização. Vejo que temos dois trabalhos. Primeiro temos o trabalho de expulgar aquilo que não é essencial à fé católica. Segundo temos o trabalho de apresentar o que é o centro da nossa fé sem que isto afete a sua cultura. Porquê? Porque creio que evangelização não é apenas substituir alguns valores. É antes de tudo levar a pessoa a perceber que a oferta de Jesus é uma nova possibilidade de viver a sua cultura numa esfera onde ela própria é parte do processo de tudo aquilo que faz parte da sua vida, e não somente objecto desse processo. Na verdade é tomar consciência que Jesus é o centro. Uma vez consciencializada, a pessoa não terá mais dúvida que ela também é o centro com Jesus e em Jesus.

"imagino que uma reevangelização é tão ou mais difícil que uma primeira evangelização"

6. A nossa missão

Depois de um ano de missão, já aparecem os primeiros sinais de que somos um pouco diferentes da primeira equipe. Não temos dinheiro e queremos que todos trabalhem para a comunidade sem remuneração ou favores. No início sentimos da parte de algumas pessoas uma certa rejeição. Apesar

da dificuldade, adoptámos uma maneira de trabalho um pouco diferente e menos centralizada. O difícil é convencê-los de que eles também são parte da missão e do processo, que temos de tomar as decisões juntos e assumirmos as consequências também juntos. Digo isto porque para a maioria das pessoas a Igreja é do padre e a sua relação com ela é apenas comercial.

Nos seus escritos, o Pe. Libermann dizia que temos que ter como meta ajudar a organizar a Igreja de Cristo onde ela não existe. Na nossa paróquia até temos algumas igrejas construídas, mas apenas o templo. O grande desafio agora é a formacão da Igreja viva. Para isso necessitamos de pessoas que se disponham a assumir a sua Igreja e de recursos para a formação das mesmas. Certos de que este é o caminho deparamo-nos com alguns obstáculos, como o analfabetismo, a baixa auto-estima, a falta de coerência, o acreditar em si mesmo, a discriminação, a migração, a miséria, a falta de trabalho, etc.

Não afirmo que toda a cidade de Santa Cruz vive esta mesma realidade. Falo a partir da realidade da periferia, onde está localizada a nossa paróquia. As pessoas que aqui vivem vieram de toda parte do país. Todos vieram em busca de uma vida melhor para a família. E para muitas delas o sonho de uma vida digna para todos transformou-se num pesadelo. Além de perderem a sua raíz cultural, o seu povo e as poucas coisas que tinham, na cidade, também perderam a família. Muitos pais transformaram-se em alcoólicos, os filhos perderam-se nas drogas e converteram-se em delinquentes.

A miséria desta gente é em todo os sentidos. Creio que foi a miséria económica que desencadeou uma série de outros fatores. Um deles é a sua baixa auto-estima. As pessoas já não acreditam em mais nada, principalmente em si mesmas. A aventura de uma vida melhor na cidade foi frustrada. Os adultos são, na sua maioria, analfabetos. Os pais não encontram um trabalho estável. Apenas 5% têm uma remuneração mensal segura. As mulheres são quem praticamente sustentam a família. Trabalham nos mercados populares ou são vendedoras ambulantes. Os jovens estão quase todos fora do mercado de trabalho.

"São estas as pessoas que temos diante de nós para formar a Igreja de Cristo"

Não podemos esperar outra coisa desta gente a não ser os seus lamentos e desesperos. São estas as pessoas que temos diante de nós para formar a Igreja de Cristo. Frente a isto somos tentados a fazer como os nossos irmãos pentencostais, católicos ou evangélicos, apresentar a figura de um Cristo que vem ao encontro da pessoa para ajudar a suportar todo tipo de sofrimento sem se lamentar ou desesperar. Apresentar um Cristo que não concorda com esta situação, não é uma tarefa simples. Quando dizemos que é necessário lutar juntos para que alcancemos uma vida digna, temos a sensação de que o nosso discurso é vazio, porque as pessoas já não têm mais estímulo para reagir.

Para alguns teólogos, o primeiro passo é recuperar a auto-estima das pessoas. Não é possível exigir algo de quem não acredita em si mesmo. É claro que a evangelização não é uma coisa à parte. Mas, para que a evangelização seja eficaz é preciso mostrar que cada um é importante e necessário para a vida da Igreja de Cristo.

Outro desafio é a religiosidade popular. Esta é uma marca forte na cul-

tura boliviana. Posso até estar equivocado, mas sinto que a maioria das pessoas têm mais fé nos objetos de devoções, como água benta, imagens de santos e virgens do que em Jesus. É uma fé muito particularizada numa dimensão vertical. Cada família tem a sua santa, quer uma missa particular em casa, seja para algum parente falecido ou seja para sua Virgem de devoção. As festas, na verdade, é mais um motivo para tomar bebidas alcoólicas do que por questão de fé. O mesmo acontece numa missa particular para defunto. Pode ocorrer que uma mãe, ao terminar de baptizar o seu filho, peça ao padre para derramar água benta na cabeça da criança, porque vale mais a água benta do que a água do baptismo, apesar de que seja a mesma água. O grande desafio é descobrir como aproveitar certos costumes e tradições para transformá-los em elementos positivos num processo de evangelização libertadora.

"O grande desafio é descobrir como aproveitar certos costumes e tradições para transformá-los"

BIBLIOGRAFIA

SEGUNDO SÍNODO ARQUIDIOCESANO (2001). *Igreja de Santa Cruz de la Sierra. Santa Cruz.*

IRIARTE, Gregorio, O.M.I. (2002). *Análisis Cristico de la Realidad. Compendio de datos actualizados. 14ª ed. Cochabamba.*

missão espiritana no contexto eclesial da américa latina

Como fazer para que o mundo de hoje se abra ao Evangelho? O Evangelho é a semente evangélica colocada no coração da Igreja e da humanidade. A segunda conferência do episcopado latino-americano (CELAM), foi realizada em Medellín, na Colômbia, em 1968, e foi considerada como sendo o acontecimento eclesial do século no continente. Ocupou-se com questões como: dignidade humana e direitos humanos; análise crítica dos sistemas políticos do ponto de vista eclesiológico e cristológico e responsabilidade evangelizadora da Igreja. Medellín, Puebla e Santo Domingo foram eventos eclesiais que têm imprimido o rosto da Igreja latino-americana. E neste início do novo milênio como se define o rosto da Igreja neste continente? As conquistas, sobretudo de Medellín e de Puebla, são irrevogáveis, porém tem havido uma mudança nos acentos. É uma Igreja junto do povo, caminhando com o povo, assumindo com o povo as dores e angústias do nosso mundo. Depois de tantos anos - falando em evangelização, renovação da igreja e missão, não se conseguiu ainda clareza suficiente para questões importantes da missiologia.

Porém o aspecto fundamental neste processo de convergências e divergências, tem sido o redescobrimento da originalidade e da formação histórica da vida religiosa missionária (VRM) latino-americana, no sentido de que a imagem própria do missionário já não é vista do ponto de vista do "centro" (Europa), mas,

* Pedro Iwashita, missionário espiritano, pertencente à Província do Brasil, teólogo e investigador

vista do próprio "lugar periférico" no contexto global do mundo e da igreja.

Falando em contexto eclesial, não podemos deixar de lembrar o que significou o Concílio Vaticano II (1962-1965) para o chamado aggiornamento e diálogo da Igreja com o mundo de hoje, cujo jubileu de 40 anos estamos comemorando. Conforme LORSCHEIDER (2004, 5), "o grande objetivo do Vaticano II era, na opinião do papa João XXIII, a evangelização do mundo atual. Como fazer para que o mundo de hoje se abra ao Evangelho? Como evangelizar o mundo de hoje? Como anunciar o Evangelho para o mundo de hoje e como vivenciá-lo?".[1] Desta vez um concílio tinha sido convocado, não para condenar e sim com a preocupação de salvar, o que mostra que a intenção do concílio era eminentemente pastoral, com o desejo de reler e reinterpretar o Evangelho para os nossos dias, sem querer com isso anular os concílios do passado, mas simplesmente abrir-se ao novo que estava sendo gestado, através de uma pastoral do amor compreensivo, humilde, serviçal, dialogante, e de doação de si mesmo.[2] Metodologicamente, o Vaticano II "trabalha com duas realidades: a revelação e a situação. Há uma nova concepção teológica da salvação. A salvação não é colocada antes ou depois do mundo, mas dentro do mundo. A salvação constrói-se neste mundo, onde temos as sementes do Verbo, embora não se esgote com a realidade e na realidade desse mundo. É a teologia do Reino de Deus já presente e atuante no mundo. O Evangelho é a semente evangélica colocada no coração da Igreja e da humanidade. Por isso, não mais fuga do mundo, mas presença evangélica atuante no mundo" (LORSCHEIDER, 2004, 7).

"A segunda conferência do episcopado latino-americano (CELAM), foi realizada em Medellín, na Colômbia, em 1968)"

Com o encerramento do Concílio Vaticano II (1965), surge a necessidade de aplicá-lo e ao mesmo tempo traduzi-lo para a realidade da América Latina. A segunda conferência do episcopado latino-americano (CELAM), foi realizada em Medellín, na Colômbia, em 1968) e foi considerada como sendo o acontecimento eclesial do século no continente. Seguindo a inspiração do Vaticano II e da encíclica Populorum Progressio (1967), Medellín formulou 16 documentos onde se analisam criticamente o subdesenvolvimento, a opressão e a carga histórica que pesa sobre os povos deste continente, buscando como resposta a necessidade de se realizar uma evangelização libertadora.[3] A conferência de Puebla (1979), embora seguisse as pegadas de Medellín, porém assume um procedimento e um método diferente. Ocupou-se com questões como: dignidade humana e direitos humanos; análise crítica dos sistemas políticos do ponto de vista eclesiológico e

[1] LORSCHEIDER, Aloísio Cardeal, na apresentação do livro GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes; BONBONATTO, Vera Ivanise (Org.). Concílio Vaticano II. Análise e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2004.

[2] Cf. ibidem, 5.

[3] Cf. RZEPKOWSKI, Horst. Lexikon der Mission. Geschichte - Theologie - Ethnologie. Graz Wien Köln: Verlag Styria, 1992.

cristológico e responsabilidade evangelizadora da Igreja. A Teologia da Libertação passou a ter um papel importante no meio eclesial. A comunidade eclesial como um todo é vista como portadora da responsabilidade por uma evangelização libertadora concretizada no desenvolvimento integral do homem, defesa dos direitos humanos, procurando a Igreja ser defensora dos pobres e de seus direitos. Os bispos foram chamados a serem solidários com o povo e promovendo a fraternidade fundamentada na práxis cristã. O desejo de libertação deve conduzir os bispos a convocar todos os cristãos, sem diferença de classe, a serem solidários com os excluídos da sociedade.[4] A conferência de Santo Domingo (1992), por sua vez, teve o objetivo de traçar as linhas fundamentais de um novo impulso evangelizador - pôr Cristo no coração e nos lábios, na acção e na vida de todos os latino-americanos. É esta a nossa tarefa: fazer com que a verdade sobre a Igreja e o homem penetre mais profundamente em todas as camadas da sociedade, em busca da sua progressiva transformação" (SD, 3), tendo como temas fundamentais a nova evangelização, a promoção humana e a promoção de uma cultura cristã.

"Medellín, Puebla e Santo Domingo foram eventos eclesiais que têm imprimido o rosto da Igreja"

Medellín, Puebla e Santo Domingo foram eventos eclesiais que têm imprimido o rosto da Igreja latino-americana. E neste início do novo milênio como se define o rosto da Igreja neste continente? As conquistas, sobretudo de Medellín e de Puebla, são irrevogáveis, porém tem havido uma mudança nos acentos. Conforme LORSCHEIDER (2002), neste início do novo milênio, percebe-se que nos encontramos numa Igreja Peregrina na história sob a acção do Espírito Santo e guiada pelos legítimos pastores. Ela apresenta-se com forte acento institucional e com preocupação de bom funcionamento Institucional. Em alguns sectores dá-se ênfase ao espetáculo emocional para se contrapor ao fenômeno das seitas, deixando de tocar nos aspectos sociais da fé em vista de uma transformação da sociedade. "Uma igreja alegre, que canta, bate palmas, pula, mas não toca no calo de ninguém; de outro lado, uma igreja que põe o acento no compromisso com a comunidade, de modo especial o compromisso com a justiça e a libertação do povo, além da busca de uma integração e soma de forças com todos, cristãos, não cristãos, não crentes. É uma Igreja junto do povo, caminhando com o povo, assumindo com o povo as dores e angústias do nosso mundo. Uma Igreja socialmente engajada, uma Igreja sal, fermento, serviço, povo, igreja profética, missionária, libertadora" (LORSCHEIDER, 2002, 72)[5].

"É neste contexto eclesial que se tem aclimatado também a vida religiosa missionária"

É neste contexto eclesial que se tem aclimatado também a vida religiosa missionária (VRM) na América Latina, incluindo aqui a Missão Espiritana. Conforme Edênio Valle[6], contextualizando agora a VRM latino-americana, ela encontra-se actualmente, depois da efervescência criativa dos anos en-

"na América Latina, incluindo aqui a Missão Espiritana"

[4] Ibidem, 350.

[5] LORSCHEIDER, Aloísio Cardeal. "A atual conjuntura eclesial neste início de Novo Milênio". In: Teologia em questão, Taubaté, 2002/1, 71-87.

[6] Cfr. VALLE, Edênio, SVD. "Mission for the twenty-first century in Latin America: a view from the perspective of the Missionary Religious Life". In: Bevans, Stephen B.; Schroeder, Roger (ed.). Mission for the 21 st century. Chicago: CCGM Publications, 2001, 129-148. Edênio Valle, SVD, foi presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB-Nacional).

tre 1960 e 1970 e seguintes, numa encruzilhada, em que existe o desafio da necessidade de uma autodefinição de si como figura histórica nova onde constantemente é chamada para questões que ocorrem e transformações num mundo que parece caminhar para um processo de mudança fundamental. E neste ponto, depois de tantos anos - falando em evangelização, renovação da igreja e missão, não se conseguiu ainda clareza suficiente para questões muito importantes da missiologia. Não é somente o conceito teológico de missão e de vida religiosa missionária que se mostram insuficientes. A forma sociológica concreta e a sua própria definição histórica não estão bem definidas. Assim, a maior dificuldade está em determinar quais os objectivos concretos, que relações organizacionais e que estilos de comportamento do carisma missionário enquanto sacramento de salvação para todo o gênero humano. Parece que a presente VRM como um todo, se apresenta incapaz de explicar ao mundo, à igreja e aos próprios religiosos e religiosas, toda a criatividade carismática que lhe pertence. Porém o aspecto mais fundamental neste processo de convergências e divergências, tem sido o redescobrimento da originalidade e da formação histórica da VRM latino-americana, no sentido de que a imagem própria do missionário não é mais vista do ponto de vista do "centro" (Europa), mas, vista do próprio "lugar periférico" no contexto global do mundo e da igreja. Hoje desenvolve-se uma nova consciência da nossa responsabilidade em relação à missão universal da igreja. Isto não significa que já exista na igreja latino-americana e na VRM, uma plena consciência do seu papel na igreja mundial mas, o rosto da VRM Latino-americana não se pode imaginar sem estar em solidariedade com os pobres e os excluídos do mundo inteiro.

"As mudanças ocorridas"

É na década dos anos 90, conforme Edênio Valle, que a VRM latino-americana parece ter entrado numa fase de transição. As mudanças ocorridas depois da queda do socialismo e a afirmação do modelo neo-liberal em economia, cultura e política colocaram a VRM numa "encruzilhada histórica" marcada pelos problemas típicos da pós-modernidade, fazendo com que muitos religiosos fossem retrocedendo para atitudes mais individualistas e passivas em relação à possibilidade de solucionar os problemas na sociedade e na igreja, em contraste à atitude mais crítica e activa da década de 70. Nesta situação não é fácil para a VRM, manter, por um lado, o princípio de opção pelos pobres e a espiritualidade de libertação, e por outro lado, exercer um papel profético e crítico na nova situação, distinguindo o que é destrutivo para as pessoas e o que lhes oferece oportunidades como se pede a uma actuação de missionário. É neste sentido que a VRM se encontra numa encruzilhada, o que leva alguns a perguntarem-se sobre como deve ser o perfil da VRM no futuro imediato. Na tentativa de procurar uma resposta, a CRB no seu objetivo principal para o período de 1998-2001, diz que na refundação da vida religiosa, é necessária a inserção na realidade social, cultural, política, econômica e religiosa; pela identificação com os valores, padrões e modos de ser e pensar de nossa gente, tendo um compromisso definido de lutas pela dignidade e justiça para todos, de modo especial pelos excluídos pelo processo econômico neo-liberal. As palavras significativas

"colocaram a VRM numa "encruzilhada histórica" marcada pelos problemas típicos da pós-modernidade"

dessa fase transitiva são: clemência, doação, gratuidade, atenção, ternura, leitura orante, reconciliação, "Deus-mãe", solidariedade, sensibilidade, esperança, simbiose e ecofeminismo. Isso mostra que VRM permanece comprometida com a defesa da dignidade, liberdade e qualidade de vida; estima dos direitos fundamentais das pessoas e das minorias; solidariedade efectiva entre as pessoas e religiões; denúncia de toda e qualquer forma de injustiça, e sensibilidade para as situações de miséria, fome e a guerra; interesse pela ecologia; crítica das injustiças econômicas. Em outras palavras, a VRM Latino-americana, está, no presente, tentando criar um novo modo de presença centrada na inserção, libertação e inculturação, animada por uma espiritualidade bíblica aprendida nos últimos trinta ou quarenta anos. Algumas das marcas positivas e negativas dessa fase são: a diversidade de culturas dentro da VRM Latino-americana (culturas afro e indígenas); interação dos gêneros; o engajamento do leigo; ecumenismo e diálogo interreligioso ou "macroecumenismo", área para a qual o missionário ainda está mal preparado, aqui na América Latina. O problema, freqüentemente mal resolvido dentro da VRM, é o da maturidade humana e afectiva dos membros. Num tempo de individualismo crescente, somente a personalização desta dimensão e a renovação da vida de comunidade missionária, pode oferecer uma base afectiva e social sólida, para uma actuação mais frutífera nos areópagos dos tempos modernos apontados pelo papa João Paulo II na sua encíclica missionária (RM 37).

A Missão Espiritana tem passado também por esses altos e baixos da VRM Latino-americana. Porém na busca de fidelidade à inspiração dos nossos fundadores, a missão espiritana tem procurado ser presença nas regiões e localidades mais pobres do continente sul-americano, sem deixar de ser imune a todas as questões que a VRM Latino-americana vive. A marca do espírito missionário espiritano tem procurado ser, seguindo a inspiração da conferência de Puebla, a "opção preferencial pelos pobres e marginalizados"[7]

"na busca de fidelidade à inspiração dos nossos fundadores, a missão espiritana tem procurado ser presença nas regiões e localidades mais pobres do continente sul-americano"

Como ilustração de uma experiência missionária espiritana na América Latina, trazemos aqui o testemunho do grupo espiritano da Bolívia.

"Já estamos completando um ano de presença em Bolívia. A criança (Projeto) tem três meses de nascido. Acreditamos que isto é positivo, porque não nasceu fora do tempo e nem foi abortado. Foi uma etapa importante e decisiva para a vida dessa criança. Isto requer de nós maior responsabilidade. Porque é nesta fase de vida que a criança recebe maior quantidade de informações externas que irá afetar toda sua existência. A definição de seu caráter ou do seu modo de ser está em nossas mãos. Acreditamos que a equipe já está melhor preparada para este momento delicado da vida do Projeto. Todos já conhecemos um pouco mais o caráter de cada um.

Outro ponto importante para a vida do Projeto é nossa relação com o povo. Já está mais claro que nós somos bem diferentes da antiga equipe. Apesar da dificuldade, adotamos uma maneira de trabalho um pouco diferente, isto é, mais descentralizada. O difícil é convencê-los que todos fazem

[7] Cf. Capítulo Geral - 1992. Itaici - Brasil, 71-74.

parte do processo, e que temos que tomar as decisões juntos e assumir as conseqüências também juntos. Para a maioria, a Igreja é do padre, e sua relação com ela é comercial.

Outro desafio é a formação. Isto se deve a vários fatores. Aponto alguns: a) analfabetismo; b) baixa estima; c) falta de coerência; d) acreditar em si mesmo; e)discriminação; f) migração; g) miséria; h) falta de trabalho; etc. Um exemplo: tivemos dois cursos de liturgia em setores diferentes, um começou com 30 pessoas e terminou com 2; o outro, apesar da inconstância, terminou com 10. Mesmo assim não conseguimos formar uma equipe de liturgia com os 10. É curioso que todos pedem formação, mas são poucos que participam. Quando convocamos para uma reunião ou curso podem suceder duas coisas: chegarão 30 ou 45 minutos depois ou não chegarão. Para garantir a presença de alguns temos que enviar um convite pessoal. Por deficiência de formação e por não acreditarem em si mesmas, algumas comunidades não caminham. Outras só se reúnem quando há missa, isto é, uma vez ao mês. Todavia há uma grande área que não tem nada.

Outro desafio é a questão econômica das famílias. Sempre vem a pergunta: como vamos exigir de quem não tem nem para comer? Algumas pessoas não vão às reuniões porque não têm dinheiro para a passagem. Agora imaginem para outras coisas. Uma interrogação é: é possível desenvolver uma boa pastoral sem dinheiro? Creio que para algumas coisas básicas necessitamos de dinheiro, principalmente para a formação.

"Outro desafio é religiosidade popular"

Outro desafio é religiosidade popular. Esta é uma marca forte na cultura boliviana. Podemos até estar equivocados, mas sentimos que a fé desse povo está mais concentrada nos aspectos secundários do que nos aspectos primários da fé cristã. Nos explicamos melhor. A maioria crê mais nos santos e nas santas do que em Jesus Cristo. Além disso, é uma fé particular. Cada família tem sua santa, quer uma missa particular em casa, seja para algum parente falecido ou seja para sua Virgem de devoção. Uma mãe ao terminar de batizar seu filho pode pedir ao padre para derramar água benta na cabeça da criança. Para ela valia mais a benção com água benta do que a água derramada sobre a cabeça da criança no momento do batismo. Isto se deve à influência das religiões dos antigos grupos étnicos e da colonização espanhola. O grande desafio é como aproveitar certos costumes para transformá-los em elementos positivos no processo de evangelização. Tudo isso sem ferir sua cultura, seus costumes e valores.

Uma outra coisa curiosa foi a atitudes dos catequistas depois da realização da missa de 1ª Comunhão. Não voltaram mais à igreja. O compromisso era com a catequese. Diante disso nos perguntamos: O que significa a missa e a eucaristia para esses jovens?

Muita das vezes sentimos que estamos abandonados, porque não recebemos visitas das autoridades da igreja. Estes são alguns dos aspectos que deixam visível o grande desafio que o Projeto Bolívia tem. As dificuldades podem ser obstáculo ou vida para o Projeto. Para nós uma coisa é certa: os desafios nos indicam que estamos numa realidade de missão. Temos muito que fazer. Em algumas coisas temos que começar do zero. Necessitamos de

muita paciência e perseverança, porque a sensação de que o povo não quer nada é grande. Não garantimos que seremos um sucesso, pois temos nossos limites e debilidades. O certo é que já superamos muitas coisas, e isso é um aspecto positivo". (Espiritanos do Projeto Bolívia).

O ideal missionário de Claude Poullart des Places e de Francisco Libermann continuam vivos na missão espiritana, que se realiza nas mais diferentes realidades deste continente marcado pelo sofrimento, mas também pela esperança, que nasce da alegria do Cristo Ressuscitado e o amparo materno da Mãe das Dores, com a qual tanto se identifica o povo, e que é a simples Virgem Maria, nome também de tantas mulheres, e que continua proclamando o Magnificat: "Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus meu Salvador (...) depôs poderosos de seus tronos e a humildes exaltou..." (Lc 1, 46-47; 52).

"O ideal missionário de Claude Poullart des Places e de Francisco Libermann continuam vivos na missão espiritana,"

missão espiritana no paraguai

Durante o Concílio Vaticano II, uma das Dioceses mais pobres e necessitadas de obreiros do Paraguai encontrou-se com o Superior Geral da Congregação e pediu-lhe ajuda com pessoal missionário para a sua Diocese.(...) A Província de Espanha quis responder ao apelo do Conselho Geral da Congregação. Certamente, a missão vivida em comunidade internacional é testemunho daquela unidade que Jesus pede e para qual temos de caminhar para que o Mundo creia n'Ele. Actualmente fala-se em inculturação: o missionário há-de conhecer e assumir a cultura daqueles aos quais é enviado e que o recebem.

0. INTRODUÇÃO

"Vamos àqueles lugares para os quais a Igreja dificilmente encontra obreiros!"

"Vamos àqueles lugares para os quais a Igreja dificilmente encontra obreiros!" Com este pensamento começou a história da presença dos Espiritanos no Paraguai, un lugar para o qual a Igreja dificilmente encontra obreiros. Durante o Concílio Vaticano II, uma das Dioceses mais pobres e necessitadas de obreiros do Paraguai encontrou-se com o Superior Geral da Congregação e pediu-lhe ajuda com pessoal missionário para a sua Diocese. Foi a ocasião de convidar a recentemente fundada Província da Trindade a assumir como território próprio de missão um lugar na Diocese de Concepción, cujo Bispo pedira socorro ao Superior Geral. A Província da Trindade aceitou o convite e enviou os seus primeiros missionários para a Paróquia de Lima, na Diocese de Concepción.

O território da Paróquia de Lima era muito extenso. Compreendia dois núcleos urbanos antigos de Lima e de Tacuat; a colónia de Nueva Germania, fundada por Alemães vindos para o Paraguai nos tempos de Nietzche com a ideia de fundar o reino do "Super-Homem" nas várias "compañías"

* Albino Vítor Martins Oliveira, missionário espiritano, com mais de 20 anos de experiência missionária no Paraguai. Foi responsável pelas Obras Missionárias Pontifícias do país. Actual Superior Principal.

dispersas e ocupadas por pobres "Campesinos" que viviam da agricultura de subsistência e da exploração de madeira. Por outro lado, havía e continua a haver algumas comunidades indígenas.

Eclesialmente, situámo-nos em tempos de renovação, depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, dos Bispos de América Latina, realizada precisamente com o propósito de adaptar a renovação trazida pelo Concílio à América Latina. Esta renovação traduz-se especialmete numa Pastoral iluminada pela Teologia da Libertação, com a formação das Comunidades de Base, como se dizia naquele tempo e agora fala-se em Comunidades Eclesiais de Base. Esta renovação tinha como grandes opositores os regimes totalitários presentes em toda a América Latina, que não admitiam a promoção e conciencialização do povo pobre e oprimido. A Igreja sofreu importantes perseguições, no Paraguai e, aqui na Paróquia de Lima, em particular. Uma das consequências da perseguição foi a saída dos Espiritanos do território da Paróquia de Lima.

Com a saída dos Espiritanos do território da Paróquia de Lima, ficou toda esta região sem a presença regular de pessoal missionário, sem que a Diocese pudesse remediar a situação, também por falta de pessoal. Informado da situação real em que ficou a missão espiritana do Paraguai, o Conselho Geral da Congregação fez um apelo a todas as Províncias, pedindo pessoal missionário que, formando um Grupo internacional, desse continuidade ao trabalho de evangelização dos Confrades da Província da Trindade.

"Foram aparecendo respostas positivas ao pedido do Conselho Geral da Congregação e, pouco a pouco, foi-se constituindo um grupo internacional para a evangelização do povo de Deus que vivia no território da Paróquia de Lima"

Foram aparecendo respostas positivas ao pedido do Conselho Geral da Congregação e, pouco a pouco, foi-se constituindo um grupo internacional para a evangelização do povo de Deus que vivia no território da Paróquia de Lima e de muitos outros homens, mulheres e crianças que vinham de todo o país, chamados pela colonização interna que proliferava, com a compra de grandes quantidades de terra por parte do Estado a proprietários particulares e a sua conseguinte venda e distribuição a "Campesinos", vindos em busca de melhores condições de vida.

Também a Província de Espanha quis responder ao apelo do Conselho Geral da Congregação no sentido de enviar pessoal missionário para o Paraguai e começou a preparar uma equipe missionária a enviar para este país e da qual fazia parte o autor destas linhas.

A equipa seguiu um processo de formação, que, como momento forte e importante, contemplou a participação num curso de Pastoral para América Latina em Madrid. Aí, em ambiente missionário, com Padres, Freiras, Missionários, Leigos, inclusive casais, tratámos temas de suma importância da vida da Igreja da América Latina, como a Teologia da Libertação e as Comunidades de Base ou, como se diz actualmente, as Comunidades Eclesiais de Base. Isto, num momento histórico em que a Igreja da América Latina estava a passar por um período de grande perseguição e martírio (recordo que um casal que se preparava para vir como Casal Missionário, perante a reflexão apresentada sobre a situação de martírio que estava a passar a Igreja em quase todos os países latino-americanos, não teve coragem para continuar e, entre lágrimas, desistiu do seu projecto missionário).

O processo de preparação, a integração num Grupo internacional espiritano e a participação na actividade pastoral da Igreja num lugar de missão num país diferente, levam-me a reflectir sobre alguns aspectos da vida espiritana:

1. Internacionalidade

Somos pessoas oriundas de diferentes países, de diferentes línguas, de diferentes culturas, convocadas pelo mesmo Espírito a compartilhar uma forma de vida e uma missão. No nosso mundo vivem-se ideias e situações diferente e às vezes contraditórias: globalização e culturas particulares, tolerância e fundamentalismos, etc. Num mundo como este, aparecemos como sinal de união e de comunhão - somos diferentes mas une-nos o mesmo Espírito e a mesma missão.

"viver em internacionalidade"

Sem dúvida que é muito interessante viver em internacionalidade com a consciência de que nos une o mesmo Espírito e de que compartilhamos a mesma missão. No entanto, é necessário ter a consciência de que se trata de uma tarefa a realizar com esforço, com renúncia, com entrega. O caminho não está feito, cada qual tem que o fazer aventurosamente consciente.

"é necessário ter a consciência de que se trata de uma tarefa a realizar com esforço, com renúncia, com entrega."

Certamente, a missão vivida em comunidade internacional, com tudo o que implica a internacionalidade, é testemunho daquela unidade que Jesus pede e para qual temos de caminhar para que o Mundo creia n'Ele. Por outro lado, podemos dizer que o Mundo nos pede este testemunho e, de alguma maneira, tem direito a recebê-lo das nossas comunidades. Se a missão é testemunho de vida, a comunidade missionária internacional desempenha uma missão de grande valor nos nossos dias: unidade na diversidade, acolhimento (a todas as pessoas como filhos de Deus e irmãos nossos, independentemente da raça ou da condição social de cada uma), diálogo, tolerância, valorização do outro e outros valores que o nosso mundo precisa e dos quais temos que dar testemunho para demonstrar como é que é possível viver com eles.

"A situação da Congregação actualmente, exige-nos que cada vez mais formemos e vivamos em comunidades"

A situação da Congregação actualmente, exige-nos que cada vez mais formemos e vivamos em comunidades internacionais. É mais um motivo para pensar que a internacionalidade é um sinal dos tempos, devendo nós mesmos fazermos o esforço para descobrir o que Deus nos quer dizer através dos sinais dos tempos e aceitá-los e vivê-los na disponibilidade dos desígnios de Deus, que nem sempre coincidem com os dos homens.

2. Inculturação

Os missionários são enviados a outros povos, a outros países, a outros continentes, com culturas diferentes, maneiras de viver, de pensar, de agir, de se relacionar, de exprimir a religiosidade de formas muito diferentes. Tempo houve em que muito se falava de encarnação: como Cristo encarnou, se fez Homem, num povo concrecto, também o missionário se deve encarnar no ambiente onde é enviado, viver como aqueles aos quais anuncia

o Evangelho. Actualmente, não se fala de encarnação (de facto, só Deus pode encarnar, fazer-Se carne), mas sim de inculturação: o missionário há-de conhecer e assumir a cultura daqueles aos quais é enviado e que o recebem.

Já Paulo VI dizia que era necessário penetrar na cultura, não como um verniz exterior, mas penetrar profundamente na cultura daqueles que o recebem, de maneira a transformá-la e impregná-la dos valores evangélicos de modo a que cheguem a fazer parte da mesma cultura. A convicção de Paulo VI é determinante para a evangelização para não cairmos na tentação de reduzir a evangelização à transformação de umas práticas ou expressões exteriores, ficando a mentalidade profunda da gente como estava antes de receber o Evangelho.

"É imprescindível para o missionário, sem renunciar à própria cultura, conhecer o mais profundamente possível a cultura do povo ao qual é enviado"

É imprescindível para o missionário, sem renunciar à própria cultura, conhecer o mais profundamente possível a cultura do povo ao qual é enviado e assumi-la com a certeza de que, antes de ele lá chegar, já o Espírito Santo estava lá a agir no coração de cada pessoa. Ao conhecer e ao assumir a cultura do povo, toma consciência de que é diferente da sua e, portanto, a sua acção terá que ser diferente do que seria num ambiente da sua cultura própria. Compreenderá também que o povo reage de maneira diferente do seu povo de origem. Esta certeza de reacção diferente é necessária para não se desanimar diante das reacções que lhe possam parecer raras ou até esquisitas.

No processo de inculturação há aspectos de suma importancia, como por exemplo, a língua. O missionário tem consciência da necessidade de conhecer bem a língua do povo a que é enviado, não só para poder compreender o que o povo lhe quer dizer, mas também para dizer o que precisa de dizer. Por outro lado, o missionário precisa de estar bem consciente de que o que anuncia é nada menos que a Palavra de Deus e que esta tem que ser transmitida com fidelidade. Sim porque a Palavra de Deus é palavra viva que dá vida, daí a necessidade de ser transmitida e recebida como o que Deus quer comunicar.

"o povo paraguaio é um povo de tradição oral, para o qual o mais importante é o que se diz e não tanto o que se lê ou escreve"

No caso concreto do Paraguai, como é um país bilingue, a gente pode ter a impressão de que é suficiente falar o espanhol. No entanto, a realidade é outra. A maioria da gente com quem trabalhamos fala com dificuldade o espanhol. Por outro lado, mesmo os que falam facilmente esta língua, pensam na sua própria, que é o guaraní e, com frequência, o que dizem não é precisamente o que pensam. Também é preciso ter em conta que o povo paraguaio é um povo de tradição oral, para o qual o mais importante é o que se diz e não tanto o que se lê ou escreve. Por isso, a mesma leitura da Bíblia, especialmente nas celebrações litúrgicas, com ou sem sacerdote, precisa de um especial cuidado, para que seja "ouvida" a Palavra de Deus.

"o missionário há-de amar o povo a que é enviado"

Outro aspecto de fundamental importância no processo de inculturação é o afectivo: o missionário há-de amar o povo a que é enviado, para poder realizar no meio dele a missão que lhe é confiada. Vem-me à memória o que alguém me dizia, sendo eu recentemente chegado a este país, em conversa de aperitivo à espera do jantar de casamento: "padre, se queres trabalhar

com o povo paraguaio, tens que, em primeiro lugar, amá-lo e amá-lo inclusivamente com os seus defeitos". É evidente este aspecto. Somente porque nos ama, Jesus se fez um de nós, veio junto de nós para nos salvar. Sòmente poderemos anunciar a Palavra de Salvação àqueles que amamos, pois só amando, podemos querer que o outro chegue ao conhecimento de Cristo e n'Ele se salve.

Ao falar de inculturação, a partir da minha vivência, relaciono-a com três realidades que estão bem unidas: o Povo, a Igreja e a Pastoral.

3. O Povo

Tenho que confessar que, durante o tempo de formação foram ocupando a minha mente e o meu coração algumas ideias relacionadas com a inculturação: encarnação, que era a palavra de moda, entrega, ser um membro mais do povo, compartilhar a vida do povo pobre, etc. Também durante a preparação mais próxima para o envio, no curso de pastoral para a América Latina, estas ideias foram-se fazendo mais claras. Já no Paraguai, fazia-se necessário levar à práctica o aprendido e recebido: em priemiro lugar, a aprendizagem da língua, a adaptação a alguns costumes diferentes, aprender a "gastar" tempo em convivência, escuta, observação da vida do povo, aceitar a alimentação, etc. Mesmo no trabalho pastoral, visitando as comunidades cristãs (Comunidades de Base ou Comunidades Eclesiais de Base), havia o hábito de ficar nas casas de responsáveis das comunidades. No lugar de missão onde foi enviada a nossa equipe, as nossas casas eram simples como as da maioria do povo, com paredes de madeira e tecto de palha; como não havia cozinha, comíamos em casa de famílias que nos convidavam ou se ofereciam para nos dar de comer. Enfim, muitos aspectos da vida missionária ajudaram-me a aproximar-me do povo simples, a respeitá-lo, a apreciá-lo, a amá-lo.

Sempre me senti muito bem recebido pelo povo, o que não quer dizer que não tenha havido momentos de nervosismo, de tristeza e até, por duas vezes, foi dito publicamente diante de mim que não queriam padres estrangeiros. Nos dois casos diziam que os estrangeiros não entendem o que dizem e eu estava a entender tudo mesmo sem ainda poder falar o guaraní. Também faz parte do processo de inculturação passar por situações de não aceitação, que são também momentos em que o missionário tem que abandonar o orgulho ou amor próprio e tomar consciência de que tem que anunciar a Outro e não a si mesmo e de que é um instrumento que deve ser levado pelo Espírito em busca da construção do Reino.

"Também faz parte do processo de inculturação passar por situações de não aceitação"

4. A Igreja

Um missionário é um enviado duma Igreja a outra Igreja irmã, ha-de ser um sinal de comunhão entre Igrejas que buscam chegar a formar o mesmo e único Reino de Deus, que começa já neste mundo mundo e culmina na

"Foi para mim muito importante descobrir a dimensão eclesial da vida missionária, vir integrar-me numa igreja particular e senti-me membro dessa mesma Igreja particular"

Eternidade. Foi para mim muito importante descobrir a dimensão eclesial da vida missionária, vir integrar-me numa igreja particular e senti-me membro dessa mesma Igreja particular. Também aqui tenho que confessar que tive a sorte de chegar poucos dias antes da criação da nova Diocese da qual faz parte o lugar de missão, o que me levou a participar de todo o processo de tomada de consciência por parte de agentes de pastoral leigos, sacerdotes e religiosos de estar a construir uma nova Diocese, uma nova Igreja particular.

Esta circunstância levou-me a assumir como minhas as opções desta Igreja local, actuar sempre com sentido de comunhão eclesial, tanto pessoalmente, como em comunidade com os outros membros da equipe da qual fazia parte. Esta comunhão eclesial levou-nos a participar activamente na implementação do plano de pastoral, do qual nos sentíamos co-autores. Assim, um missionário sente-se irmão de outros agentes de pastoral, com os quais compartilha a mesma missão, de ir construindo o Reino de Deus no lugar onde vivem e trabalham como membros de uma mesma Igreja, de um só Corpo de Cristo, do mesmo Povo de Deus.

5. A Pastoral

O missionário que chega a un país diferente do seu, a compartilhar a missão dentro duma Igreja local, faz tudo o possível por conhecer como essa Igreja está a actuar pastoralmente e, no caso concrecto, era realmente preciso fazer uma conversão: em primeiro lugar, descobrir que a Igreja é comunidade, com distintos serviços, realizados por diferentes pessoas, que, em comunhão, vão construindo a comunidade. Em segundo lugar, habituar-se a trabalhar em corresponsabilidade com Leigos que, ao fim e ao cabo, são os que carregam com a responsabilidade da vida das suas respectivas comunidades. Em terceiro lugar, tomar consciência de que a comunidade cristã se há-de empenhar na libertação e promoção das pessoas, o que podemos chamar "pastoral social". É o que entendíamos ao falar de Evangelização como promoção da fé e promoção humana.

"animar as comunidades cristãs a trabalhar na sua própria promoção"

Tenho que confessar que, no que respeita à Pastoral social, parece mais interessante e dá mais nas vistas o que é assistência do que o que é promoção, a partir do esforço da comunidade e dos próprios interessados. No entanto, também aqui está parte da inculturação: animar as comunidades cristãs a trabalhar na sua própria promoção, a buscar, com as próprias forças e os meios próprios, melhores condições de vida. Por outro lado, na acção pastoral, hão-de ir unidos o anúncio do Evangelho e a promoção das pessoas, na sua dignidade de filhos de Deus. A comunidade é una, não pode haver separação entre fé e vida concreta. Claro está que se trata de um caminho a percorrer, com muito esforço, pois são muitas as forças que se opõem a este estilo de pastoral, desde a própria lei do menor esforço até àqueles a quem interessa que o povo permaneça na ignorância, na indigência, na dependência.

O actual Grupo espiritano do Paraguai vai variando na sua constituição, já que há sempre movimento dos integrantes deste grupo: uns que regressam às suas Províncias de origem, outros que vêm a ajudar aos que ficam, pois o trabalho missionário não diminui, ao contrário, aumenta. Cresce a população, aumentam as necessidades de evangelização e o crescimento do pessoal missionário não segue o mesmo ritmo, nem no próprio país, nem noutros países. O Senhor Jesus manda-nos pedir ao Dono da messe que envie operários para a Sua messe. Recordemos sempre este pedido do Senhor e disponhámo-nos nós mesmos a participar mais, para que continue e aumente a obra missionária em todo o mundo.

"O Senhor Jesus manda-nos pedir ao Dono da messe que envie operários para a Sua messe"

espiritualidade latino-americana para o nosso tempo. uma lição para o resto do mundo?

Com o andar dos anos, a comunidade cresceu no conhecimento da Bíblia, na convicção dos Direitos de seres humanos, de serem filhos de Deus, no respeito mútuo, no amor e na partilha de bens. Os responsáveis dos diversos serviços da comunidade brotaram e cresceram neste ambiente de fé encarnada na experiência.

Para que antigos escravos possam viver na liberdade e sentir-se responsáveis da sua própria vida, é preciso sujeitar-se a uma aprendizagem. Tal como sucedeu com os israelitas no deserto, a liberdade não cai do céu, vem sempre acompanhada da tentação do desânimo e do retorno à miséria já conhecida.

Como ser homem espiritual sem renunciar à cultura da prosperidade é um problema próprio da espiritualidade do Primeiro Mundo. Como ninguém pode servir ao mesmo tempo a Deus e o Dinheiro, ser cristão exige uma opção clara.

É verdade que na América latina se dá o escândalo grave do fosso entre os que possuem e os deserdados, um fosso que tende a aumentar e que se deve em parte a uma cultura não criticada, nominalmente católica. Uma vez que as vítimas ganharam consciência da sua situação e gritaram por socorro, é sinal que o processo de libertação, embora longo e difícil, já teve início.

Na América Latina está a crescer um tipo de espiritualidade original no seio de comunidades de gente pobre. Quero, em primeiro lugar, apresentar um exemplo típico, tirado do ambiente brasileiro e com-

* David Regan, missionário espiritano, da Província da Irlanda, trabalhou em São Paulo no Brasil. A fonte de inspiração para o artigo é o livro: Gutiérrez, Gustavo (1989). Beber en su próprio Pozo. Salamanca: Ediciones Sigueme

parar alguns dos seus aspectos com aquilo que, como católicos, classificamos de espiritualidade para verificar se será correcta a afirmação feita - Uma espiritualidade latino-americana. Em terceiro lugar espero poder mostrar como tal tipo de espiritualidade é importante para o resto do mundo.

"Uma espiritualidade latino-americana"

Um caso exemplar

No ano de 1972, no Instituo Nacional de Pastoral, no Rio de Janeiro, durante um curso, foram distribuídos exemplares do livro de Gustavo Gutiérrez, Teologia da Libertação que tinha sido então publicado, mas com a recomendação de que não se mostrasse em público, por exemplo nos autocarros, uma vez que, nessa altura, a ditadura militar controlava todo o Brasil. Leonardo Boff e outros teólogos ajudaram-nos a apreciar os escritos de Gustavo Gutiérrez. Só alguns anos mais tarde, é que eu encontrei membros de pequenas comunidades (Comunidades de Base) que, dia a dia faziam a experiência duma força libertadora que transformava as suas vidas. Um exemplo de tal transformação vai ajudar a explicar o que pretendo dizer.

No início da década dos anos oitenta, dois sacerdotes da Bretanha, que trabalhavam no Norte do Brasil, foram parar à prisão onde permaneceram vários anos. Mais tarde foram expulsos do Brasil acusados de subversivos. O seu «crime» fora o de terem encorajado algumas famílias pobres a resistirem aos que tentavam expulsá-los das pequenas parcelas, onde tinham vivido os seus antepassados, no interior da selva, desde dezenas de anos atrás. O caso dos sacerdotes foi finalmente levado ao Supremo Tribunal, onde os Juízes aproveitaram a ocasião para pregar a todos os bispos membros da Conferência Episcopal, sermões bem compridos contra a "subversão", insistindo na necessidade da obediência à autoridade estabelecida.

"defesa dos valores cristãos, tradicionais no Ocidente"

(Nunca foi posta em questão a legalidade do Governo militar, formado por elementos da extrema direita que tinham dado um golpe de Estado - *Somos o Governo porque vencemos*. O golpe foi bem sucedido, era afirmação que legitimava a vitória dos Generais; além disso mencionavam a defesa dos valores cristãos, tradicionais no Ocidente).

Os dois missionários mencionados viviam longe da área ocupada pelos camponeses, que tiveram de enfrentar pelotões de homens armados, alguns deles membros da polícia, contratados pelos grandes fazendeiros que ambicionavam os campos arroteados e lavrados pelos camponeses emigrados. Normalmente os camponeses iletrados não oferecem resistência à invasão violenta; preferem abandonar o terreno ocupado, emigrar para outra zona da floresta, e iniciar outro processo de ocupação legal da terra, ou seja um período de dez anos de duração. Ao fim e ao cabo tal solução, a fuga, sempre era menos perigosa do que expor-se a ser atingido por tiros nas costas durante o trabalho nas lavras. Mas desta vez o grupo resistiu, permaneceu unido e firme em frente das ameaças e dos tiros.

Intrigados por semelhante maneira de resistir à opressão violenta, as autoridades militares usaram a sua Polícia Secreta para dar com os mentores de tal resistência nada habitual por parte de camponeses pobres normal-

mente timoratos. Não é preciso acrescentar que os ditos espiões estavam mal apetrechados para discernir a acção do Espírito Santo. A pergunta sobre quem seriam os elos que no extremo da corrente tinham sido os causadores de tal movimento subversivo, no seio destes pobres camponeses, encontrou finalmente uma resposta. Tinham de ser esses sacerdotes que mensalmente visitavam a comunidade para participarem, com a comunidade, numa reunião de reflexão e oração agendada pelo grupo; a presença do sacerdote enriquecia a reunião com a Eucaristia. Com o andar dos anos, a comunidade cresceu no conhecimento da Bíblia, na convicção dos Direitos de seres humanos, de serem filhos de Deus, no respeito mútuo, no amor e na partilha de bens. A maneira de encarar a vida tinha mudado totalmente através da experiência de vida em comunidade em que estavam inseridos. Os responsáveis dos diversos serviços da comunidade brotaram e cresceram neste ambiente de fé encarnada na experiência.

Aqui está um exemplo, elucidativo, duma comunidade que fez a experiência da força, nada ruidosa, do Espírito, num ambiente de privações, de desprezo, já rotineiro, a que estavam habituados. Através dos seus sofrimentos de quase-escravos, desconhecedores dos Direitos que a Lei lhes outorgava, subalimentados, carentes dos serviços normais da saúde e da Escola, estes membros das pequenas comunidades sentiram-se enriquecidos pela Palavra de Deus que eles partilhavam e que iluminava a sua penosa via-sacra e que deixava entrever o trajecto a percorrer na fé e no amor mútuos. As celebrações festivas, litúrgicas mas não só, (qualquer pretexto serve para organizar uma festa) ensinam-nos que a alegria pode ter cabimento num ambiente de sofrimento (que não devemos confundir com acabrunhamento), uma vez que a alegria é um dos frutos mais apreciados do Espírito Santo.

"Através dos seus sofrimentos de quase-escravos, desconhecedores dos Direitos que a Lei lhes outorgava"

"estes membros das pequenas comunidades sentiram-se enriquecidos pela Palavra de Deus"

O agente pastoral, vindo de fora, ajudou certamente o grupo a descobrir as riquezas da Bíblia e a mostrar a sua importância para a vida de cada dia; mas essa experiência só se transformou em espiritualidade a partir do momento em que os membros da comunidade assumiram a responsabilidade das suas vidas em comum e começaram a viver uma solidariedade nova, amando-se e partilhando a vida uns com os outros, com ou sem a inspiração daquele membro que aceitou ser responsável do grupo. A conversão gradual dos membros fez com que a experiência do Espírito, agora renovada, seja a mola real das suas vidas.

Uma espiritualidade de comunhão

A espiritualidade, nada comum, desenvolvida nessas comunidades, não é de tipo individualista, como normalmente tem sido até agora. É uma espiritualidade de comunhão (partilham-se bens, perigos, ideais num grau que ultrapassa os arranjos de partilha conseguidos até nos retiros de religiosos, e que se confundem com o conceito de comunidade nas casas religiosas), só compreensível no ambiente da comunidade que vive tal espiritualidade. Não é elitista, quer dizer, só acessível aos membros de alguns grupos da Igreja, sejam eles religiosos ou leigos. Pessoas simples, quase sem eira nem

beira, vítimas duma sociedade rica e egoísta, fazem a descoberta de que por causa da sua fraqueza, não apesar dela, são os preferidos de Deus. Uma vez adquirido um certo grau de consciência da sua situação de marginalizados, excluídos da sociedade, eles gritam ao Senhor a pedir-Lhe que lhes deite a mão, como outrora fez com o seu povo no Egipto; que inspire, talvez, um de entre eles para que aceite assumir as funções de Responsável. A experiência que Israel teve de "comunidade", a quando da sua libertação fruto da intervenção de Yavé, tem sido, nos nossos dias, o paradigma inspirador de muitos destes grupos da América Latina. Tal como no caso do Êxodo, as circunstâncias sociais, políticas, económicas não transformam tal experiência numa realidade 'laica': de princípio ao fim os participantes no drama são conscientes de que se trata duma experiência religiosa, de que Deus é o autor. Os egípcios, tal como no nosso caso, os ditadores brasileiros, certamente fizeram uma leitura diferente do acontecimento, por exemplo ao catalogá-lo como ameaça à sua autoridade.

"O ponto de partida para esta aventura espiritual foi a experiência de serem uma comunidade sofredora"

O ponto de partida para esta aventura espiritual foi a experiência de serem uma comunidade sofredora, farta de privações, vilipendiada pela crueldade e desídia de outros seres humanos. O conforto do Espírito nessa subida para o calvário é a reposta aos gritos lançados a Deus que, segundo a nossa fé, sempre salva os que n'Ele confiam. A oração e o lugar de Deus na vida - características muito comuns a povos de cultura sobretudo oral - não são experiências pontuais que acontecem num compartimento, mas experiências bem vivas que determinam toda a vida. A penitência comunitária está garantida pela partilha dos bens entre os membros da comunidade. A situação constante de perigo e os medos daí resultantes são um estímulo à oração e à confiança cada vez mais firme em Deus. As leituras e a meditação da Bíblia suscitam um novo apreço por Jesus Cristo, a sua doutrina, os seus sofrimentos; a opção livre de Jesus que decidiu partilhar as vicissitudes dos empobrecidos à força, encaixa perfeitamente com a vulnerabilidade a que eles não podem escapar.

Os membros das pequenas comunidades facilmente identificam o momento em que descobriram que a pertença à comunidade de fé transformou as suas vidas. A sua conversão, talvez desapercebida para outros, ficou bem gravada por eles.

Uma espiritualidade de libertação

A espiritualidade é algo que favorece a vida em todas as suas manifestações, sob a orientação do Espírito de Deus.

A espiritualidade da libertação de um povo certamente vai acompanhada de sofrimentos, pelo menos com a gravidade da situação de escravidão já experimentada, mas traz também a alegria e a paz com a certeza de que estão a seguir o caminho apontado por Jesus e a viver a sua vocação de filhos do Pai do Céu, na liberdade. Para que antigos escravos possam viver na liberdade e sentir-se responsáveis da sua própria vida, é preciso sujeitar-se a uma aprendizagem. Tal como sucedeu com os israelitas no deserto,

a liberdade não cai do céu, vem sempre acompanhada da tentação do desânimo e do retorno à miséria já conhecida.

Esta espiritualidade assenta numa premissa: que Deus confia que homens e mulheres se hão-de levantar e dar as mãos para construir as suas próprias vidas pondo a render todas as suas potencialidades como filhos responsáveis do Pai do Céu, cujo desígnio é, antes de mais, ver a sua imagem estampada nos seus filhos. No caso de essa imagem ter sido desfigurada de modo irreversível nalguns deles, estes têm de ser ajudados pelos outros, que por sua vez, ante a situação fatal dos colegas, se deverão sentir estimulados a redobrados esforços para modificar as estruturas que favorecem tal aviltamento da imagem do Pai nos homens seus filhos. Esta convicção teológica condena rotundamente a aceitação da pobreza como fazendo parte do desígnio de Deus. Como consequência não se pode admitir o facto de que se acumulem riquezas à custa da pobreza crescente dos já pobres, alegando que Deus assim determinou.

"não se pode admitir o facto de que se acumulem riquezas à custa da pobreza crescente dos já pobres, alegando que Deus assim determinou"

Um problema próprio dos católicos que vivem em países ricos é o de sentirem-se à vontade na sua experiência evangélica numa cultura que favorece a apropriação individualista dos bens. Como ser homem espiritual sem renunciar à cultura da prosperidade, é um problema próprio da espiritualidade do Primeiro Mundo. De maneira alguma podemos fechar os olhos à injustiça estrutural do nosso mundo globalizado e pretender ser homens espirituais mergulhados no nosso 'ghetto', isolados do resto do mundo. Quer queiramos quer não, cada um de nós ou é vítima do sistema global ou seu beneficiado. Como ninguém pode servir ao mesmo tempo a Deus e o Dinheiro, ser cristão exige uma opção clara sobre o partido que cada um diz ser o seu.

De Bíblia na mão

Esta nova espiritualidade latino-americana está relacionada com a Teologia da Libertação, quer dizer, aqueles pioneiros que ousaram exprimir em palavras tal teologia são muito conscientes de que estão a lidar com a segunda fase de um processo; a primeira fase é a experiência vivida. As comunidades não apareceram como cópias de um modelo já fabricado, mas brotaram de grupos de famílias que, talvez com a ajuda de um Agente pastoral, vindo de fora, começaram a rezar juntos, de Bíblia na mão e a descobrir a importância da mesma Bíblia para interpretar a sua situação de vida.

Nós, como Igreja, estamos a libertar-nos do peso de muitos séculos de supremacia doutrinal. A doutrina pode ser facilmente controlada pelos estranhos, mas não a experiência. É por isso que as autoridades eclesiásticas têm tido dificuldades com aqueles que dizem ter experiência espiritual: S. João da Cruz sofreu por causa da originalidade da sua experiência. Mas não foi o único. Institutos aparecidos nos últimos séculos tiveram o cuidado de retirar da circulação correntes de espiritualidade bem conhecidas e aprovadas pela Igreja. Nem é preciso referir aqui que muitos clérigos estavam convencidos de que, para as pequenas comunidades que se alimentavam da Bíblia, havia o perigo de cair na heresia se na reunião faltasse um clérigo que a orientasse.

"O discernimento feito em comunidade é o instrumento mais normal para verificar a validade das novas experiências da vida em Cristo"

O discernimento feito em comunidade é o instrumento mais normal para verificar a validade das novas experiências da vida em Cristo, quer como indivíduo quer como comunidade. Tal discernimento não compete somente à autoridade, separada do resto da comunidade. Mais uma vez, nesta fase, o papel do Espírito na comunidade é imprescindível, quer dizer os membros das diversas comunidades devem encontrar-se frequentemente, rezar juntos, partilhar experiências, aprender uns dos outros e corrigir, o mais cedo possível, os abusos que forem aparecendo.

Logo que o caminho esteja desimpedido, todos, catequistas, missionários, clérigos, religiosos e leigos devem favorecer o aparecimento destas comunidades de base. Para que possam ser úteis, os candidatos a evangelizadores devem submeter-se a uma experiência de conversão em partilha com os membros do grupo; de não ser assim, a sua actuação seria mais má do que boa. Têm de habituar-se a escutar e descobrir o que significa ser uma só coisa com os marginados, tratando de acompanhá-los na sua caminhada, que será necessariamente lenta. Não importa. Com tanto que se avance, não precisamos de guias sonhadores, muito intelectuais, desligados da espiritualidade de homens e mulheres pouco letrados. Solidarizar-se com os fracos pode ser um trauma, uma vez que as atitudes paternalistas ou materialistas não desaparecem facilmente. Mas os que forem capazes de submergir-se na espiritualidade dos deserdados, serão esses poucos que passaram por uma conversão profunda e se atreveram a empreender uma experiência de vida espiritual que antes nem sequer tinham sonhado.

"Não são muitos os agentes de pastoral capacitados para ajudar a ler a experiência humana da vida de cada dia como Palavra de Deus"

Não são muitos os agentes de pastoral capacitados para ajudar a ler a experiência humana da vida de cada dia como Palavra de Deus; os membros de uma comunidade livre de conselheiros talvez sejam capazes de tal leitura, pelo menos nos começos. Uma intuição fundamental na Igreja da América latina é que para chegar a uma sociedade justa, as estruturas económicas e políticas, tão indecentemente desequilibradas, têm de mudar radicalmente e que a acção política para conseguir tal mudança é trabalho cristão de primeira. Os que não possuam conhecimentos teológicos sobre o processo e parte da experiência à luz da fé, facilmente deixam de ser evangelizadores para se transformarem em activistas sociais. Temos de respeitar um equilíbrio nada fácil: o de conseguir aparelhar a eficácia da acção social, certamente necessária, com a convicção de que finalmente tudo é trabalho de Deus.

O escândalo grave do fosso entre os que possuem e os deserdados

É verdade que na América latina se dá o escândalo grave do fosso entre os que possuem e os deserdados, um fosso que tende a aumentar e que se deve em parte a uma cultura não criticada, nominalmente católica. Mas agora é também o continente onde aparece uma reacção evangélica, cada vez mais forte. Gentes pobres, pouco letradas, ao ler a Bíblia experimentam que Deus, em vez de se colocar ao lado dos "batalhões bem armados", se apresenta sempre, sem excepção, ao lado dos abatidos e sem eira nem beira. Homens e mulheres humildes, descendentes de gerações cujos direitos à

posse da terra por eles ocupada nunca foram respeitados, trabalhando em grandes plantações ou em currais de animais, como se de escravos se tratasse, desempregados ou recebendo salários miseráveis, trabalhando nos subúrbios das grandes metrópoles, começaram a descobrir que aos olhos de Deus são tão dignos como os outros, mais ainda, são os seus filhos predilectos. Esta preferência, ao que parece, deve-se ao amor de Deus que não desanima até que a imagem divina, segundo a qual eles foram criados, seja restaurada e apreciada por aqueles cujas vidas nada têm que ver com essa imagem desfigurada pela exploração. Uma vez que as vítimas ganharam consciência da sua situação e gritaram por socorro, é sinal que o processo de libertação, embora longo e difícil, já teve início.

O testemunho do martírio

Até é possível que na luta pela liberdade esse sofrimento aumente de intensidade, mas a alegria do novo ideal torna esse sofrimento, talvez mesmo o martírio, suportável.

Em muitos casos o martírio não foi uma metáfora, foi mesmo morte e por razões de fé, verdadeira e teologicamente comprovável. Nalgumas nações da América Latina tem-se dado esta ironia amarga: gentes humildes, pouco letradas, tiveram de esconder a Bíblia debaixo dos adobes do chão da casa por causa da Polícia Secreta ou dos soldados dos fazendeiros 'católicos'. É que ditos espiões tê-los-iam eliminado por causa de arma tão subversiva, que ensinou aos ignorantes que eles também são sujeitos de direitos, aos olhos de Deus e que estes direitos não podem ser revogados pelo capricho de qualquer autoridade terrena. Os sofrimentos dos que foram marginalizados pelo mundo rico dos poderosos deram origem a uma nova espiritualidade. Gente pobre, que é capaz de enfrentar a morte com serenidade, se for preciso, por causa da sua dignidade aos olhos do Pai do céu, agora, novamente encontrada, vivem uma espiritualidade profunda e válida, totalmente de acordo com a melhor tradição católica. Depois do onze de Setembro de 2001, começou a aparecer no horizonte a luz duma nova convicção: que é urgente e necessário ir ao encontro de milhões de pessoas que sobrevivem na periferia do mundo rico. Unidos pelo ódio e sedentos de vingança, homens e mulheres de nações muito diversas estão a descobrir o formidável poder da morte que eles podem provocar a si mesmos e aos opressores do mundo inteiro.

"Gente pobre, que é capaz de enfrentar a morte com serenidade, se for preciso, por causa da sua dignidade aos olhos do Pai do céu, agora, novamente encontrada, vivem uma espiritualidade profunda e válida"

Uma resposta positiva, não violenta

Em vez do ódio de morte, os pobres teriam de descobrir outra resposta positiva, não violenta, que curasse os seus males; a resposta do amor e da solidariedade. Se os pobres da África, Ásia, América latina descobrirem que, aos olhos de Deus eles são os predilectos poderão fazer frente aos poderosos e lutar pelos seus direitos como seres humanos. Teresa de Calcutá conseguiu reunir nas suas comunidades irmãs provenientes de culturas não cristãs, mas

todas impregnadas da espiritualidade própria do Instituto. Homens e mulheres de fé diferente da cristã, que não têm acesso à prosperidade do resto do mundo podem descobrir os seus direitos, outorgados pelo próprio Deus, usufruir dos bens materiais e dos culturais, próprios do mundo dos ricos e trabalhar por conseguir finalmente o objectivo seguinte: fazer parte dum povo que, de cara bem levantada, marcha para defender o direito à vida. Só a espiritualidade é capaz de manter factores tão antagónicos numa harmonia criativa, inspirada pelo amor.

Esta luta deveria conseguir a conversão dos poderosos, mas isso seria um fruto remoto, difícil de alcançar e que exigiria muito esforço. Para já o que poderemos esperar é que muitos pobres por amor à solidariedade terão de sucumbir nas mãos dos que para, defender os seus privilégios, decidiram manter os pobres na escravidão; mesmo sem o terem desejado de modo consciente, são verdadeiros assassinos. A espiritualidade dos pobres, comunitária, mas não imposta, será o tesouro dos que forem capazes de discernir os caminhos do Espírito.

(tradução da Revista Spirituality, por Alberto dos Anjos Coelho)

Maria Jesus de Souza*

experiência e perspectiva laical na missão espiritana na bolívia

Na Pastoral aprendi e cresci. Sempre acreditei fielmente nisto, o compromisso torna-se mais forte e visível na vida de cada cristão quando é assumido com consciência, fé e amor.

Foi na experiência, no contacto, na convivência e na partilha com outras pessoas que senti o chamamento. Quero lembrar aqui os primeiros missionários espiritanos que conheci e com os quais tive a oportunidade de partilhar a vida e a missão.

A resposta ao chamamento para a missão na Bolívia deveu-se, essencialmente, ao facto de me sentir amada e escolhida por Deus, pela grande experiência pastoral, pela sincera relação de amizade e compromisso com os espiritanos e com a missão.

Creio cada dia mais que o desejo da Congregação em repartir a sua missão com os leigos e o desejo dos leigos viverem esta experiência junto com os espiritanos, é plenamente possível quando ambas as partes se afinam na vocação, no conhecimento e vivência da espiritualidade, do carisma e da missão, com maturidade, responsabilidade, respeito, flexibilidade, abertura, compreensão e compromisso de construir o Reino de Deus já nesta terra.

1. Nota introdutória

A minha experiência de trabalho com a Congregação dos Missionários Espiritanos já vem de longa data, desde 1990 quando os conheci em Vilhena, Estado de Rondonia, Norte do Brasil. Os primeiros três anos integrava a equipe de agentes de pastoral, quando então era «junior-

* Missionária Leiga espiritana, do Brasil, fazendo parte da equipa espiritana em Santa Cruz, na Bolívia

ista» da Congregação Missionária das Irmãs Servas do Espírito Santo. No ano de 1993, deixei a congregação e a vida religiosa. Em Março de 1994, regressei a Vilhena como leiga, onde passei a trabalhar outra vez na mesma paróquia, agora como secretária da mesma. Meio tempo trabalhava como secretária e outro tempo trabalhava com a Pastoral da Saúde em diversas comunidades. Anos depois, como tínhamos líderes formados e capazes de levar o trabalho em frente, deixei a Pastoral da Saúde e passei, no ano de 1996, a trabalhar na Pastoral da Juventude como assessora paroquial, e como tal, passei a acompanhar também a Pastoral da Juventude Diocesana. Com o grande número de actividades, no ano 2000, pedi à Paroquia a minha liberação para trabalhar como leiga liberada, para estar ao serviço apenas dos trabalhos pastorais. Os padres Espiritanos em conjunto com o Conselho Pastoral Paroquial aceitaram a minha proposta e assim passei a dedicar-me a tempo integral às pastorais. Digo pastorais porque no ano 2000, começámos a organizar a Pastoral da Sobriedade, a qual assumi como coordenadora no seu início. Em ambas as Pastorais aprendi e cresci muito e também pude ajudar muito. Os anos de 1995 a 1999 foram carregados de actividades, tanto na secretaria paroquial como com os vários trabalhos pastorais.

Neste período cursei Ciências «Contábeis» na Universidade. Nos fins-de-semana estava sempre comprometida com cursos, reuniões e eventos por conta das pastorais e outras actividades paroquiais. O cansaço era muito grande, mas sempre encontrava forças para seguir em frente, acreditando muito no meu trabalho e no bem que podia fazer. Nesta Paróquia trabalhei até ao ano 2002, quando então fui convidada a integrar a Equipe de Missionários para o Projecto Missionário em Santa Cruz, Bolivia.

2. Projecto Missionário na Bolívia

O Espírito Santo faz-nos missionários pelo Baptismo. Sempre acreditei fielmente nisto, e este compromisso torna-se mais forte e visível na vida de cada cristão quando é assumido com consciência, fé e amor.

Deus, primeiro ama-nos, depois chama-nos e por último envia-nos. Acredito que todas as pessoas que experimentam o amor de Deus, se sentem tão felizes e agradecidas por semelhante amor que não podem conter-se, ou seja, querem que outras pessoas também façam a experiência da beleza que é ser amado incondicionalmente por um Pai amoroso - Deus. Tendo feito a experiência de tal amor, o chamamento vem como consequência, porque o verdadeiro amor compromete a isso. Responder ao chamamento de Deus permite-nos descobrir todas as facetas desse amor e pouco a pouco entramos nos seus mistérios, no mistério da sua entrega por meio de Jesus Cristo, seu Filho Amado e enviado à humanidade. Jesus é o grande enviado do Pai, com a missão de revelar o rosto paterno e a face materna de Deus, o seu amor, a sua ternura, a bondade, a misericórdia, a fidelidade e por fim dar a sua vida em resgate de toda a humanidade.

"os anos de dedicação à vida missionária, só foram possíveis porque experimentei e experimento o amor de Deus na minha vida."

Com esta pequena reflexão quero dizer que todos os anos de dedicação à vida missionária, só foram possíveis porque experimentei e experimento o

amor de Deus na minha vida. Foi essa experiência que me fez sentir o seu chamamento, e também o contacto, a convivência e a partilha com muitas outras pessoas que estavam e estão na mesma barca. Quero lembrar aqui os primeiros missionários espiritanos que conheci e com os quais tive a oportunidade de partilhar a vida e a missão. O Pe. João Chiuzo, pela convicção da sua vocação ao sacerdócio, pela sua generosidade, entrega e zelo apostólico e o Pe. Gumercindo Pedro de Oliveira, pelo seu acolhimento, simplicidade, e humildade. Estes dois sacerdotes foram responsáveis por um primeiro contacto com o carisma e espiritualidade espiritana. A sua maneira de ser, de viver e de acolher as pessoas, muito me chamou atenção e me cativou. Depois, com o passar dos anos em Vilhena - Rondânia conheci outros espiritanos passei conviver mais com eles mais de perto e a partilhar os compromissos da missão.

"A resposta ao chamamento da missão na Bolívia deve-se essencialmente ao facto de me sentir amada e escolhida por Deus,"

A resposta ao chamamento da missão na Bolívia deve-se essencialmente ao facto de me sentir amada e escolhida por Deus, pela grande experiência pastoral, pela sincera relação de amizade e compromisso com os espiritanos e com a missão.

Recordo-me que quando recebi a carta, do então coordenador dos superiores responsáveis pelo Projecto Missionário da Bolívia - Pe. Jorge Boran, ao lê-la me senti muito feliz, ao mesmo tempo ansiosa e com medo, pelo desafio de ser missionária noutro país. É nessa hora que se mede a confiança em Deus e o que implica ser elegida por Ele. E assim, confiante e entregue a Ele, certa da presença de Jesus e da força do Espírito Santo, respondi sem dúvida a este chamamento.

3. Perspectivas

Quais são as minhas perspectivas como leiga missionária espiritana?

Desde que conheci os Espiritanos senti um maior desejo de me comprometer ainda mais com a Igreja e com a sua missão: a partilhar com eles o carisma e a missão e ajudando-os no seu apostolado. Acredito que o que me cativou nos espiritanos foi justamente a sua abertura e o seu acolhimento aos leigos, o quererem que os leigos partilhem com eles as responsabilidades da evangelização.

"Na qualidade de leiga"

Actualmente, estou no Projecto Missionário da Bolivia, primeira missão no país. Somos três, dois sacerdotes e eu, leiga missionária. Trabalhamos e assumimos juntos os desafios, as dificuldades, a beleza e as coisas bonitas desta missão.

"me sinto parte da Congregação e responsável pelo projecto,"

Na qualidade de leiga, não me sinto mais nem menos que os meus companheiros, antes, me sinto parte da Congregação e responsável pelo projecto, assumo as responsabilidades e os compromissos como alguém comprometido com a causa. Sempre tive presente a responsabilidade que assumi ao aceitar o convite de viver esta missão na certeza que seria um desafio para todos. Na realidade, estou e sinto-me muito bem na missão, tanto com os meus companheiros como com o povo. Sinto-me agraciada por Deus, por estar a viver esta experiência tão bonita de ajudar homens, mulheres, jovens

"o desejo da Congregação em repartir a sua missão com os leigos e o desejo dos leigos viverem esta experiência junto com os espiritanos, é plenamente possível"

e crianças a descobrirem a presença e o amor de Deus nas suas vidas.

Creio cada dia mais que o desejo da Congregação em repartir a sua missão com os leigos e o desejo dos leigos viverem esta experiência junto com os espiritanos, é plenamente possível quando ambas as partes se afinam na vocação, no conhecimento e vivência da espiritualidade, do carisma e da missão, com maturidade, responsabilidade, respeito, flexibilidade, abertura, compreensão e compromisso com a missão de construir o Reino de Deus já nesta terra.

A experiência que vivo actualmente autoriza-me a acreditar e a olhar positivamente esta relação - espiritanos e leigos, partilhando a missão a nível local e além fronteiras, ambos são responsáveis uns pelo outros, porque os religiosos com a sua entrega, amor e testemunho, ajudam os leigos a assumirem a sua missão de baptizados de maneira concreta, na Igreja e no mundo e os leigos por sua vez, serão os que com a sua dedicação, em meios das mais distintas realidades vão sendo fermento da massa.

solidariedade interna e internacionalidade

Ao viver uma experiência de internacionalidade e inculturação durante a minha formação, tive a oportunidade de alargar os horizontes da minha perspectiva missionária, começando a pensar numa futura nomeação para um meio lusófono. Mas isto, não seria possível, sem a solidariedade interna ao nível da Congregação. O facto de ser membro de um pequeno grupo internacional da América Latina e poder tomar parte na minha formação na abertura de projectos de internacionalidade duma província europeia, me fez experimentar o sentido de pertença e família na Congregação.

Sempre sonhei com chegar a ser um dia missionário em África. E hoje isto vai tornar-se realidade, uma vez que recebi a minha primeira nomeação para Moçambique. Mas, aquilo que contribui de maneira definitiva, para chegar a este ponto na minha caminhada missionária é sem dúvida, a experiência de internacionalidade que vivi em Portugal. Pois fui enviado para fazer o Noviciado no meio dos espiritanos portugueses e depois, o Grupo Internacional do México decidiu que eu ficasse ainda para concluir o curso de Teologia e ter assim uma inserção mais aprofundada numa outra cultura.

É assim como ao viver uma experiência de internacionalidade e inculturação durante a minha formação, tive a oportunidade de alargar os horizontes da minha perspectiva missionária ao pensar numa futura nomeação para um meio lusófono. Mas isto, não seria possível, sem a solidariedade interna ao nível da Congregação. O facto de ser membro de um pequeno grupo internacional da América Latina e poder tomar parte na minha formação na abertura de projectos de internacionalidade duma província europeia, me fez experimentar o sentido de pertença e família na Congregação.

Os desafios que a experiência que vivi me lançou na minha formação,

* Guillermo Gil-Torres, missionário espiritano, mexicano e recentemente ordenado. Fez a sua formação teológica em Portugal e partiu para Moçambique, local da sua primeira nomeação.

foram decisivos quer ao nível da vida comunitária quer ao nível de identidade e partilha para futuras inserções na nossa vida missionária. Pois uma vez que tive a oportunidade de viver e caminhar juntamente com jovens professos de 7 ou 8 diferentes nacionalidades, e de participar tanto num encontro dos estudantes espiritanos na Europa que decorreu em Gentinnes, na Bélgica, assim como no mês da preparação dos votos perpétuos que se realiza em Gemert, na Holanda; palpei directamente a experiência de internacionalidade que se vive em diferentes circunscrições da Congregação.

"a solidariedade interna da Congregação através das diferentes circunscrições, não passa só pelas estruturas"

Tenho a certeza que a solidariedade interna da Congregação através das diferentes circunscrições, não passa só pelas estruturas que optimizam o desenvolvimento das diferentes experiências de internacionalidade, senão e sobretudo que passa pelas pessoas como sujeitos dum enriquecimento mútuo no fortalecimento do que é o carisma espiritano. Isto ficou em mim muito claro desde o início da minha experiência no noviciado, já que eu fui acolhido pela Província Portuguesa como um membro do México chamado a partilhar a originalidade da nossa cultura e a manter a minha identidade fazendo parte ao mesmo tempo de uma etapa da formação bem determinada.

Integrei-me assim numa dinâmica de intercâmbio e partilha que na se mede meramente por critérios humanos, senão que deve avaliar-se inclusivamente numa caminhada de fé e de gosto pela missão. A minha opção por ser missionário partiu inicialmente das necessidades concretas do meu povo e do testemunho missionário dos primeiros espiritanos que conheci no México. A opção por ser missionário em África teve o seu incentivo pelo que eu lia nalgumas revistas missionárias e ouvia dizer nas partilhas dalguns missionários que estavam a trabalhar lá.

Hoje os horizontes da missão a qualquer nível exigem de mim uma disponibilidade muito generosa para colaborar em qualquer campo onde seja preciso pôr em prática aquilo que adquiri na experiência de internacionalidade que tive. E entenda se que não é só experiência de internacionalidade ao nível de uma aprendizagem pontual de certas "regras" de convivência, mas bem, da aquisição duma atitude muito aberta e respeitosa da condição do outro para ir ao seu encontro, e assim crescer juntos e caminhar juntos sob uma orientação definitivamente evangélica da tolerância mutua naquelas coisas que é preciso ter em conta para favorecer a missão de Cristo e da sua Igreja.

"a solidariedade interna e a internacionalidade na nossa Congregação, ainda tem muito caminho pela frente"

Para fazer um juízo valorativo da experiência de internacionalidade e solidariedade interna da Congregação em que estive envolvido, parece-me que é importante ter em conta as expectativas daqueles que favoreceram tal experiência e ter muito em conta sobretudo, o percurso que os acontecimentos da minha caminhada missionária têm seguido. Com tudo, acho que me encontro precisamente numa nova etapa desta tal experiência e que a final, como se tem falado ultimamente, a internacionalidade é propriamente o "rosto" das nossas experiências de missão, de acordo com os grupos de pessoas que conformam actualmente muitos grupos e circunscrições nos diferentes países onde estamos a trabalhar como espiritanos.

É por isso, que julgo que a solidariedade interna e a internacionalidade na nossa Congregação, ainda tem muito caminho pela frente e que de aqui

em diante as prioridades missionárias as quais devemos de olhar, não se puderam entender sem esta perspectiva evangélica, no meu ponto de vista, do carisma espiritano. E aqui chamo a atenção preferentemente para o apoio norte-sul que se verifica nos últimos tempos com mais força. Tanto ao nível da solidariedade concreta com projectos missionários empreendidos sobretudo no sul, assim como na internacionalidade das comunidades de formação do norte ao acolherem estudantes do sul para continuarem a sua formação.

Graças a estas iniciativas de partilha, acolhimento e apoio, creio que está-se a sensibilizar um grande sector da Congregação para promover a missão espiritana a diferentes níveis. Assim, podemos constatar experiências de colaboração mais directa entre regiões para projectos comuns, onde a internacionalidade não é posta de lado como desafio mas superam-se certos preconceitos. E trago agora como exemplo o Noviciado Internacional para a América Latina no Paraguai, fruto da solidariedade interna das circunscrições da América do Sul.

"Graças a estas iniciativas de partilha, acolhimento e apoio, creio que está-se a sensibilizar um grande sector da Congregação para promover a missão espiritana a diferentes níveis"

Portanto, posso acreditar que em definitiva a internacionalidade e a solidariedade interna são a "escola" para a actualização do nosso ser espiritano nas diferentes vertentes a que a missão hoje nos chama. Se a Congregação está a ser implantada com muito dinamismo em países do sul, conformando para estes projectos equipas totalmente internacionais, acho que vale a pena correr o risco de conformar comunidades de formação com rostos muito concretos da internacionalidade que emerge "ad intra" da Congregação.

Com isto só temos a ganhar, mesmo quando pareça que as circunscrições do norte perdem a sua identidade, pois precisamente a identidade que deveriam assumir mais tarde o mais cedo é a de grupos internacionais envolvidos em projectos comuns face à solidariedade interna que deve evitar qualquer preconceito que venha a enfraquecer o nosso ser espiritano de acordo às mulheres e aos homens do mundo de hoje. Pois, afinal, não é esta já a experiência das circunscrições do sul? Parece-me que sim, mesmo todavia sem estruturas suficientes para suportar todas as exigências das implicações missionárias nos seus diferentes empreendimentos.

Só posso dizer no fim de esta reflexão-partilha que, como já percebestes, sinto-me muito grato com aqueles que me deram a oportunidade de mergulhar na experiência de solidariedade interna e internacionalidade. Sei que o Espírito Santo está a preparar o caminho que tenho de percorrer junto do povo moçambicano e também sei que foi Ele quem preparou o coração de todos aqueles que me acolheram quer na minha entrada aos espiritanos no México, quer na minha estadia durante os quatro anos que permaneci em Portugal.

reflexão sobre o carisma espiritano de 1703 a 1839[1]

Durante 60 anos, o seminário foi dirigido por superiores escolhidos, embora não tivessem muito mais que uma vintena de anos; os seminaristas participavam igualmente na sua escolha, como se se tratasse de uma república de estudantes. Completados estes estudos, os padres optavam pelos serviços apostólicos mais modestos entre os pobres e os abandonados.

O vigor da fundação de Poullart des Places não provinha da sua organização, mas do seu carisma. O que tinham em comum era a sua concepção do sacerdócio. Ser padre significava para eles uma disponibilidade evangélica na obediência ao Espírito para o serviço dos pobres e abandonados, acompanhada duma pobreza voluntária.

Recordar-se-á que o termo espiritano designava então os padres formados pelo Seminário do Espírito Santo, sob a direcção e carisma vivido e transmitido pelos seus formadores, herdeiros da obra de Poullart des Places.

"Recordar-se-á que o termo espiritano designava então os padres formados pelo Seminário do Espírito Santo, sob a direcção e carisma vivido e transmitido pelos seus formadores, herdeiros da obra de Poullart des Places."

O segundo elemento duma autêntica disponibilidade evangélica, é a pobreza evangélica na sua dupla dimensão: pobreza material e pobreza espiritual.

Esta abertura à experiência exige o nosso abandono do passado. Se o espiritano não quer pregar a mortos, deve basear-se sobre as coisas vividas entre aqueles que o escutam.

---

* Henry J. Koren, missionário espiritanao, reconhecido historiador e investigador das fontes espiritanas, recentemente falecido. Ao traduzir este artigo e ao inseri-lo na secção Biblioteca Espiritana, *Missão Espiritana* quer prestar uma homenagem legítima a este valoroso historiador e estudioso do carisma espiritano.

[1] É ao Pe. Christian de Mare que devemos a tradução do inglês para francês de algumas páginas do Pe. Henry J. Koren, extraídas da sua recolha de artigos e conferências. "Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History". Neste texto, Chritian de Mare fez uma escolha, apresentada abaixo em duas partes. Para cada uma delas, redigiu uma introdução que é apresentada em itálico.

- I -
Origem e evolução da inspiração inicial

Introdução

"o Pe. Koren estuda quatro figuras de fundadores que claramente se demarcaram dos caminhos habituais de vida religiosa seguidos no seu tempo e que fizeram obra durável de inovadores. Em primeiro lugar debruça-se sobre o carisma de S. Bento, depois sobre o de S. Francisco de Assis, em seguida sobre o de S. Inácio e por último estuda a obra de Poullart des Places e de Libermann; mas aqui não nos fixamos sobre o que se refere a este último"

Na primeira parte do texto aqui traduzido[2] o Pe. Koren estuda quatro figuras de fundadores, que claramente se demarcaram dos caminhos habituais de vida religiosa seguidos no seu tempo e que fizeram obra durável de inovadores. Em primeiro lugar debruça-se sobre o carisma de S. Bento, depois sobre o de S. Francisco de Assis, em seguida sobre o de S. Inácio e por último estuda a obra de Poullart des Places e de Libermann; mas aqui não nos fixamos sobre o que se refere a este último.

A apresentação que ele faz do carisma de Poullart deve ser entendida na linha do que une as figuras deste artigo: são todos campeões da novidade, o mesmo é dizer da liberdade. Poullart é apresentado como um fundador que, a exemplo de S. Francisco, criou um espírito, mais que uma estrutura. Seguindo esta intuição, a Regra de 1734, muito marcada pelo espírito inaciano, fixa-se sobre as disposições jurídicas próprias para consolidar a Congregação do Espírito Santo. Pouco preocupada com o seu crescimento, mas muito mais com o valor da formação que podia dar, a Congregação encontrou-se definitivamente enfraquecida depois da Revolução Francesa que a tinha destruído.

O Pe. Koren julga que a fraqueza das suas estruturas jurídicas não pôde evitar que a Congregação, restabelecida por Luís XVIII, caísse em declínio no princípio do século XIX. Mas é preciso também ter em conta que as novas orientações recebidas pelo instituto da autoridade real, depois da Revolução e do Império, eram muito diferentes da visão inicial do fundador. Não diz o Pe. Koren que des Places não tinha previsto para a sua comunidade tarefas nas missões longínquas? E com razão: elas eram então inacessíveis.

A leitura deste estudo põe bem em evidência o grande desinteresse que Poullart soube transmitir aos seus discípulos e que os preparou para mudanças insuspeitas. O espírito permaneceu, e Francisco Libermann, trazendo, em 1848, à Congregação envelhecida o vigor da sua direcção e da sua inspiração, mostrava o mesmo desinteresse na disponibilidade evangélica a favor dos pobres e dos abandonados.

Uma história extraordinária

Entre os institutos religiosos, "poucos tiveram uma história tão extraordinária como o dos espiritanos", escreve um historiador jesuíta em 1986. A obra fundada em 1703 por um estudante do colégio Luís-o-Grande, com a idade de 24 anos, esteve sem existência legal durante trinta anos, tanto como casa religiosa como seminário, embora estivesse inteiramente conforme às orientações dadas pelo Concílio de Trento. Durante 60 anos, o seminário foi dirigido por superiores escolhidos, embora não tivessem muito mais que uma vintena de anos; os seminaristas participavam igualmente na

[2] H.J.KOREN, (1990). «Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History». In Bethel Park, PA, USA, Spiritus. Press, 149: 48-52.

sua escolha, como se se tratasse de uma república de estudantes. Os seus programas de estudos exigiam primeiramente três anos de filosofia, incluindo a matemática e a nova teoria da física de Newton, depois cinco anos de teologia; por fim, se necessário, dois anos de Direito Canónico ou de Sagrada Escritura. Completados estes estudos, os padres optavam pelos serviços apostólicos mais modestos entre os pobres e os abandonados.

O fundador morreu dois anos depois da sua ordenação, tendo apenas trinta anos; o seu sucessor morreu seis meses mais tarde; depois foi Luís Bouic, com apenas 26 anos que assumiu a responsabilidade de governo e que dirigiu o instituto durante 53 anos. Um tempo de governo só ultrapassado em poucos institutos: o único caso que se conhece é o de S. Hugo de Cluny que foi abade em 1049 e ficou no cargo durante 60 anos.

A propósito do programa de estudos, quão diferente era a atitude de Poullart des Places da do sulpiciano Etienne Mollevault, que em 1825, - numa época completamente diferente, é verdade, - dava a um director de seminário do tempo de Libermann, o seguinte conselho: "Tenha cuidado em não alimentar o espírito de curiosidade que mata a acção da graça, pense que a maior parte dos seus ouvintes deve exercer o ministério nos meios rurais com bons camponeses e por consequência veja o que lhes será mais útil". No entanto, ele escrevia estas linhas numa época em que Félicité de Lammenais afirmava em 1828: "nunca, depois de muitos séculos, o clero na sua maioria, tinha sido tão ignorante como hoje, e nunca, no entanto, a verdadeira ciência tinha sido tão necessária[3]".

Durante muitos anos (pode-se mesmo dizer quase 150 anos), a fundação espiritana foi mais um movimento do que uma organização e quando, em 1734, ela adquire uma estrutura visível, esta consistia apenas num corpo de directores exigido pela lei civil para que se pudesse falar de personalidade legal. Os directores não tomavam um compromisso religioso sob a forma de votos ou de promessas, mas assinavam um contrato em que se obrigavam a observar os estatutos, estatutos que, no dizer de um jurista oficial, dois séculos mais tarde, eram duma extrema concisão.

O vigor da fundação de Poullart des Places não provinha da sua organização, mas do seu carisma. Todos os seus membros - qualquer que fosse a qualificação que tivessem alcançado - foram reconhecidos como espiritanos e não tiveram outros compromissos religiosos particulares a não ser os do seu sacerdócio. O que tinham em comum era a sua concepção do sacerdócio. Ser padre significava para eles uma disponibilidade evangélica na obediência ao Espírito para o serviço dos pobres e abandonados, acompanhada duma pobreza voluntária. Sem dúvida, pensavam que esta concepção do sacerdócio era suficiente para viverem a vida religiosa na sua autenticidade e tudo o que se juntasse aos seus compromissos apostólicos pelos votos ou promessas era inútil ou artificial.

[3] Estas duas citações são extraídas de: G. BERTIER de SAUVIGNY, (1974). Au soir de monarchie. La Restauration. 3ª Edição. Paris: Flammarion: 309. Na página seguinte, encontra-se a interessante reflexão de um bispo, Mgr Leblanc de Beaulieu: "gosto mais de cultivar a vinha do Senhor com burros do que deixá-la inculta".

O que Des Places queria era a verdade: não só a aparência, mas a identificação real com os pobres, através de uma existência frugal. Para ele, a opção evangélica pelos pobres era fidelidade ao Espírito. Não havia nada de mais urgente, porque nesse tempo eram poucos os padres verdadeiramente entregues ao seu serviço. A mesma penúria existe ainda nos nossos dias.

A Regra de Poullart des Places e a de S. Bento

Se comparamos a regra de Poullart des Places e a de S. Bento, podemos encontrar alguns pontos de convergência muito úteis. Como a de S. Bento, a regra do nosso fundador, que ele acabou por volta de 1706, era somente uma regra interna; apresentava linhas de conduta para certos serviços da casa, para a vida de oração e para os estudos. Não descrevia o espírito da casa, antes o pressupunha. Como a vida mudou muito desde então, a maior parte das suas prescrições são obsoletas como as de S. Bento.

Contudo, os beneditinos têm continuado a guardar a regra original, como um texto venerável, frequentemente lido e comentado, mesmo que todos os costumes e constituições respondam às necessidades actuais. Mas entre os espiritanos, as regras de Poullart des Places estiveram muito tempo confinadas aos arquivos; aí dormiram até à sua publicação em 1959[4]. As nossas Regras e Constituições actualizadas em 1986 não contêm mesmo nenhuma referência a essas antigas regras como a uma das suas fontes, não mais que à regra de 1734, que era uma versão revista e actualizada da de 1706. No entanto, a regra de 1734 apresentava explicitamente o carisma espiritano de disponibilidade evangélica, na fidelidade ao Espírito, para o serviço dos pobres.

A Regra de Poullart des Places e a de S. Francisco

Se comparamos a regra de Poullart des Places com a de S. Francisco de Assis, vemos que ambas salientam a importância da pobreza evangélica. Mas o nosso fundador viu a pobreza como uma realidade subordinada ao serviço da pregação do Evangelho, mesmo se ela fosse exigida incondicionalmente por este serviço. Chamados a servir os pobres, os seus discípulos deveriam mostrar, pelo seu estilo de vida, que se identificam com eles. A prioridade é a pregação do Evangelho, mas esta pregação não se faz só com palavras, mas igualmente com esta sobriedade no estilo de vida.

A Regra de Poullart des Places e a de S. Inácio

No que respeita à regra de S. Inácio, é muito claro que o próprio programa dos estudos mostra quanto o nosso fundador foi profundamente influenciado pelos jesuítas. Recordar-se-á que ele tinha sido educado por eles durante cerca de doze anos. Depois, durante muito tempo, os jesuítas

[4] Henry J. Koren e Maurice CARIGNAN (éd.). Les Écrits spirituels de M. Claude-François Poullart des Place. Pittsburgh: Duquesne University; Louvain, Nauwelaerts; Rhenen, Spiritus, 1959. Em 1983, em Cahiers Spiritains, nº 16, o P. Joseph Lécuyer reproduziu uma edição (reed. em 1988) na qual os Règlements não são mais transcritos integralmente. Encontrar-se-á no presente trabalho a totalidade destes Règlements généruax et particuliers: 331-367.

foram directores espirituais no Seminário do Espírito Santo[5]. A influência de S. Inácio é ainda mais visível na regra de 1734 que está muitíssimo baseada nos regulamentos e costumes introduzidos por Poullart des Places. Embora a regra de 1706 exija uma obediência cega, a de 1734 retoma quase palavra por palavra a exigência inaciana da obediência perfeita sob todos os aspectos, quanto à execução, ao juízo e à vontade. A mesma coisa para a prática da pobreza: que a alimentação, o vestuário, o leito e o quarto sejam o que convém aos pobres e também em tudo o resto. Como os jesuítas, os espiritanos tinham por regra que o Superior era eleito para o seu mandato, sem limite de tempo, mas que podia ser substituído pela maioria dos seus conselheiros. Estes reuniam-se todos os três anos sem a sua presença para consultas mútuas e para examinarem se não teria chegado o tempo de eleger um outro Superior Geral. Se quatro dos seis conselheiros respondessem afirmativamente a esta consulta, ele era destituído do seu cargo[6].

"obediência cega"

"perfeita sob todos os aspectos, quanto à execução, ao juízo e à vontade"

As Missões longínquas

A primeira menção específica dum trabalho nas missões longínquas não se encontra antes da regra de 1734, onde aparece como uma tarefa entre tantas outras que os espiritanos poderão empreender. Se o fundador não fez referência às missões longínquas, não é por se lhes ter oposto ou por nunca nisso ter pensado; mas é devido às circunstâncias particulares do início do século XVIII que as tornavam praticamente inacessíveis àqueles que tivessem desejo de a elas se consagrarem. O principal obstáculo era que os espiritanos só podiam ir para lá por intermédio da Sociedade das Missões Estrangeiras e este instituto estava eivado de jansenismo.

"que a alimentação, o vestuário, o leito e o quarto sejam o que convém aos pobres e também em tudo o resto"

Por vezes defende-se a ideia de que os espiritanos têm sido sempre, e antes de tudo, missionários; mas o único argumento apresentado para defender esta opinião refere-se ao desejo de des Places, no tempo da sua conversão (1701), de se consagrar às missões longínquas. Este argumento não parece muito convincente. Quase todos os jovens que tiveram uma sólida formação católica, e especialmente aqueles que desejaram ser padres, foram atraídos por esta vocação, mas para a maior parte deles, não passou de um voto piedoso como que efémero. Se, em lugar de serem missionários, os espiritanos se tivessem tornado contemplativos, poderia ter justificação, talvez ainda melhor, recorrendo à ideia, igualmente efémera, do fundador formar

[5] As regras 3 e 4 da casa o exigem explicitamente. Elas foram suprimidas (retiradas do texto) de seguida, sem dúvida na época em que os jesuítas conheceram as dificuldades que levaram à sua extinção em França (1763).

[6] Semelhante deposição nunca aconteceu. A nossa história recorda que em 1865, Inácio Schwindenhammer, Superior Geral, se opôs vigorosamente a receber qualquer crítica que fosse destas consultas trienais: ele na prática eliminou-as. De seguida encontrou-se outro modo, mais comum, de exercer um controle de maneira equilibrada: o Superior Geral que fosse eleito por um mandato limitado. Ver. Amadeu MARTINS,(1981). "Exposition de quelques membres de la Congrégation contre l'administration du Père Schwindenhammer». In Cahiers spiritains, nº 14, Jan.- Junho: 29-35.

os seus discípulos como membros duma ordem contemplativa rigorosa[7].

De facto, logo que as circunstâncias históricas permitiram aos espiritanos ser missionários (por volta de 1730), as missões longínquas foram acrescentadas à lista das tarefas prioritárias a favor dos pobres e abandonados. Então o magnífico trabalho realizado por algumas dúzias de padres que foram para o Canadá e Extremo Oriente levou o Ministro geral das colónias a propor que a Congregação aceitasse oficialmente a responsabilidade do ultramar. Quando esta proposta foi aceite, a nova situação levou os superiores da Congregação e do seminário (que legalmente constituíam o instituto) a admitir missionários como associados. Isto começou a ser concretizado mais ou menos a partir de 1775; temos então o primeiro exemplo claro duma associação com missionários da Guiana (recordemos que então o termo *associado* significava: ser membro da Congregação, inscrito no *registo dos associados*).

Depois da Revolução Francesa, as tarefas missionárias tornaram-se prioritárias para os espiritanos, e de repente, a admissão de missionários foi olhada como normal, como aparece numa carta do Pe. Jean Perrin, o primeiro prefeito apostólico espiritano: "Todos os padres que forem enviados, escreve ele em 1807, serão membros da Congregação (...); todos os missionários doentes e na reforma serão tratados nos seus estabelecimentos". Mas as contingências políticas por várias vezes impediram de pôr plenamente em prática esta decisão, até que em 1848 ela pôde por fim ser tida em conta.

Resolvida a aceitação de missionários na Congregação, não houve muita preocupação com a expansão do instituto, pelo menos no sentido estrito, como o fruto duma política de crescimento. A única expansão que houve foi consequência de factores externos ou seja: os pedidos dos bispos de Meaux e de Verdun para se encarregarem dos seus seminários diocesanos e a aceitação de missões nas Américas e na África[8]. Até ao generalato de M.Leguay, nos finais de 1840, a Congregação não mais teve em vista encarregar-se doutros seminários, tanto na França como nas missões fora do Império Francês, nos Estados Unidos como também ao longe na Nova Zelândia. Sem ser por sua culpa, ela não esteve em condições de o fazer.

A situação da Congregação depois da Revolução mostrou a sua fraqueza pelo facto de ela ser mais um movimento que uma organização, isto é, um instituto estruturado. A Congregação não tinha previsto nada para permitir a sua expansão e o seu crescimento; nem mesmo tinha estruturas jurídicas suficientes para exercer a sua autoridade sobre os seus padres quando saíssem do seminário; não tinha o poder de conservar o pessoal necessário para assegurar a sua sobrevivência. O seu carisma pôde permanecer vivo, mas por si só, foi incapaz de impedir o seu declínio. A vinda do Pe. Libermann e dos seus discípulos em 1848 salvou-a do desaparecimento iminente, trazendo-lhe

[7] Ver: "Mémoire sur la vie de M. Claude-François Poullart des Places», atribuída a Pierre Thomas cssp, in KOREN, Écrits: 270. Acrescente-se que M. des Places primeiramente não tinha concebido a ideia de formar eclesiásticos, mas santos religiosos que se entregassem aos rigores da penitência se Deus os chamasse ao claustro".

[8] Houve também a misteriosa aceitação dum seminário na Córsega, talvez ligada a um projecto de missão no Próximo Oriente; os historiadores nunca estudaram esta obscura questão.

as estruturas necessárias, o pessoal e uma direcção capazes não só de a conservar, mas de lhe dar novo vigor ao seu ideal de disponibilidade evangélica.

- II -
A tradição espiritual da Congregação do Espírito Santo

Introdução

Esta segunda parte aborda o mesmo tema que a precedente, mas procurando apreender duma maneira mais completa os elementos que entram no carisma espiritano. É uma tentativa de síntese que tem muito interesse para todos aqueles que desejam compreender melhor a tradição espiritual da Congregação do Espírito Santo.

O Pe. Koren resume assim estes diversos elementos: "parece-me que a nossa espiritualidade viva pode ser descrita perfeitamente como uma disponibilidade evangélica que está atenta ao Espírito Santo manifestando-se nas situações concretas da vida". Estes traços fundamentais ajustam-se tanto à herança de Poullart des Places apresentada nestas páginas como à de Libermann que não é tratada aqui.

O Pe. Koren mostra de seguida, como estes traços se encontram, não só na vida de Poullart des Places, mas também na dos seus discípulos, ao longo dos anos 1703-1839. As pesquisas do Pe. Koren sobre os espiritanos, tendo trabalhado nas missões da Acádia, do Extremo-Este dos Estados Unidos e do Canadá (mas também nas do Extremo Oriente) permitem-lhe citar testemunhos de que se fala pouco.

Recordar-se-á que o termo espiritano designava então os padres formados pelo Seminário do Espírito Santo, sob a direcção e carisma vivido e transmitido pelos seus formadores, herdeiros da obra de Poullart des Places.

Lendo-se o Pe. Koren, compreende-se justeza daquilo que Nicolas Warnet (1795-1863), membro da Congregação do Espírito Santo, depois Superior Geral interinamente (de 7 de Janeiro a 28 de Abril de 1845), dizia nas suas famosas homilias por ocasião das festas patronais do seminário: a tradição espiritana tem-se conservado bem, não só nos textos, mas sobretudo no modo de viver de muitos espiritanos de antes da fusão de 1848.

Os dois elementos fundamentais do carisma espiritano[9]

A disponibilidade evangélica

"A disponibilidade evangélica"

O primeiro traço característico do carisma espiritano é sem sombra de dúvida a disponibilidade evangélica nos seus dois aspectos. Antes de tudo, disponibilidade diante de Nosso Senhor: nós colocamo-nos diante de Deus, desejosos de estar inteiramente à sua disposição. Tal é a santidade à qual cada um de nós é chamado, dizendo muito simplesmente a Deus: "eis-me aqui, Senhor". Em seguida, disponibilidade para os nossos irmãos e irmãs, o que nos faz acrescentar a "eis-me aqui" as palavras "Envia-me". Esta é a base da nossa vida apostólica: a nossa disponibilidade diante de Deus, da qual é preciso reter que os dois aspectos são as facetas duma única e mesma disponibilidade, como o amor a Deus e aos nossos irmãos e irmãs são uma mesma realidade.

"eis-me aqui, Senhor"

[9] Damos aqui uma versão condensada e adaptada das páginas 15-18 de Koren, Essays.

Esta dupla disponibilidade implica antes de mais uma vida interior de união a Deus, isto é, uma vida de oração, e, de seguida, uma pobreza evangélica feita de pobreza material e pobreza espiritual. A compenetração destes dois aspectos da nossa disponibilidade dá, em princípio, a chave dum eterno problema: o da conciliação entre vida apostólica e vida religiosa. Se as duas constituem uma única e mesma realidade, então a santidade à qual somos chamados - a nossa presença contínua diante de Deus numa atitude de disponibilidade - é a própria essência duma vida verdadeiramente consagrada ao serviço do Evangelho no meio dos nossos irmãos e irmãs.

O segundo elemento duma autêntica disponibilidade evangélica, é a pobreza evangélica na sua dupla dimensão: pobreza material e pobreza espiritual. A primeira pode exprimir-se em poucas palavras: respeitando inteiramente as necessidades fundamentais da vida, ter uma atitude moderada com relação aos bens materiais, tanto para cada pessoa como para a comunidade. A nível espiritual, a pobreza evangélica exige uma atenção constante àquilo que a vida nos traz nas suas contínuas mutações: uma atitude de abertura ao mundo.

A atenção ao Espírito Santo manifestando-se nas situações concretas da vida

Esta abertura à experiência exige o nosso abandono do passado. Quando o passado está verdadeiramente para trás, torna-se um museu daquilo que foi a vida. Isso já não diz nada ao homem, a não ser que ele esteja interessado pelas antiguidades. Se o espiritano não quer pregar aos mortos, deve basear-se sobre as coisas vividas entre aqueles que o escutam. Como consequência, é no que está vivo hoje, que ele entenderá os murmúrios do Espírito Santo. É só esta atenção ao Espírito que permite discernir o que vem de Deus (mesmo olhando ao passado, mesmo entre aqueles que não partilham as nossas convicções e mesmo as atacam) e o que tem a sua fonte noutro lado. Discernir é sempre necessário para diminuir a margem dos nossos erros. Mas a flexibilidade do espírito que deveria caracterizar o espiritano, exige dele que abandone as posições tomadas, as orientações segundo as quais ele gastou, Deus sabe como, anos de trabalho árduo, sem pena e sem se prender ao passado, desde que a experiência lhe mostre que ele estava num caminho sem saída. Maria é o nosso modelo em tudo isso: ela foi sempre fiel ao seu divino Esposo numa atitude inteiramente evangélica...

"Maria é o nosso modelo em tudo isso"

De 1703 a 1839, vidas de espiritanos fiéis a este espírito[10]

Poullart des Places escreveu uma regra só para o Seminário do Espírito Santo. Aí se faz referência a uma consagração especial de todos os estudantes ao Espírito Santo; tanto os formadores como os estudantes "terão uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob cuja protecção se ofereceram ao Espírito Santo[11]". Lendo estas regras, descobre-se uma insistência sobre a oração exprimindo esta dupla consagração.

[10] Damos aqui a tradução de KOREN, Essays, p. 18-21.para as duas edições.

[11] Poullart des Places, Règlements Généraux et Particuliers, 1706, Regra 1 : KOREN, Écrits: 164; LÈCUYER, Écrits: 79; na presente obra: 333.

A primeira regra oficialmente aprovada, a de 1734, que se baseia largamente sobre a tradição proveniente do fundador, retoma esta consagração e indica os objectivos da Congregação: formar padres pobres que estejam preparados para tudo, para anunciar o Evangelho aos pobres e mesmo aos descrentes, preparados igualmente para aceitar os ministérios mais abandonados e os mais difíceis na Igreja[12]. Os historiadores dão testemunho de que o apostolado dos espiritanos tinha por fundamento uma mística de pobreza: pobreza não pelo amor de nada possuir, mas pelo seu valor de testemunho prestado ao evangelho.

Citemos alguns exemplos vividos e alguns testemunhos. O *espiritano*[13] Charles Besnard, terceiro Superior geral dos Monfortinos, escrevia no século XVIII que os espiritanos estão preparados "a ir por toda a parte onde é preciso trabalhar pela salvação das almas, entregando-se de preferência à obra das missões, quer estrangeiras quer nacionais; oferendo-se para ir residir nos lugares mais pobres e mais abandonados para os quais dificilmente se encontram obreiros[14]". No mesmo século, o Padre de Isle Dieu escreve ao duque de Choiseul, em 1763, que, para prefeitos apostólicos nas colónias, "seriam precisos homens não tomados ao acaso, mas homens escolhidos e de elite, (...) homens que tenham o espírito evangélico e verdadeiramente apostólico, homens que tivessem sido formados (se fosse possível) nos seminários como o do Espírito Santo". Com efeito, neste seminário, os homens que aí são formados "preparam-se para os postos mais difíceis, mais trabalhosos, menos lucrativos e os mais abandonados[15].

Para citar exemplos pessoais de espiritanos, comecemos por "Monsieur" Caris[16], morto em "odor de santidade", conhecido por toda a parte em Paris como o legendário *pobre padre*. Na pedra do seu túmulo, hoje desaparecida, tinha a seguinte inscrição: "aqui repousa Pierre Caris, pobre padre, Escravo de Maria, Procurador deste Seminário: viveu sempre para Deus e para o próximo; para ele, nunca! Morreu a 21 de Junho de 1757. Reza. Imita[17]".

[12] LE FLOCH, Poullart des Places, Nova edição 1915: 586. Para uma edição crítica, ver: BOUCHARD & NICOLAS (ed.) (1968). Synopse des deux Règles de Libermann, précédée de la première Règle spiritaine. Paris: 30, Rua Lhomond: 8

[13] Lembremos que o termo "espiritano" designava no século XVIII um padre formado no Seminário do Espirito Santo.

[14] KOREN, Écrits: 288. Texto ligeiramente corrigido segundo a edição mais recente: Charles BESNARD,(1981). Vida de Luís Maria Grignion de Montfort. Roma: Centro internacional monfortino, Documents et Recherches IV: 283.

[15] Albert DAVID, Les missionaires du Séminaire du Saint-Esprit à Québec et en Acadie au XVIIe siècle, Mamers, imp. Gabriel Enault/ Paris, Société d'histoire du Canada, 1926: 57 e 53 para as duas edições.

[16] Até ao século XIX (e mesmo depois) os eclesiásticos que não pertenciam a uma Ordem eram chamados "Messieurs": messieurs du Saint-Esprit, de Saint Sulpice, etc.; mas Padre Jesuíta, Capuchinho, etc.

[17] H.LE FLOCH, (1915). Pullart des Places. Nova edição: 401. É uma tradução dada aqui, porque o original é em latim: "Hic jacet Petrus Caris, pauper sacerdos, Servus Mariae,.hujus seminarii procurator: Deo et proximo vixit, nunquam sibi. Obiit die 21 junii 1757. Ora. Imitare". Este epitáfio, hoje desaparecido é referido por Charles BESNARD, op. cit.: 322.

M. Allenou da Ville-Angevin entrou no Seminário do Espírito Santo em 1703 e foi Cónego de Québec. Doou ao bispado para os pobres tudo o que possuía; morreu também em "odor de santidade"[18].

M. Le Loutre gastou todo o seu património para socorrer os Acadianos exilados e recusou da parte do governo qualquer compensação pessoal pelo seu ministério. A sua certidão de óbito traz igualmente a menção: "morto em odor de santidade"[19].

Mgr. Pierre Kerhervé, trabalhando em Sião, nomeado Vigário Apostólico na China (mas, estando quase cego declinou esta responsabilidade) tinha um guarda-roupa que consistia numa velha batina e num par de sapatos completamente usados. Sem nenhum dinheiro no bolso empreende uma viagem para restaurar a paz e morre no mar[20].

M. Maillard morreu também "em odor de santidade" em Halifax em 1762. O segredo do seu sucesso entre os Índios Micmas é atribuído ao facto de ele se ter identificado totalmente com eles. Nas refeições contentava-se em partilhar a sopa mal cheirosa à base de foca. À sua morte deixou unicamente alguns velhos móveis e os seus manuscritos em Micmac. Estes escritos mantiveram a fé dos Índios durante mais de um século, na falta de padre[21].

Mgr. Pottier, Vigário apostólico de Su-Tchuan na China, escrevia: "tenhamos o mínimo de necessidades possíveis e seremos sempre ricos. Só custa a princípio. Tendo a vida e o vestir, que mais se pode desejar que seja razoável?[22]".

Citemos ainda M. Lanoë, missionário dos Índios na Guyana (morto em 1791), que escrevia: "A minha única ambição tem sido cooperar na obra de Deus; quando estiver seguro de mendigar o meu pão ao fim dos meus dias, com nada mais me inquietarei. J.C.(Jesus Cristo) meu divino Mestre tinha outra condição muito diferente da minha; prefiro a pobreza e a ignomínia da cruz, a todas as riquezas e honras do mundo". Ele queria que os missionários da Guyana observassem os mesmos princípios do Seminário do Espírito Santo: "Peço ao Senhor que vos dê a graça de encontrar verdadeiros missionários, cheios do espírito do seu ideal, e totalmente desapegados do mundo e do dinheiro. Quereria que fôssemos todos um só coração e uma só alma, e que não conhecêssemos nunca este miserável meu e teu, que causa tantas desordens, que disséssemos e pra-

[18] MICHEL, Poullart des Places: 289.

[19] Henry J. KOREN, Knaves or Knigts? A History of the Spiritan Missionaries in Acadia and North America, 1732-1839 (Pittsburgh, Duquesne University, 1962): 85ss. Esta obra do Pe. Koren foi traduzida em francês com o título "Chenapns ou chevaliers? (Knaves or Knights?) traduzida do inglês pela equipa espiritana: Pe. Armand Larose, P. Henry Lestage, P. Antoine Mercier, Montréal, Casa Provincial, 1979: 201. Ver também: H. KOREN, Les Spiritains: 52-96, a parte sobre «Les Missions en Acadie, auprès des Indiens, 1755-1763»: 89-92 para Le Loutre.

[20] J. MICHEL, Poullart des Places: 310 ss.

[21] H. J. KOREN, Knaves: 78 ss.

[22] J. MICHEL, op. cit.:.311.

ticássemos todos os dias estas doces palavras, *Dominus pars haereditatis meae etc.* Mas infelizmente vemos que a mudança de clima muda também os costumes[23]".

E depois há também os testemunhos dos herdeiros da tradição proveniente de Poullart des Places que trabalharam nos Estados Unidos, o último dos quais morreu em 1839, exactamente antes de Libermann empreender a fundação da *Obra dos Negros*. M. *Jean-François Moranvillé* era um dentre eles. Antigo missionário na Guyana, prestou juramento constitucional do Clero, arrependeu-se do seu erro e chegou aos Estados Unidos no fim de 1794. Foi o primeiro cidadão americano membro da nossa Congregação (1804). Durante trinta anos, penitenciou-se austeramente pelos seus pecados. Levantava-se muito cedo todas as manhãs para ficar três horas em oração; nunca aqueceu o seu quarto no presbitério de Saint-Patrick de Baltimore, e gastou todos os seus recursos ao serviço dos pobres. Alguns meses antes da sua morte (também ele "em odor de santidade") em 1824, o seu arcebispo escreveu ao bispo de Boston: "Eu consideraria a sua perda como uma calamidade maior do que se tivesse perdido vinte padres". E o arcebispo dizia isso quando vinte padres representavam cerca de 10% de todo o clero dos Estados Unidos[24].

M. Matthieu Hérard, também ele refugiado da Guyana, trabalhou nas ilhas Vierge, Martínica e nos Estados Unidos, incluindo Pittsburgh. Embora trabalhando em lugares de grande pobreza, fez dons consideráveis aos sulpicianos, aos carmelitas de clausura de Baltimore e ao Seminário do Espírito Santo. Deu a M. Bertout, Superior Geral, o dinheiro necessário para abrir o primeiro seminário menor das missões em França (mesmo ao lado da casa mãe). Teve de viver muito frugalmente para fazer tais dons[25].

Pode-se ver por estes exemplos (e poderíamos acrescentar muitos outros), como os espiritanos de ontem viviam a sua vida apostólica, tendo por fundamento a disponibilidade evangélica diante de Deus e dos homens. Nas situações concretas da sua vida, estavam à escuta do Espírito Santo, antes de tudo escutando a voz dos seus superiores e, depois, quando eram dispersos pela perseguição, procurando nas diversas situações o apelo evangélico que lhes era dirigido nos acontecimentos concretos.

O Espírito sopra onde quer

Regressemos por um instante, para terminar, a M.Hérard, o último missionário espiritano do século XVIII que trabalhou no Novo Mundo. Embarcou para França em 1837 para celebrar as suas Bodas de Ouro com os seus confrades de Paris. Em 1839, quando visitava a família, morreu na sua aldeia natal de Ampuis, perto de Lião, a 17 de Outubro de 1839, com a

[23] Carta de M. Lanoë a M. Becquet, Superior Geral, 6 de Novembro de 1784, Arquivos CSSp. 4-B-III(cópia). Admirar-se-á a arte da prática do imperfeito do conjuntivo.

[24] Henri J. KOREN, (1983). A Spiritan who was in North America and Trinidad. Pittsburgh: PA, notice 24: 11-12. Jean François Moranvillé nascera em 1760 em Cagny, perto de Amiens onde morreria a 16 de Maio de 1824.

[25] H.J. KOREN, Knaves: 149, 160 ss.

idade de 75 anos[26]. Alguns dias mais tarde - e o acaso desta coincidência bem poderia aqui chamar-se com outro nome - , a 28 de Outubro de 1839, Libermann, mestre de noviços dos Eudistas, em Rennes, recebia "alguma ténue luz" encorajando-o a juntar-se à "Obra dos Negros" ao lado de Le Vavasseur e Tisserant. Dentro em pouco viajaria para Roma para aí apresentar o projecto, e a abertura do noviciado dos Missionários do Sagrado Coração de Maria em La Neuville, perto de Amiens, a 17 de Setembro de 1841. E sete anos mais tarde, com a "fusão" de 1848, Libermann devia tornar-se o 11º Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, renovando-a por um espírito de disponibilidade evangélica, de pobreza e de atenção aos sinais do Espírito Santo, numa espantosa continuidade com a tradição espiritual recebida de Poullart des Places.

(Tradução: Domingos Neiva, CSSp)

[26] H.J. KOREN, A Spiritan who was. op. cit., notice 26, 13-14: 10.

Alfredo Teixeira*

a religião na américa latina

Notas de leitura

Tudo o que nas últimas duas décadas diz respeito aos processos de identificação e expressão religiosa na América Latina encontra-se entre os interesses mais mobilizadores dos investigadores que trabalham no domínio da sociologia e da antropologia das religiões. Mais do que os movimentos políticos e sindicais, as guerrilhas revolucionárias, parece ser aquele aspecto da sociedade o lugar de todas as paixões pelo conhecimento. Neste texto reúnem-se, ao jeito de notas de leitura, dados relativos às linhas recentes de investigação. Essas linhas têm-se concentrado no terreno do que se chamará a latinização dos pentecostalismos e carismatismos cristãos.

Heranças do catolicismo barroco

Em termos históricos é necessário ter em consideração que essa região do planeta tem uma história moderna com traços comuns — nomeadamente no que à identidade religiosa diz respeito. Sobre os escombros das sociedades pré-colombianas, no contexto de um choque civilizacional e de profundas alterações demográficas, o catolicismo construiu uma visão do mundo e organizou um conjunto de práticas simbólicas, preservando alguns elementos autóctones, que se vieram a inscrever nas práticas devocionais típicas do catolicismo barroco.

Mas essa herança aproximadora não inviabilizou a constituição de um mosaico de diversidades: esse catolicismo devocional conviveu e convive com coisas tão heterogéneas como práticas de religiosidade habitualmente classificadas como afro-brasileiras, práticas xamânicas e outras, Acção Católica, Comunidades Eclesiais de Base, carismatismos católicos e protestantes. Um conjunto muito diferenciado que encontrou nas representações marianas um lugar de equilíbrio e estabilização tal como mostrou a investigação de Gruzinski (cf. 1999).

Desde a época colonial que o protonacionalismo latino-americano se estruturou em torno de cultos marianos que, sob o ponto de vista político, foram frequentemente apropriados enquanto mitos fundadores do Estado-Nação. Em sociedades tão fragmentadas sob o ponto de vista étnico, sócio-económico e regional, o catolicismo serviu as estratégias que visaram sustentar as identidades nacionais ainda frágeis. Assim, em algumas destas sociedades, foi lenta a abertura ao pluralismo religioso.

* Alfredo Teixeira, Mestre em Teologia (UCP) e Doutor em Antropologia (ISCTE), Professor na Faculdade de Teologia (UCP) e Investigador no Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa.

O pluralismo

As rupturas que romperam com essa situação são, como o mostrou Jean-Pierre Bastian (cf. 2001), de dois tipos: pelo topo e pela base. No primeiro caso encontramos, ainda no século XIX, os movimentos liberais, e as constituições que se lhes seguiram, reivindicadores de um modelo de regulação laicizado, com abertura para a liberdade de culto (v.g. México 1861, Colômbia 1863), abertura que permitiu em vários países a constituição de associações religiosas (protestantes, espíritas e teosóficas) e milenaristas (Cícero, Conselheiro, Santa de Cabora). Algumas dessas associações fizeram corpo com outras contra os "nacionais-catolicismos". Mas essa ruptura pelo topo não afectou de modo significativo o campo religioso pragmático. A centralidade do catolicismo viu-se até reforçada em algumas sociedades por oposição à força laicizante de algumas políticas estaduais (v.g. México, Uruguai). As sucessivas consagrações das nações sob evocações marianas e ao Sagrado Coração de Jesus, polarizadoras da identidade nacional, criaram uma identidade popular pouco permeável às ideias liberais (cf. Cardenas 1992: 190-194). Talvez por isso, os protestantismos históricos, durante várias décadas, recolheram os seus crentes sobretudo nos sectores liberais das sociedades latino-americanas.

Este contexto permite perceber, assim, porque é que, até aos anos 50, não chegava a 1% a percentagem de população que se identificava com um grupo religioso não católico — em muitos casos tratava-se de minorias religiosas muito activas sob o ponto de vista político, mas com um impacto diminuto na estruturação do campo religioso. Até à realização do primeiro Conselho Episcopal Latino-Americano (1955) a situação não sofreu grandes alterações, mesmo nos países onde a liberdade de culto, sob o ponto de vista jurídico, estava claramente consagrada (cf. Cardenas 1992: 260).

A Igreja Católica na América Latina conseguiu, dentro de certos limites, sobretudo em torno da força da imagem mariana, uma certa capacidade reguladora que, no entanto, nos últimos tempos tem sofrido alguma erosão. Em muitos países se tornou evidente uma espécie de concorrência entre instituições e formas religiosas diversas já não integráveis na banda larga do catolicismo latino-americano. Estas sociedades encontram-se, sob o ponto de vista da identidade religiosa, num período complexo de desregulação e recomposição.

Esta transformação começou, não de forma homogénea em todas as nações, a partir dos anos 50. Os investigadores falam a este propósito de "explosão" (cf. Martin, 1990), referindo-se a esse fenómeno de proliferação de movimentos religiosos de origem norte-americana, europeia, japonesa, e outros de origem latino-americana. Os números relativos à Costa Rica podem aqui ser elucidativos: em 1950, praticamente 99% eram católicos; em 1997, 77% são católicos, 18% são evangélicos, 3% pertencem a grupos para-cristãos, e 1% distribuem-se por outras posições religiosas. No plano regional, os dados estatísticos de 1990 para o Estado de Chiapas, no sul do México, revelam que os católicos não ultrapassam 67,6%, que os evangélicos contam com 16,2, os para-cristãos 1,8%, e os sem religião 12,7%; na província de Concepción, no sul do Chile, em 1992, os católicos chegavam

aos 60,3%, os evangélicos aos 26,3%, os para-cristãos aos 4,08% e os indiferentes e ateus aos 8,4%. Em várias regiões houve acentuadas mudanças na distribuição da confissão e pertença religiosas, por vezes mais significativas do que aquelas que se exprimem nas médias nacionais.

Conhecedor reputado das mudanças religiosas que habitaram o continente sul-americano nos séculos XIX e XX, Jean-Pierre Bastian aponta para quatro factores determinantes neste processo de transformação (cf. 2001: 184):

- a transnacionalização do religioso depois da Segunda Guerra inscreve a América Latina numa tendência mundial de difusão multilateral do religioso;
- a destruição das economias tradicionais, sob o impacto das políticas estaduais e a expansão da economia de mercado, favoreceram a deslocação de massas populacionais para as cidades, atingiu também a estabilidade das identidades religiosas herdadas, abrindo caminho a recomposições identitárias de tipo sectário;
- a perenidade de uma sociedade dual, profundamente desigual favoreceu a proliferação de neocomunitarismos religiosos;
- uma lógica de mercado generalizado, radicalizado pela globalização, estimula a produção e circulação de bens simbólicos e permite até a exportação de produtos simbólicos, tipicamente latino-americanos, para fora dessa geografia.

Assim, tal como tem acontecido em diversas sociedades europeias, mas talvez de forma mais complexa na América Latina, a diminuição da capacidade de regulação das identidades religiosas, por parte das instituições religiosas, é um processo que vai a par de uma pluralização vincada da oferta de bens simbólicos religiosos. Neste contexto, os investigadores usam frequentemente a categoria de mercado para caracterizar as relações de concorrência que se descobrem no domínio da oferta de sentidos religiosos.

Uma outra "guerra de religião"?

Este problema é particularmente relevante no terreno da religiosidade emocional que a última vaga pentecostalista implementou. Recorde-se que até meados do século XX o pentecostalismo na América Latina viveu fundamentalmente das influências vindas do espaço anglo-saxónico. Ora esta última vaga corresponde já a um paradigma diferente: a autoctonização do pentecostalismo, que é neste caso, uma latinização desse modelo de religiosidade (Bastian, 2001: 188s;) .

Até aos anos 70 o discurso da Igreja Católica era de denúncia, qualificando os agrupamentos pentecostais de seitas desviantes. Neste quadro, as clivagens situavam-se na dupla polarização em torno do catolicismo devocional e aquele outro que se exprimia numa militância "basista" (Comunidades Eclesiais de Base). Mas os anos 80 conheceram o progresso de uma corrente de pentecostalização do catolicismo. A expansão do Renovamento Carismático Católico, mesmo não reunindo o consenso na hierarquia católica, é vista pelos investigadores como resultado de uma necessidade de

adaptação a essa situação de concorrência. Num inquérito realizado em 1993 mostrava-se que os estudantes nos seminários católicos estavam já muito mais próximos das correntes carismáticas do que das teologias da libertação (cf. Prandi, 1997).

Tanto em contexto evangélico como católico, o pentecostalismo revelou sempre um particular interesse pela comunicação mediática. No terreno católico, sublinhe-se a multiplicação dos padres cantores. Entre os nomes mais conhecidos refiram-se os padres Alfaro e Enrique na Costa Rica, I. Periés na Argentina e M. Rossi no Brasil, caso muito comentado em Portugal. O caso do Pe. Rossi mereceu a atenção de alguns investigadores, fora e dentro do Brasil. O contacto recente com um estudo realizado por um investigador brasileiro, André Ricardo de Souza, pode ser esclarecedor. Em Portugal, o facto da Igreja Católica se apresentar socialmente como aquela que pode gerir a "religião comum" condiciona a percepção destes confrontos. Na sociedade portuguesa, de certa forma, quase todos são católicos ou pós-católicos. No entanto, esses confrontos podem ser autênticas "guerras de religião", não como aquelas que fizeram sangue, mas como as de hoje que se vivem sob a lei da concorrência no mercado.

Ora, nos anos 90 a Igreja Católica no Brasil foi confrontada com uma nova vaga neopentecostal e com uma acelerada desafectação de fiéis. Um levantamento feito a pedido da Igreja Católica pelo CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) na Arquidiocese de São Paulo, mostrava que entre 1989 e 1996 o número de matrimónios tinha caído para metade e que o número de adolescentes que receberam o sacramento da crisma era inferior a um terço da quantidade de crianças baptizadas, o que denuncia essa dificuldade que a Igreja Católica experimenta, nas suas instituições locais, na gestão de todo o processo de transmissão religiosa até à adolescência (O Estado de S. Paulo, 14/03/98).

É interessante que a imprensa brasileira desse conta de um debate interno entre padres, bispos e outros agentes acerca deste fenómeno. Isso significa que, no Brasil, a Igreja Católica não faz aquele jogo institucional e diplomático que esconde os seus debates internos, os seus dilemas, as suas clivagens. Frequentemente, na Europa, a hierarquia católica vê a exibição pública das suas clivagens internas como uma amostra de fragilidade, ignorando que essa capacidade de construir dentro das próprias Igrejas um espaço público é uma condição para evitar o isolamento do catolicismo nas sociedades democráticas pluralistas.

O estudo que aqui se refere mostra uma Igreja Católica a debater explicitamente as formas de manutenção de sua presença no cenário religioso e de recuperação da sua influência moral na sociedade. Anteriormente, os debates centravam-se muito nas tomadas de posição crítica perante os governos. Mas isso mudou profundamente durante a década de 90. Em Agosto de 1995 o Seminário da Pontifícia Comissão para a América Latina, realizado em Petrópolis, debateu propostas em torno da "acção evangelizadora da família diante do desafio das seitas". Aconselhado por especialistas na área dos estudos sobre religião, o episcopado católico deixou de designar as denominações

evangélicas de seitas. Isso aconteceu praticamente a partir da 2ª Conferência Geral da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (Cehila) e da 17ª Assembleia da Conferência dos Religiosos do Brasil, ambas ocorridas em Julho de 1995. Em Dezembro de 1996, foi lançado o Projecto "Rumo ao Novo Milénio", um documento que apontava claramente o objectivo de aumentar o número de católicos praticantes, pondo em destaque que a adesão religiosa já não era apenas uma herança familiar.

É curioso observar que os dados apresentados pelo estudo tornam evidente uma considerável alteração de posição face a esse fenómeno que fez correr muita tinta: "A Igreja Universal do Reino de Deus". Dir-se-ia que, de abominável passou a exemplo a observar. O padre António Carlos Frizzo, então subsecretário regional da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), concluia que a Igreja deveria recuperar alguns rituais da sua tradição para ir ao encontro dos fiéis que procuravam a Igreja Universal — referia-se às antigas bênçãos das velas, das mulheres grávidas, aos cultos marianos, e a todo um conjunto de devoções populares que os agentes de pastoral tinham, nuns casos, deixado cair, noutros, combatido (Jornal do Brasil, 18/02/1996). Crescia a necessidade de exibir um culto festivo com uma linguagem muito simples, com recursos que permitissem a constituição de assembleias em que a "experiência de Deus" se tornasse visível na expressividade emocional

O uso das "armas do inimigo" passou a ser explícito depois que a disputa da lealdade dos fiéis se tornou evidente. E isso terá acontecido a partir do célebre episódio do "chute na santa", em 1995. Nenhuma outra religião havia desafiado a Igreja Católica de forma tão desabrida como o fez Edir Macedo e o seu séquito. Ao assumir o confronto com a IURD a Igreja Católica contou com alianças importantes — veja-se o papel que desempenhou a Rede Globo de Televisão, interessada evidentemente em fazer frente à sua concorrente neopentecostal, a Rede Record (cf. Birman/Lehmann 1999)

João Paulo II foi ao Brasil pela terceira vez em Outubro de 1997. Celebrou uma grande missa no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro, com a presença de cerca de dois milhões de pessoas e a cobertura de grandes emissoras de TV, sobretudo da Rede Globo. A cidade foi preparada cuidadosamente para receber o Sumo Pontífice. Em resposta, a Igreja Universal do Reino de Deus protestou contra a isenção de impostos concedida às empresas que patrocinaram a visita do Papa, no quadro da "Lei de Incentivo à Cultura".

A "performance" do louvor

Neste contexto de confronto assistiu-se ao incremento de formas de espectacularização da reunião dos católicos, apostanto na performance de certos padres, e de outros agentes de pastoral, rentabilizando a sua capacidade de animação de grandes assembleias. A estratégia não é pacífica ainda hoje no catolicismo brasileiro. O fenómeno mais comentado nos últimos anos, cujo eco chegou a Portugal, talvez tenha sido o que acompanhou o padre

Marcelo Mendonça Rossi. Ordenado padre em 1994, aos 27 anos de idade, foi-lhe dada a responsabilidade pastoral da paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Santa Rosália, da diocese de Santo Amaro (zona Sul de São Paulo) onde ele já se tinha destacado no exercício como diácono pelos recursos festivos que introduzira nas celebrações.

As "missas de libertação" do padre Marcelo começaram a ganhar nome. Aconteciam às quintas-feiras e aos sábados. Em 1997, suas missas reuniam já por volta de cinco mil pessoas. Milhares de fiéis vinham de bairros e municípios periféricos, em busca de cura e de outras graças — a rua tornava-se prolongamento da igreja, facto que veio a causar alguns problemas que os moradores na zona não toleraram. Os vizinhos protestaram, ameaçando fazer um abaixo-assinado e instaurar uma acção judicial para que as missas do padre Marcelo fossem removidas daquele lugar (Já, 23/11/1997).

Ao longo de 1997, os seguidores do padre Marcelo não pararam de crescer. Muitos passaram a seguir o padre, marcando presença onde quer que ele se encontrasse. Nessa época ele já recebia cerca de 3 mil cartas por mês. No dia 2 de Novembro de 1997 ele foi a principal atracção para as 100 mil pessoas que se juntaram num encontro sob a designação de "Sou feliz porque sou católico", no estádio do Morumbi — cerca de 30 mil pessoas ficaram de fora do estádio, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos através de um carro de som.

A presença destas multidões obrigou-o a procurar um lugar adequado. O local, com espaço para 20 mil pessoas, era conhecido na época como o Gonzagão, e ficava situado no bairro de Santo Amaro. Com a presença de cerca de 10 mil participantes, a manhã de 12 de Fevereiro de 1998 assistiu à transformação religiosa desse local. Segundo notícia de O Estado de S. Paulo, 90% de mulheres dos participantes eram mulheres que levavam carteiras de trabalho dos maridos e filhos desempregados, além de garrafas de água, sal, óleo, fotos e roupas de parentes doentes para serem abençoados. Segundo o padre Rossi aquele local "transformou-se de palco em altar, de lugar de shows em lugar santo" (O Estado de S. Paulo, 13/02/98).

Mas também o Gonzagão se tornou pequeno. Cada vez com mais multidões atrás de si, Marcelo Rossi procurou um espaço ainda maior. Em 31 de Maio de 1998 ele presidiu à missa numa antiga fábrica desactivada, em Interlagos, para uma multidão estimada em 40 mil pessoas. O novo espaço, com 20 mil m2, foi oficialmente inaugurado na manhã do domingo seguinte, 7 de Junho, com a presença de Dom Fernando Figueiredo e foi baptizado com o nome de Santuário do Terço Bizantino. As missas passaram a ser celebradas ali às quintas-feiras, de manhã e à noite, e aos domingos, de manhã e à tarde. Cinco meses antes, no dia 1 de Fevereiro de 1998, antes mesmo do Padre Rossi transferir suas missas da igreja paroquial de origem, foi inaugurado o maior templo da Igreja Universal do Reino de Deus, em São Paulo. Tal templo foi concebido para receber até 10 mil pessoas sentadas, dispondo também de espaços para estacionamento, berçário, escola bíblica e uma loja para vender bíblias e produtos ligados à IURD. Mas o mais relevante diz respeito à sua localização: no bairro de Santo Amaro,

muito próximo do local onde viria a ser montado o Santuário do Terço Bizantino. No Santuário do padre Marcelo também havia cuidados quanto ao estacionamento, também se vendiam bíblias, terços, livros, CDs e cassetes video. A proximidade dos templos parecia denunciar claramente que estávamos perante uma nova "guerra de religião", não como as do passado, mas segundo as novas leis do mercado e do marketing.

É claro que não faltaram estratégias para mostrar que o carismatismo católico não se confundia com o pentecostalismo protestante. A Conferência Epicopal brasileira emitiu orientações pastorais, visando essa diferenciação. É possível encontrar na emocionalização do crer, no interesse por práticas taumatúrgicas, traços de muita continuidade entre esses dois universos, mas também se torna evidente que há núcleos simbólicos de vincada heterogeneidade. Do lado católico, a devoção mariana constitui um traço diferenciador. Por outro lado, uma certa aliança entre piedade e prosperidade permanecerá como uma característica do idioma religioso do pentecostalismo evangélico (cf. Prandi, 1997; Corten 1995).

Em todo este percurso há um aspecto muito importante a sublinhar: a autoctonização latino-americana da sensibilidade pentecostal e carismática não conduziu ao aprofundamento de uma certa privatização do religioso. Pelo contrário, esse processo concretizou-se num claro avanço da religião no espaço público. O paradigma da eurosecularidade não parece poder concretizar-se da mesma forma nas sociedades da América Latina. Aí a religião tem uma relevância pública, e portanto política, que desmente os diagnósticos modernos que a empurravam para a esfera das religiões.

Bibliografia

BASTIAN J.-P.

1994 *Le protestantisme en Amérique Latine. Une approche socio-historique*, Genève: Labor et Fides.

2001 *La recomposition religieuse de l'Amérique latine dans la modernité tardive, in J.-P. BASTIAN, dir., La modernité religieuse en perspective comparée. Europe latine – Amérique latine*, Paris: Karthala 2001, 181-197.

BIRMAN P., D. LEHMANN

1999 *Religion and the Media in a Battle for Ideological Hegemony: the Universal Church of the Kingdom of God and TV Globo in Brazil*, in: Bulletin of Latin American Research 18/2, 139-144.

CAMPO MACHADO M. das Dores

1996 *Carismáticos e pentecostais. Adesão religiosa na esfera familiar*, São Paulo: ANPOCS.

CARDENAS E.

1992 *La Iglesia hispanoamericana en el siglo XX (1890-1990)*, Madrid: Mapfre.

CIPRIANI R., P. ELETA, A. NESTI (ed.)

1997 *Identità e mutamento nel religioso latinoamericano. Teoria e ricerche*,

Milano: Francoangeli.
CORTEN A.
1995 *Le pentecôtisme au Brésil. Émotion du pauvre et romantisme théologique*, Paris: Karthala.
GRUZINSKI S.
1994 *La guerra de las imágenes. De Cristobal Colón a "Blade Runner" (1492-2019)*, Mexico: Fondo de Cultura Económica.
KLEIBER J.
1997 *Iglesia, dictaduras y democracia en América Latina*, Lima: Pontificia Universidad Católica.
MARTIN D.
1990 *Tongues of Fire. The Explosion of Protestantism in Latin America*, Cambridge: Blackwell.
PRANDI R.
1997 *Um sopro do Espírito*, São Paulo: EDUSP.
SOUZA André Ricardo de
2001 *A renovação popularizada católica*, in: Rever 1/4, 46-60.

3 5282 00646 4021

Duquesne University
3 5282 00646 4021

ANTÓNIO FARIAS
Os Espiritanos na América Latina

MARIA APARECIDA MEIRELES CARDIAIS
Missão das Espiritanas no Brasil

LUÍS PEDRO ADEGANHA
O Evangelho na Cidade

ADALBERTO FERIZINI
Inícios da Missão Espiritana na Bolívia

PEDRO IWASHITA
Missão Espiritana no contexto Eclesial da América Latina

ALBINO VITOR M. OLIVEIRA
Missão Espiritana no Paraguai

DAVID REGAN
Espiritualidade Latino-Americana para o nosso tempo. Uma lição para o Mundo?

MARIA JESUS DE SOUZA
Experiência e perspectiva Laical da Missão Espiritana na Bolívia

GUILLERMO GIL-TORRES
Solidariedade interna e internacionalidade

HENRY J. KOREN
Reflexão sobre o Carisma Espiritano de 1703 a 1839

ALFREDO TEIXEIRA
A Religião na América Latina